

ensuramos a obscuridade, se não a nossa curta intelligencia.

Quizeramos tambem, que o A. fallasse mais explicitamente, quando diz (1), — «durante os dous ultimos seculos foram descubertos (no Evangelho) muitas e importantes verdades latentes, que estão agora tão claras como a luz do dia.» Ignoramos de que verdades nos falla o A: se é das interpretações dos Protestantes, não lhe cabe o nome de verdades; se d'esses principios de progresso de que o A. se occupa em toda a secção 4.^a do 2.^o capitulo, tambem não somos da sua opinião. Deixaremos de parte o mysticismo prophético á cerca dos principios moraes reservados no Evangelho para se manifestarem ás gerações vindouras; confessaremos que (2) «quem comparar o estado actual da sociedade de Inglaterra, Hollanda, e Franca com o em que estava ha trezentos annos, verá que ella tem feito mui rapidos progressos; e a vasta machina ainda se move com accelerada velocidade. Começam a germinar no espirito dos discipulos de Christo principios que produzem planos de energia benevolencia, que tem por fim promover os principaes interesses da humanidade; principios que, sasonados os seus fructos, mudarão a face do mundo e introduzirão nelle a soberania (3) da caridade e farão feliz o genero humano; porque reinarão Deus e o seu Christo sobre as almas dos homens.

Mas esses principios não são novos; essas tendencias não contam dous seculos sómente de existencia. Desde que a Cruz foi arvorada no frontispicio dos templos, os distinctivos das raças caíram no opprobrio: no palacio, e na choupana, onde foi esculpido aquelle emblema da caridade, já não moram oppressor e opprimido; moram dous irmãos

que na hora da angustia mutuamente se auxiliam com os meios que a fortuna poz á sua disposição. Foram estas tendencias muitas vezes suffocadas, é verdade, pelos que de christãos só tinham o nome; mas os principios não podiam morrer; eternos como a verdade que enunciam, passaram incolumes aavez dos seculos de barbaridade e ignorancia, e no principio do decimo nono alcançaram completa victoria dos hypocritas, que já em nome da Religião, já em nome da Philosophia pertendiam sophisma-los.

Ultimamente na pagina 110 encontramos estas expressões: «Os Apostolos de Christo dizem que 1260 annos duraria o imperio do Anti-Christo desde o seu principio até a sua queda.» Ora sabido é que os Protestantes usando do usurpado direito de interpretar os livros sagrados, em lugar de dizerem simplesmente, como o Apocalypse, que o reinado do Anti-Christo será de 1260 dias, fazem dos dias annos. Não censuraremos esta interpretação, que se pudera auctorisar com outros logares das sagradas paginas, se acaso ella tivesse por fim dar ás palavras do Evangelista um sentido mais claro; mas como auxilio da calumnia, rejeitamo-la com desprezo. Luthero, que em todos os seus escriptos clamou sempre que o verdadeiro Anti-Christo era o Papa, fez introduzir esta fatuidade no synodo de Smalcaldia em 1537, a despeito das energicas recusações de Melancton para não subscrever a semelhante doutrina. Já Wicief, e Gerberto tinham dado ao Papa o mesmo titulo, mas só em tom declamatorio, e todavia as suas proposições foram condemnadas (4) Mas os Protestantes não quizeram que semelhantes expressões podessem julgar-se declamações vagas; dogmatizaram-nas, estabeleceram-nas por artigos synodales. No syno-

(1) Pag. 90.

(2) Vid. pag. 117.

(3) Vid. pag. 117 Alli diz-se soberania da razão e da caridade; não admittimos a primeira no seu

tido em que a tomam os Protestantes.

(4) Prop. 30 de Wicief condemnada no Concilio de Constança. A' cerca do segundo vid. Baromio an. 192.

do, que em 1603 os Calvinistas celebraram em *Gap no Delfinado*, lê-se o artigo 31 de confissão de fé da forma seguinte: «O Papa é propriamente o Anti-Christo, o filho da perdição designado nas sagradas letras, a besta vestida de purpura que o Senhor despedaçara.» E no capítulo da disciplina continúa: — «porque muitos se enquietaaram de que o synodo chamasse ao Papa Anti-Christo, o synodo protesta, que esta é a crença e confissão commun de todos nós; e que este é o fundamento de nossa separação da Igreja Romana, fundamento tomado da Escriptura, e sellado com o sangue de tantos martyres.» Ora eis aqui o fim para que os Protestantes, insistem em dar ao reinado do Anti-Christo 1260 annos de duração, porque neste espaço julgam muitos que poderá abranger-se a duração do *Papismo*.

José Medo em Inglaterra, e Jurieu na Hollanda entretiveram-se desgracadamente no seculo passado com esta idea, que até os Protestantes de *Genebra* se não envergonharam de consagrar por uma inscripção publica, ridicula aos olhos de todos os viajantes sensatos. Por todos estes pensamentos divagámos, quando liamos as palavras da pagina 110; mas não podiamos acabar com nosco, que *David Bogue*, homem de parecer tão sensato, tivesse naquellas palavras a má tenção de recordar uma idea tão mesquinha. E nós passaríamos de leve por sobre ellas, dar-lhe-hiamos inteiro perdão, se não vissemos por toda a sessão 7 do cap. 6 (1) reproduzida aquella idea, a par de diatribes indisculpaveis contra a Igreja Catholica e seu Chefe.

Dêmos o nosso juizo com franqueza, louvamos o que em nosso entender o merecia, indicamos como pe-

(1) Este capítulo ainda não está traduzido, e sabemos do traductor da obra, que o não será. Folgamos de annunciar isto, como testemunho dos sentimentos de pura orthodoxia, que animam o habil traductor.

rigoso o que julgamos filho de convicções mal fundadas, e mais dignas de lastima que de censura; porém censuramos energicamente pensamentos, que sobre erroneos, mesquinhos, revelam sentimentos de intolerancia no animo de um christão, aliás tão sensato, e instruido.

A pezar de tudo isto, lida esta obra com cautela, faltariamos á verdade, e ao dever de critico, se não a recomendassemos a todos os homens, que se quizerem instruir sobre uma parte dos motivos da sincera e verdadeira fé em Jesus Christo.

G. de A.

ENEIDA DE VIRGILIO.

TRADUZIDA POR

José Victorino Barreto Feio.

Difficil tarefa se impoz aquelle, que de uma lingua alhea quiz transladar para a sua os pensamentos de qualquer escriptor! Além das diversas indoles, das graças especiaes, da abundancia ou mingua proprias, dos variados rithmos, e de mil outras circumstancias peculiares a cada lingua e sem as quaes o pensamento não fica perfeito, além d'isto, o traductor tem de luctar ainda com a natureza, ordem, formação, e deducção das idéas, que tanto dependem do homem que as concebe, e este da esphera mais ou menos dilatada das suas faculdades, da educação que recebem, dos costumes da sua patria, da epocha a que pertence, e finalmente até do clima sob que nasceu e viveu.

Já não é pouco sentir bem, comprehender cabalmente um auctor conterraneo; quantas vezes lhe suppomos idéas que elle não teve! mas quando se trata de entender, e, mormente, de vestir de novo os pensamentos já expressos n'outra linguagem,ahi é que todas as difficuldades se reuñem, e que raro se venhem: — *sem scião* pôde-se dizer que

nunca. A melhor traducção será sempre ao pé do original o mesmo que o reflexo ao pé da luz, que o cadaver galvanizado ao pé do homem vivo.

Por mais que uma lingua se saiba, estes tropeços permanecem sempre: — que importa que o pintor seja primoroso? onde está o *Apelles* de quem possamos dizer — estes traços valem um homem? — o pintor traduz, o traductor pinta.

E que difficil não é o saber a sua? quantos são os que sabem a sua? quantos os que sabem a sua e a alheia? — aquelle monarcha de Hespanha dizia bem, *quem tres linguas sabe, tres homens val*; todo o milagre está em achar esse homem que valha por tres, ou sequer por dous.

Tudo isto que se dá com as linguas vivas, tambem se dá com as chamadas mortas, e em gráu mais subido, porque já não ha quem possa desfazer uma duvida, ou confirmar uma opinião; lá já-zem no sepulchro todos os que o podiam fazer. Quem valerá, muitas vezes, ao traductor diante d'um idiotismo pouco vulgar, pouco conhecido, mas do qual depende toda uma passagem? soccorrer-se ha aos Dicionarios? mal vai áquelle que assim traduz, o Dicionario é o livro que o traductor deve abrir menos vezes: irá folhear os mestres da lingua, os escriptores coevos? sim, é o melhor arbitrio, mas essas obras a que elle pede conselhos são outras tantas lapides funerarias; pôde ler-se a inscripção mas o morto não a pôde explicar; — os livros fallam, mas não ouvem.

Se por cima de todas estas cadeas lançarmos ainda uma derradeira, veremos então o traductor maneado de todo: — queremos fallar da poesia. Traduzir um poeta, só outro poeta dos mesmos quilates o conseguirá. *Bocage* traduziu *Oridio* porque aquellas duas almas eram irmãs, porque aquelles dous espiritos se abraçavam como dous gêmeos, como duas vergontes do mesmo tronco. Se *Bocage* tivera a instrucção d'aquelle chegaria a ser *Oridio*, se este

a tivera tão minguada não passaria de ser *Bocage*; — a estrella era a mesma.

Com estas bases, que temos por verdadeiras, onde existe o homem que possa traduzir *Virgilio*? crêmos que só *Camões* fôra capaz de tanto, se em vez de se ornar com os louros d'outro não houvesse preferido ceifa-los para si, tão seus e formosos que o fizeram rival do cantor de *Eneas*.

Todavia tres traducções contamos já da *Encida de Virgilio*, em que os tres illustres traductores procuraram vencer os escolhos de tamanho empenho, e se nenhum os venceu todos, cada um d'elles venceu muitos: — cumpre-nos porém occupar-nos agora do que ultimamente appareceu, do Sr. *José Victorino Barreto Feio*.

Se a fidelidade só por si constituisse todo o primor de uma traducção nenhuma seria nunca mais primorosa que a do Sr. *Barreto Feio*; não ha, segundo nos pareceu, e com as poucas luzes que possuímos, não ha uma só idéa de *Virgilio* que o seu traductor nos não transmitisse, por secundaria, por pequena que seja, em todos os primeiros quatro livros que percorremos. O caracter lilial da nossa lingua, que nos torna mais facéis as traducções do latim, esse caracter analogo é conservado com tanto escrupulo e acerto que não ha louvor que lhe seja sobejo. Todas as vezes que o Sr. *Barreto Feio* pôde conservar o mesmo arranjo de frase, o mesmo estiramento de periodos, a mesma collocção de verbos, de orações incidentes, e todas as outras virtudes e vicios que ha na lingua latina, e que a portugueza herdou, nunca se descuidou de o fazer. Fez mais; foi buscar com preferencia as palavras mais homogeneas, mais unisonas, de modo que se visse, bem claramente visto, quanto a filha copiava as feições maternas.

Disse sempre por *bipotentibus* — bipatentes; por *ineluctabile* — ineluctabil; por *trisulcis* — trisulcas; e assim em milhares de outros termos, quando se

conservava a mesma força de dizer, ou quando a acceção não havia unidado.

Pode-se afoitamente afirmar que o *Sr. Barreto Feio* possui as duas linguas, e que forcejou para que a elegancia de uma se conservasse sempre na outra: — consegui-o, senão absolutamente, ao menos, tanto quanto basta para ser excepção um ou outro descuido em que notámos tibiesca e desalinho.

Como poeta é que o *Sr. Barreto Feio* não foi sempre tão feliz, nem admira porque para o ser como *Virgilio* não bastam conhecimentos, estudo, e talento acima do commum, é preciso aquelle dom preciosissimo que Deus envia pela boca dos anjos á alma d'um seu escolhido lá de seculos a seculos, e que hoje se chama — genio. Não queremos com isto dizer que não haja muitos logares em que o *Sr. Barreto Feio* não fosse poeta, e em que os seus versos lhe não s'issem verdadeiramente poeticos, pertendemos, porque somos justos, asseverar sómente que as Musas nem sempre lhe foram propicias, que abunda em versos frouxos, e até alguns de difficil medição.

Para exemplo d'esta falta daremos dous versos sómente:

(pag. 252, e 275.)

Sempre me hei-de lembrar com saudade

E o galardão naquelles que lembrão

São na verdade dous maus versos, além de demasiado prosaicos, tem os accentos da sexta syllaba tão desvantajosamente collocados que obrigam o leitor a parar, e repeti-los duas ou mais vezes para se convencer que não estão errados.

Tambem daremos agora exemplos a favor do *Sr. Barreto Feio*, e estes os poremos conjunctamente com o texto para melhor se lhes avaliar a belleza:

(pag. 121, e 120.)

Qualis ubi in lucem coluber, mala gramina pastus,
Frigida sub terra tumidum quem bruma tegebat,
Nunc positus novus exuviis; nitidisque juvena,
Lubrica convolvit sublato pectore terga
Arduus ad solem, et linguis micat ore trisulcis...

Qual, quando sabe á luz, tumida cobra,
Que debaixo da terra se escondera
Durante o frio inverno, e agora altiva,
Depois que de más hervas se ha fartado,
Despida a pelle antiga, o collo alçando,
Com lustro juvenil nitida e nova,
Ao sol a cauda lubrica revolve,
Abre a boca, a trisulca lingua vibra...

(pag. 237, e 236.)

At puer Ascanius mediis in vallibus acri
Gaudet equo; jamque hos cursu, jam præterit illos;
Spumantemque dari pecora inter inertia votis
Optat aprum, aut fulvum descendere monte leonem.

Mas no meio dos valles campeando
Em fogoso ginete, ledo lúlo
Já uns, já outros passa na carreira,
E entre o rebanho tímido quizera
Que espumante javardo lhe sabisse
Ou que fulvo leão dos montes desça...

Podéramos citar mais logares que nos agradaram, mas, na parte mechanica, devemos confessa-lo, não existe o mesmo merito que se encontra em tudo o mais, ha graves peccados contra a harmonia, e a metreficção não é sempre tão perfeita como fôra para desejar.

Estes reparos, que só fazemos por amor á verdade, não tiram á traducção do *Sr. Barreto Feio* o seu muito valor, nem farão, de certo, que não seja lida por todos os amadores das boas letras: — oxalá que elles, não desagradando ao seu benemerito auctor, o hajam de guiar na parte da *Eneida* que ainda resta, e que esperamos anciosos.

J. de Lemos.

A Reducção da Revista Academica declara a seus assignantes, que se alguma phrase allusiva ds opiniões politicas de seus concidadãos tiver apparecido nas columnas d'este jornal por haver escapado, talvez, á sua vigilancia, ella se não fez cargo de expressão alguma de semelhante natureza, e será para o futuro ainda mais escrupulosa a tal respeito.

O CONDE ALARCOS.

(*) (*Lenda Popular.*)

— « Que mulher d'estes meus reinos
Em teu logar choraria ! »
Dizia o rei de Castella
A' filha que se carpia.

— « Choro, Senhor, porque invejo
As cusadas » respondia.
« Dae-me, padre, com quem viva
Que me dareis alegria. »

— « Se houvesse um conde solteiro
Isso remedio teria,
Era-o só o conde Alarcos
Esse casou outro dia. »

— « Conde Alarcos, conde Alarcos
Era o esposo que eu queria
Mandareis chamar o conde
Jantarã com nosco um dia. »

— « Tão asinha fui chamado
Que quer vossa senhoria ? »
— « Quero dar-te por esposa
A minha filha Maria.

— « A princeza ! senhor rei !
Tamanho bem quem mer'cia ?
Mal peccado ! Tenho esposa
A Condeça que faria ? »

— « Eu quero morta a Condeça
Antes d'uma ave-maria. »
— « Mata-la ! Senhor, não posso
Que tambem eu morreria. »

— « Conde, faze o que eu te digo ;
Antes d'uma ave maria
Aqui trarás a cabeça
Nesta dourada bacia. »

— « Tão triste, vens, conde Alarcos,
O jantar que tal seria ? »
Perguntava-lhe a condeça
Que ao encontro lhe saia.

— « Má sina minha ! o jantar
Foi de morte ; esta bacia
Deve ter tua cabeça
Antes d'uma ave-maria.

El-rei quer dar-me outra esposa
Dar-me a Princeza Maria,
Deseja ver-te a cabeça
Nesta dourada bacia. »

— « Cal'te, cal'te, conde Alarcos
Tão feia acção quem veria ?
Matar-me assim ! antes freira
N'um mosteiro morreria. »

O povo chora nas praças
'stá de luto a fidalguia,
Os sinos dobram na Sé,
Deus do céu quem morreria ?

Morren el-rei de Castella
Máis a Princeza Maria,
Deus os matou, por tentarem
Separar quem Deus unia.

(*) Esta lenda, chácara, solão, ou como lhe quizerem chamar, ouvi-a gargantear em Coimbra, e assentei que a não devia deixar morrer entre o povo. Ali vai pois ; a tradição que conserva, estragando, tinha-lhe desfigurado muitas côres primitivas — uns versos errados — outros incompletos no sentido — alguns visivelmente desdizendo da

epoca de quasi todos. — Estes defeitos intentei suppri-los conservando tudo o que ponde, e modelando o que lhe accrescentei pela antiga singeleza. Como não achei nome à Princeza baptizei-a, e chamei-lhe Maria. Isto é bastante para dizer que não me responsabilizo pela verdade historica do Romance.

A. X. R. Cordeiro.

ENTUSIASMO DEVOTO PELA FESTA DO NATAL.

Silencio oh Povos ! Silencio. . . .
 Mudez, respeito profundo
 Abafe algum tempo as lidas
 O reboiço do mundo.

Nem sulque as ondas a proa,
 Nem Campos lacere a enxada.
 Extase Divino absorva
 Toda a Machina creada.

No ar livre solta a idea.
 Arranca veloz carreira. . . .
 Oh ! se os sentidos podéram
 Seguir-lhe a luzida esteira !

Ei-la tanto mar transpondo
 Já pousa na Plaga Eóa. . . . (a)
 Onde estamos ! não he esta
 De Sino a excelsa crôa !

Aquelle lanço de muro
 Não he da sancta Solima !
 Não he Siloe esta Fonte (b)
 Que Ara Sacra tanto estima !

Montanha das Oliveiras
 Não he esta, e o Moia aquelle !
 Aqui não he que a Torreente
 Do Cedron ondas propelle !

Ah ! que dita nos espera !
 Mais longe um pouco voemos :
 De Mystérios profundíssimos
 Que scenas encontraremos

Este Dia o rumo ensina.
 Convem Solima deixar :
 Posta só no Austro a mira
 Cumpre o Norte postergar.

Da Judea os altos serros
 Nos guiam pelo Occidente,
 Mar morto, e arabicos montes
 Nos seguem pelo Nascente.

Oh Cidade de David !
 Oh ! venturosa Belem !
 Hoje de entrar no teu seio
 Haveremos parabem.

Somos na estrada directa ;
 Já quasi ás portas batemos :
 Annuncios de que és já perto
 Diante dos olhos temos.

Eis o Rochedo em que Elias
 Das fadigas reponsava,
 E a Oliveira, a cuja sombra
 O rosto desencalmava.

Agora os Campos de Roma,
 Dos Filhos sorte cruel
 Inda parece que chora
 Neste tumulto Rachel (c)

Vedes este longo Valle
 Pedregoso, avermelhado !
 Figueiras nesta Colina,
 Oliveiras d'outro lado !

(*) Esta poesia achada entre outros papeis de pouca monta, destinados para embrulhos n'uma tasca, foi achada e remetida por um nosso correspondente que a salvou da perda.

Por nos persuadirmos que não corre impressa, e pelo nome do seu auctor a accetamos e publicamos tal qual nos foi mandada. As mais notas que a acompanham não são nossas, — vinham encorporadas no original.

Em quanto a esta poesia ser de João Evangelista parece-nos que o podemos affirmar, pelo empolado das ideas, e por um certo ar classico que o eximio poeta costumava empregar em todas as suas composições, e que nesta sobressai muito.

(a) Figura-se uma viagem ao Oriente, começando no monte Sion até Belem, pitando-se os objectos como hoje são segundo as ultimas noticias do bem conhecido Sabio e viajante Chateaubriand.

(b) Fonte nas faldas ou valle immediato a Sion onde Christo fez o milagre de dar vista ao cego. Os Levitas aspergiam agua de Siloe sobre o altar nas festas dos Tabernaculos cantando = *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.* =

(c) Apronta-se ainda em forma de Mesquita o tumulo de Rachel. = *For in Rama audita est, ploratus, et latus multus, Rachel plorans filios suos, et noluit consolari, quia non sunt.* = S. Malli. Cap. 2. v. 18. — Jerem. Cap. 31, v. 15.

Reparaes como no meio
 Não alto Monte domina !
 Nelle mora a quem buscamos
 Belem , Cidade Divina.

Tudo em torno é solidão ,
 Estragos, ruinas, damnos :
 Tudo meios nus Selvagens
 Ou descritos Muslmanos.

Tudo é barbaro por fóra :
 Mas dentro em seu seio a terra
 Oh que Encantos, que Grandezas ,
 Que Maravilhas encerra !

Subamos. . . Somos no Templo
 Em forma de Cruz talhado,
 De Columnas, Obra prima
 Do Sinzel Corinthio ornado.

Templo Augusto quantas vezes
 Por bruto ferro aluido ,
 E quantas outras aos Astros
 D'entre as ruinas erguido !

Altar dedicado aos Magos
 Nos mostra o alto da Cruz :
 E oh como do Altar na base
 Marmorea Estrella reluz !

Esta Estrella corresponde
 Ao ponto exacto do Cén
 Em que dos Magos a Estrella
 A carreira suspendeu. . . .

Mas : desçamos sem demora
 Aquella escada espiral :
 Por ella se desce á Gruta
 Que d'um Deus é chão Natal.

Já do Orgão magestoso
 Ressoa a harmonia rara :
 D'ella o Arabe attrahido
 Seus camelos desampara.

Coração que vas tu ver !
 Podes ter gosto de ti :
 Mas ai responde primeiro —
 Es digno de entrar aqui?

Será de Alexandre , ou Cyro
 Ou d'algun Profeta o berço ?
 Ou é do Deus dos Profetas,
 Do Rei dos Reis do Universo ?!

La fóra paixões infames
 Fataes delicias do Mundo. . . .
 Cabe aqui só da innocencia
 A flor, e o uectar jucundo.

Cherubins e Serafins
 Aqui foram a milheiros ;
 Se algum mais entrar é dado
 He a Christãos verdadeiros.

Ou a mim, que em dor partido
 Que em pezar rasgado o peito
 Por tanto funesto engodo,
 Tanto erro, tanto mau feito.

A' funda, azul negra chaga
 Que n'alma se abriu medonha,
 Balsamo venho buscar
 Contra o mal que me empeçonha.

Ah ! que horror me toma todio
 Como os cabellos se estacam !
 Como convulsos, e frios
 Os membros todos afracam !

Eu ver ! Céus !... e dais-me aos olhos
 Tão mais que muita licença !
 Eu indigna mesquinhez
 Aos pés da Grandeza Immensa !

Eu ver !... Sim vejo o marmor,
 Que o Chão, que as Paredes orna :
 Eis as bellezas, que a Mão
 Liberal d'Heleua entorna.

Alampadas trinta e duas
 De Monarchas brinde augusto
 O logar me estremam onde
 Nasceu por essencia o Justo.

Marmor com jaspe embutido
 Argenteo circulo em volta
 Com raios ao centro vindos
 É um Sol que raios solta.

No fulgor dos seus contornos
 Diz o letreiro esculpido
 • Aqui da Virgem Maria
 • Jesus Christo foi nascido. •

Em terra, joelho em terra. . . .
 Por esse chão nos prostremos,
 Por elle roçando os labios
 Osculos mil arrastemos.

Goração : daqui não saís. . . .
 Onde achar melhor Estrella?!
 A que eterna te alumia,
 Te esclarece, olha — é aquella.

Jesus Christo aqui nascido!
 Foi, foi aqui o Curral,
 Foi alli a Mangedoura
 O bafo do irracional.

Que reflexões, que suscita
 Este sitio sacro santo!
 Verga a mais alliva idea
 Ao peso d'assombro tanto.

Como assim nascer lhe aprouve
 Dos Céus, da Terra o Auctor
 No desprezo mais obscuro
 No abatimento maior!

O Christo ha quatro mil annos
 Por Profetas promettido,
 Figurado em Ceremonias,
 Por Justos appetecido!

Sello da Eterna Alliança,
 Arco Iris verdadeiro,
 Não esse que as nuvens pintam
 Na materia, e cor grosseiro!

Aquelle unico que a Deus
 Gloria restitue roubada;
 Que brinda os homens com paz,
 Paz até li não gozada!

Que do culto exterior
 Regeita o pomposo fausto
 Preferindo o culto d'alma
 Ao cruento do Holocausto!

Que do Judeo, e Gentio
 Uma só familia forma,
 Barbaro, e Grego emparelha
 Scylha, e Romano conforma!

Conquistador de Judá,
 D'Israel Libertador!
 Deus Incognito em Athenas!
 Dos Povos Legislador!

Que une a Terra com o Céu
 A carne sanctificando
 A carne em quem a gangrena
 Sem remedio ia lavrando!

Jesus Gloria do Universo!
 Splendor Maximo dos Céus!
 Eterno, Filho do Eterno!
 Jesus Homem, Jesus Deus!

E os Céus então não se abriram
 Quaes sobre Sinai outr'ora
 Tecendo de milhões d'astros
 Estrada rutiladora!

Ao clangor d'aureas trombetas,
 A rebombo de trovões
 Não annunciavam os Anjos
 A sua vinda as Nações!

Tremem do Cenaculo os eixos
 Mal sentem sua presença;
 E o Presepe sem abalo
 Acolhe a Grandeza Immensa!

Sim: porque mais a soberba
 Suas Victorias não dobre,
 Quiz ser de Cezar escravo,
 Quiz nascer humilde, e pobre.

Quiz ensinar-nos qual é
 A verdadeira Grandeza,
 Que egos nossos sentidos
 Chamam grande, o que é baixaza.

Que no gozo dos prazeres
 Assenta mal a ventura
 Porque logo ao enceta-los
 Nos trava fel e amargura.

Que a razão é temeraria
Quando ao Mysterio se arroja;
Que é só justa, se das azas
Em honra á Fé se despoja.

Que o das Eras promettido
Não é Messias Carnal
Sen culto, Gloria, e Doutrina
É tudo Espiritual.

Em novo Altar, novo Templo
Poem Victima, e Sacerdote;
E quem é? — é elle mesmo:
Porque as finezas esgote,

Oh Amor d'um Deus só digno!
Que te pode apreciar!
Toda a Eternidade é pouca
Para tanto amor louvar.

Pullulem dentro em nossa alma
Novas Virtudes tambem;
De mil paixões sacrificio
Complete-se hoje em Belem.

Esteril he quanto vêmos,
Esteril nossa jornada,
Se por fructo não tiramos
Uma vida reformada.

Eis honrados socios mens:
Ou sempre aqui nos fixemos,
Ou de um Deus nascido o affecto
N'alma jamais apagemos.

Cantemos Anjos do Céu,
E jámais se julgue assaz:
A Deus Gloria nas Alturas,
E na Terra aos Homens paz.

Feita por João Evangelista de Moraes Sarmento em 1819.

DO SYSTEMA PENITENCIARIO.

Quando reflectimos que são decorridos quasi doze annos, depois que nos nossos Principios de Direito Publico demonstrámos a falsidade dos varios systemas adoptados nas casas penitenciarias estabelecidas nos Estados-unidos da America septentrional, e, á sua imitação, em diversos paizes da Europa: quando pensamos que uma tão illustre assemblêa, como a Academia das sciencias moraes e politicas do Instituto de França se dignou de acolher com uma geral approvação a leitura que ha cinco annos nos fez a honra de escutar d'uma nossa Memoria sobre este assumpto; não é sem uma profunda confusão que lêmos e ouvimos pomposos elogios áquelles estabelecimentos; que nos Estados onde elles ainda não existem os Governos e os Parlamantos se occupam com grande empenho, da sua creação: versando unicamente a duvida sobre a preferencia que uns entendem dever-se dar ao systema d'isolacão perpetua, como se practica em Philadelphia, entre tanto que outros só julgam admissivel

a isolacão durante a noite sómente, como em Auburn.

Se não fosse a approvação geral dos muitos homens illustres pelas suas luzes, e respeitaveis pelo seu caracter, a cujo conhecimento tem chegado as nossas observações sobre os gravissimos defeitos d'aquelles estabelecimentos e os meios que havemos proposto de se evitarem; deveriamos receiar haver hallucinação da nossa parte. Mas na presença de uma tal unanimidade de votos insustentáveis, como se pôde explicar a persistencia em se adoptar qualquer dos dous mencionados systemas, uma vez que ambos laboram naquelles incontestáveis defeitos?

É porque seria preciso começar por algumas, aliás necessarias reformas, tanto no systema penal geralmente recebido, como na organisação do Poder judicial.

Resumiremos neste artigo as objecções que se nos offerecem contra os actuaes systemas; bem como as bases da reforma que em nossos escriptos havemos proposto: e os nossos leitores julgarão até que ponto se pôde justifi-

car a reluctancia que os Governos mostram a fazer na legislação penal e na administração da justiça criminal as reformas que exigem os melhoramentos por nós indicados na organização das casas penitenciarias.

As casas penitenciarias são destinadas para se obter pelos meios os mais acertados a correção dos criminosos. Não tem pois unicamente por fim despertar no animo dos convictos um arrependimento de seus crimes: nem basta faze-los alli passar por privações, incommodos, trabalhos ou enfim quaesquer rigores que lhes imprimam no animo um gráu de intimidação assaz forte para fazer esperar que, depois de restituídos á liberdade, elles não tornem a reincidir nas mesmas faltas.

Por mais sincero que seja o arrependimento; por mais forte que seja o terror de que, voltando á sua antiga situação, elles se achem possuídos, se não tiverem contrahido habitos contrarios áquelles que ontr'ora os precipitaram no abysmo da desgraça; se durante a sua estada na prisão elles não tiverem adquirido meios de fugir ao contacto impuro de companhias, como as que, sympathisando com os seus ruins instinctos, contribuíram para a sua perversão; os annos passados na casa penitenciaria, só terão servido para mais accenderem o seu desejo de vingança, pelas torturas que alli lhes tiverem feito soffrer.

Assim, do momento em que nós consideramos o systema penitenciario, como um meio de extirpar os antigos habitos viciosos do preso, substituindo-os por habitos não sómente virtuosos, mas taes que seja moralmente impossivel o regresso dos primeiros; é evidente que os meios empregados nas actuaes casas penitenciarias estão muito longe de poderem satisfazer.

Quatro são unicamente os meios que em todos elles se empregam; a saber: o silencio absoluto, desde o dia da sua entrada até á sua saída; salvo o que

for indispensavel practicar com alguns dos officiaes da casa sobre objectos de absoluta necessidade ou nas occasiões em que os Estatutos determinam que elles sejam visitados pelo Director, pelo Capellão ou pelo Medico do estabelecimento.

Consiste o segundo meio n'um incessante trabalho, não se lhes concedendo mais tempo de descanso do que o indispensavel para não succumbirem.

Terceiro: fazer-lhes algumas practicas, ora a cada um em particular no seu quarto; ora a todos junctos, por occasião das ceremonias religiosas. — A este tópico se pôde annexar o ensino do ler e escrever áquelles que o não sabem e se reputa estarem em idade de aprender. Tambem se ensina algum officio áquelles que ao entrar não sabem nenhum em que desde logo possam ser empregados.

O quarto meio, que se considera, como o principal é o da separação que alguns escriptores entendem dever ser perpetua e continua; outros porem que se deve limitar só ás horas do descanso.

Não se pôde duvidar que todos estes quatro meios são mui conformes á razão: e que sem elles nada se pôde esperar de melhoramento em homens mais ou menos corrompidos: e cujo contacto bastaria para acabar de perverter os que para alli entrassem apenas iniciados no crime; como a experiencia mostra nas galés e persigangas, e geralmente em todas as prisões, cuja existencia, durante tantos seculos, é um indelevel padrão de vergonha para nações que se gloriam de serem christãs e civilizadas.

Mas resta a examinar se bastam aquelles quatro expedientes; e se elles são empregados de um modo adequado para se obter o fim da emenda dos culpados e da repressão dos que se sentissem tentados a imita-los.

Se aos presos fosse licito entreterem-se uns com os outros, como é practica nas prisões usuaes, as suas practicas ver-sariam, como actualmente, sobre os

assumptos que lhes são familiares, tudo quanto ha de mais torpe e hediondo, na linguagem a mais asquerosa.

E se elles não poderiam conversar uns com os outros senão em taes assumptos: sobre quaes outros esperam os philosophos reformadores que, concentrados em si mesmos, cada um d'elles pense na sua terrivel solidão? Não podem fazer outra cousa senão recordar-se de seus horrosos crimes, e suas torpes orgias, nutrir e fortificar em seus corações o rancor que de todo o tempo tem votado á sociedade, e traçarem cada dia novos planos de vingança, para o momento em que findar o tempo marcado na sentença, ou aquelle em que se poderem evadir; porque tambem esse é um dos objectos das suas meditações.

Assim, em vez de arrependimento e emenda, essa tortura moral de isolamento e do silencio, a que elles se vêem condemnados, servem unicamente a fazer los passar alternativamente da raiva e dos projectos de evasão e de vingança aos transportes de cólera, por verem seus projectos e tentativas cada dia mallogrados. . . . Equando por fim se lhes abrem as portas da prisão, que esperam os nossos legisladores que elles façam? Que companhias imaginam que elles frequentem?

Eu não lhes posso fazer a injuria de suppor que homens de tanto saber se persuadam, que a tortura moral do silencio e da isolacão forçada, tenham por effeito fazer com que aquelles infelizes tenham adquirido e continuem gostosos o habito de não fallarem com ninguem, de fugirem de toda a sociedade.

Seria fazer-lhes ainda maior injuria o suppor que elles esperam que os desgraçados vão demandar a sociedade dos homens de bem, para se entreterem com ellos sobre os torpes assumptos que fazem todo o seu saber, porque na solidão do carcere não adquiriram novas idéas: e isso na unica linguagem que lhes é conhecida, porque não é durante um mulitumo de dez ou mais annos que elles tem podido aprender outra.

Mas se os defensores do actual systema penitenciario não caem no absurdo de admittir nenhuma d'estas supposições, commettem outro não menos grave de affirmarem, que o habito do trabalho adquirido na prisão os preservará das seducções d'essas más companhias.

Parece incrível que homens a quem o coração humano deve ser conhecido possam acreditar que doze annos de trabalhos forçados inspirem mais amor ao trabalho, do que doze annos de solidão e silencio forçado devem produzir de aversão á conversação e tracto com os outros homens.

Mas o que aquelles escriptores não ignoram é que os outros homens repellem da sua sociedade, não admittem o seu serviço, negam mesmo o trabalho ao desgraçado que sabem ter passado algum tempo nos ferros, mesmo por simples delictos quanto mais quando receiam que tenha sido por atrozes crimes?

Assim essas practicas de moral que, as mais da vezes, não foram comprehendidas, nem talvez escutadas: esse trabalho, tanto mais proprio a augmentar o horror que os homens viciosos tem ao trabalho, quando elle era forçado: essa immensa tortura moral da incommunicabilidade e do silencio, pelo modo como é applicado só póde ter servido a exacerbar e exaltar o rancor e a sanha que presuppõem já os crimes pelos quaes elles foram tão severamente castigados.

Não tendo que replicar a estas considerações fundadas, não só no conhecimento do coração humano, mas até no depoimento de innumeraveis pessoas que o tem consagrado na relação de seus soffrimentos, durante o tempo que passaram em semelhantes carceres; allegam os panegyristas do actual systema penitenciario com a estadistica dos resultados, donde elles dizem constar ser por extremo diminuto o numero de reincidencias.

Duas mui simples reflexões mostram a insubsistencia d'esta asserção: a pri-

meira é — que felizmente ha entre os condemnados a trabalhos forçados um grande numero que, sim commetteram delictos, mas que não tendo ainda ultrapassado certos limites, conservando ainda bastantes sentimentos de probidade, ficam sinceramente contritos, escarmentados, e completamente emendados.

Mas estes exemplos não podem servir de base para sobre elles se assentarem regras geraes. O systema penal deve ser organizado de maneira que não só corrija os que apenas são entrados nos caminhos do crime, mas tambem os que nelle se teem endurecido.

A outra resposta é — que as casas penitenciarias não estão estabelecidas ha bastante tempo para se poder colligir um sufficiente numero de factos deduzidos dos differentes grãos de perversidade, para se poder concluir, que ellas teem com effeito produzido os resultados que seus fundadores haviam tido em vista. Tanto mais que nos Estados-unidos, onde unicamente haveria já tempo de se ter formado um ensaio de estadística nese ponto; os homens estão no habito de passar de uns para outros Estados, e em serem obrigados a munirem-se de passaportes; que muito bem podem ter reñcido immediatamente em um ou mais Estados, sem que haja meio de saber que acabam de ser castigados no outro. É observação já feita por viajantes que visitando aquelles Estados em o fim de examinarem estes estabelecimentos e tendo entrado em mais niudas averiguações foram encontrar nas prisões de uns Estados, réus que elles mesmos tinham visto ou lhes constou terem saído das casas penitenciarias de outros.

Isto posto, depois de tributarmos aos illustres fundadores e promotores d'aquelles Estabelecimentos os louvores que lhes são devidos, e tomando por ponto de partida a necessidade de empregar os mencionados quatro expedientes; vejamos como nós entendemos que elles devem ser satisfeitos e completados, pois

que acabamos de reconhecer serem elles insufficientes. (*Concluir-se-ha.*)

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

RESUMO DE PRELEÇÕES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 179.)

VI.

Composição do Sangue.

Analyse qualitativa: —

Por meio da fustigação do sangue obtivemos a fibrina; e filtrando-o depois a travez do papel, separámos a parte globulosa da serosa; tractando esta pelo calorico obtivemos a albumina.

Fustigando com um molho de varinhas o sangue immediatamente que foi extrahido da veia, a fibrina adheriu ás varinhas e representava um fio dobrado em volta d'ellas: passado pouco tempo, não encontravamos na operação da fustigação resistencia; e porque já não adheria mais fibrina, concluímos que o sangue estava desfibrinado: uma porção d'este foi misturado com o duplo d'uma dissolução de sulfato de soda [marcando 17.º de Baumé]; outra com agua assucarada, e finalmente outras foram repartidas por diversas variedades de *papel de filtro*. A parte do sangue, que havia ficado nos filtros, offerecia uma superficie lisa, ainda mesmo quando olhada com attenção, porem vista com uma lente de tres vidros apresentava-nos uma superficie composta de pequenos globulos todos de igual volume, forma e côr. No soro do sangue, misturado com a dissolução salina, e n'alguns dos outros não podémos notar particula alguma rubra; porem no soro do sangue, misturado com a agua assucarada, e no obtido a travez de alguns filtros, se notavam particulas vermelhas, que manchavam a côr do soro.

Analyse quantitativa: —

De sangue arterioso e venoso de dous cães analysado pelo processo de Fignier,

e pelo que Andral emprega nos seus ensaios hematológicos, obtivemos, como termo medio de tres analyses que fizemos, o seguinte resultado —

Em 960 gr. de sangue venoso:

fibrina	2 $\frac{1}{2}$
globulos163 $\frac{1}{2}$
materias solidas do soro49
agua e principios volateis733
perdas42
	<hr/>
	960 gr.

Em 1080 gr. de sangue arterioso:

fibrina	3
globulos182
materias solidas do soro59
agua e principios volateis827
perdas9
	<hr/>
	1080 gr.

Estes trabalhos não foram comprehendidos com tenção de colhermos resultados positivos, porque bem sabiamos, que nos não auxiliavam os instrumentos que possuimos: mas quizemos ensaiar-nos nos estudos hematológicos.

VII

Contractilidade das arterias

Postas a descoberto as arterias brachiaes d'um cão, applicámos sobre uma d'ellas algumas gottas d'acido acetico, e notámos, que suas contrações eram mais fortes não só no ponto em que haviamos applicado o estimulo, mas tambem nas suas proximidades — observámos mais que com a applicação continuada d'este agente as contrações pouco e pouco se tornavam quasi invisiveis; pelo contrario, se a applicação era interrompida por espaço de alguns momentos, fortes contrações se seguiram sempre á applicação do acido acetico. Os mesmos effeitos observámos com a applicação d'uma dissolução de potassa caustica (6 gr. por 1 onça d'agua) Picando a arteria, ou raspando-a com um escalpello as contrações se manifestavam n'uma área mais extensa, não só no ponto offendido mas nos que lhe

ficavam proximos. Comprehendida uma pequena porção da arteria entre duas ligaduras, e fazendo-lhe depois uma pequena punção o sangue n'ella contido se evacuou completamente sem formar jacto: repetido esta mesma operação n'outro animal que havia sido morto pouco tempo antes, a arteria não chegou a evacuar todo o sangue. Cortamos transversalmente uma das arterias brachiaes com o fim de deixar morrer o animal por hemorrhagia, marcamos com compasso o diametro da arteria e notámos, que a proporção que o animal se esgotava de sangue o diametro da arteria ia successivamente diminuindo, contrahindo-se esta sobre a columna de sangue por forma que o jacto se tornou quasi capilar; depois de morto o animal o diametro da arteria se restituio ao que tinha no começo da hemorrhagia.

Repetimos estas experiencias umas n'um coelho, e outras n'um porquinho da India, porem sobre as caritidas, e obtivemos os mesmos resultados.

Todas estas experiencias tendem a provar, que as arterias tem uma propriedade motriz que lhe é propria; certo gráu de contractilidade, que muito influe na circulação, e que os phenomenos de contractão e dilatação das arteias não são devidos sómente á elasticidade, como pertende Magendie e outros physiologistas; alem d'isso julgamos que estes phenomenos representam mais alguma cousa do que a contractilidade organica insensivel, porem tambem os não consideramos effeito da irritabilidade muscular, porque ficam áquem da sua esphera: logo possuem as arterias certo gráu de motilidade, que entre as propriedades vilas parece occupar lugar entre a contractilidade organica insensivel de Bichat, e a irritabilidade de Haller. Este pensar está d'acordo com as propriedades phisicas e chímicas do tecido arterioso, que participando da natureza do tecido muscular e dos ligamentos amarellos, apresenta tal especialidade,

que não pode pertencer a nenhum d'elles, o que é ainda confirmado pela composição anatomica das arterias (1); e como, segundo as ultimas observações á cerca da composição anatomica d'estes órgãos, a tunica de fibra annular e a de fibras longitudinaes vão augmentando em espessura a partir dos grossos troncos para as ramificações arteriosas, em quanto que a elastica diminue em espessura na razão inversa d'aquellas, segue-se, que a contractibilidade das arterias deve tambem augmentar na razão da espessura das paredes dos vasos, que desproporcionadamente é muito maior nas pequenas ramificações arteriosas. E se admittirmos, que o augmento da contractibilidade das arterias tem logar na razão directa das quebras, que soffre a *vis a tergo* que impelle o sangue (2) acharemos aqui uma explicação plausivel para os resultados obtidos com o hemodynamometro de Poiseuille.

J. F. de Macedo Pinto.

(J. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 235)

PARTE SEGUNDA.

Dos Escriptores portuguezes que escreveram da Corographia de Portugal, da Topographia, e Historia particular de suas cidades e villas, das Antiguidades da Lusitania, Moedas e Medalhas.

XXXVI.

Achilles Estaço cuja memoria (diz o A. da Bibli. Lusit.) será eternamente venerada no templo da virtude, e sabedoria, nasceu na villa de Vidigneira em 1524. Destinado por seu pae para a pe-

nosa vida das armas, em que principiou, acompanhando-o á India, voltou a Portugal resoluta a seguir a inclinação, para que a natureza o criara, entrando felizmente na carreira das Sciencias, e sendo discipulo do Insigne André de Resende. Passando á Universidade de Lovaina, ali bebeu o gosto da mais fina e delicada erudição, tendo communição com os mais celebres Professores d'esta Eschola, Paulo Mamicio, M. Antonio Mureto, e Francisco de Robertello, de quem foi muito amigo. Instruido immoventemente nas Línguas Latina, Grega e Hebraica, que fallava com pureza; e nos preceitos da Oratoria e Poetica, passou a Roma que assombrou pelas suas elegantes composições latinas em prosa e verso, em que brilha uma elegancia, e pureza tal, que antes parecem produções do seculo de Augusto que escriptos de idade tão afastada d'aquelle seculo de ouro: merecendo o seu A. orar por duas vezes, em nome de seu Soberano el rei D. Sebastião na presença do Summo Pontifice, e ser nomeado Secretario do Concilio de Trento, e Secretario das Cartas Latinas de Pio 5.º tendo já adquerido um grande nome nas lições, que dictava na Sapiencia, celebre Academia de Roma. Tão modesto, como sabio, regeitou os honorificos logares de Chronista Latino de Portugal, e de Guarda-mór da Torre do Tomo, preferindo viver entregue aos seus estudos, e a si mesmo, dando-se mui particularmente ao trabalho de illustrar as obras de muitos Classicos latinos, e escrever muitas obras de erudição varia. Morreu em Roma em 1581 deixando a sua escolhida livraria á Congregação do Oratorio aonde ainda hoje se mostra com o nome de Bibliotheca Staciana. Compuz muitas obras; e publicou:

Taboa Geographica do Reino de Portugal. Roma — 1560

Tambem a publicou Ortelio no seu Theatro do Mundo, julgando ser obra de Estaço, no que se enganou: por quanto consta que elle fora tão sómen-

(1) V. Encyclopedie Anatomique por F. Bichhoff e outros.

(2) Admissão que não parecerá desprezitada a quem estudar as resistencias que encontra o sangue durante a circulação

te o editor, sendo o seu verdadeiro A. Fernão Alvares Seco, insigne Mathematico, e Geographo.

Saíu mais correcta por Baptista De-tuemio. Amsterdam. 1600—fol.

XXXVII

Duarte Nunes de Leão (dito n.º 5.º) escreveu:

Descripção do Reino de Portugal.
Lisboa—1610—4.º e 1785 8.º

Este excellente opusculo tracta da antiga Lusitania, e de Portugal depois de Reino, suas comarcas, cidades, villas, rios, montes &c. suas produções naturaes: do caracter, e virtudes dos Portuguezes, dos Sanctos que teve Portugal, religião, costumes &c. é bem digno de ler-se; e uma das primeiras obras d'este genero, que os meninos devem ler,

XXXVIII

Padre Antonio de Vasconcellos (dito n.º 7) junctou no fim da obra que ali annunciei:—

Discriptio Regni Lusitani cum appendice rerum illustrium.
Antuerpie—1621. 4.º.

XXXIX

Fr. Bernardo de Brito (dito n.º 8) escreveu e junctou no fim do 4.º tomo da Monarchia Lusitana, ali annunciada: Geographia antiga da Lusitana.

XI.

Manoel de Faria e Sousa (dito n.º 16) escreveu e junctou ao ultimo tomo da sua Europa Portugueza, de que alli tractei:

Descripção de Portugal.

N'ella se tractam quasi os mesmos artigos, que tracta Duarte Nunes de Leão, sendo propriamente uma Geographia historica abreviada d'este Reino, tractando de mais a mais dos Tribunaes de Portugal, e da Nobreza, e dos principaes Escriptores portuguezes. É curiosa, e digna de ler-se. Tambem se acha na ultima parte do Epitome.

XLI

Pedro Teixeira, celebre Cosmographo Portuguez, assistente na Corte de Madrid, escreveu:

Descripção, e Mappa Geral do Reino de Portugal.

Madrid—1662 em folio grande ao largo.

XLII

O Padre Antonio Carvalho da Costa, natural de Lisboa onde nasceu em 1660, assaz instruido na Geographia, Cosmographia, Hedrographia, propoz-se escrever uma Corographia completa d'este Reino, para cujo desempenho viajou pelas suas cidades e villas, para buscar as noticias precisas para tão grande obra, que publicou: em que segundo o elogio que lhe faz o Padre Antonio Caetano de Sousa no Aparato a Historia Genealogica n.º 224 — Trabalhou com muito disvello e curiosidade, de sorte que pela sua applicação merece louvor — É a obra mais extensa que temos n'este argumento, em que o seu A. alem das noticias corographicas, e topographicas, junctou outras noticias interessantes de Genealogia das Familias, Catalogo dos Bispos, e varias antiguidades. Compoz:

Corographia Portugueza, e Descripção Topographica do Reino de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, e logares que contem, Varoes illustres, Genealogias das familias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, e outras curiosas observações.

3 Tomos fol. — o 1.º Lisboa 1706.
—2.º ibi 1708. —3.º ibi 1712.

Não se pode duvidar do merecimento d'esta obra apezar dos seus defeitos: é magna que algum homem erudito não tenha formado, e desempenhado o projecto de a refundir, e emendar na parte em que se julga defeituosa, como é na parte genealogica, em que seu A. tinha curtos conhecimentos, e no Catalogo

dos Bispos das Cathedraes do Reino, que passaram por pouco exactos; e sem origens e fundações de cidades e villas, que o Padre Carvalho adoptou, sem critica, de Brito e outros Escriptores, sobre que eu subscrevi já (n.º 8.) a cautella com que devem ler-se.

XLIII

O Padre João Baptista de Castro, natural de Lisboa, Beneficiado da Santa Igreja Patriarchal é um dos celebres escriptores modernos que escreveram da Corographia d'este Reino. Descendo communica com os homens eruditos, passou a Roma onde foi bem acceito ao Pontifice Clemente 12.º Na volta para este Reino viajou pelas mais celebres cidades de Italia, e observou tudo o que havia de mais notavel em cada uma d'ellas. Foi assaz instruido na Poetica e Oratoria em que compoz varios escriptos. Escreveu —

Mappa de Portugal. Lisboa 1745 até 1758 — 5 volumes em 3.º e 1762 até 1763 — 3 volumes em 4.º.

É dividido em 5 partes: tracta na 1.ª parte da origem e etymologia de Portugal sua descripção antiga e moderna, cidades, villas, fontes, rios, caldas, fertilidade do Reino, lingua e costumes, moedas &c. — 2.ª parte contem as noticias dos primeiros Provedores da Lusitania, entrada dos Fenicios, Cartaginezes Romanos, Nações barbaras, erecção da Monarchia portugueza, vidas abreviadas de seus Monarchas, Príncipes e Rainhas, filhos, descendencias, governo da C. R. e outras noticias antigas interessantes. — 3.ª parte tracta do estabelecimento e progressos da Religião em Portugal, Ordens militares e relegiosas, fundações de Mosteiros, Pontifices e Cardiaes portuguezes, Varões illustres em sanctidade, imagens milagrosas, reliquias &c. — 4.ª parte tracta da origem, progressos das lettras, Universidades, Escriptores mais celebres: o Militar do Reino com declaração das praças e presidios, vitorias e batalhas assignaladas, Varões

mais insignes em armas. — 5.ª parte desenha em taboas topographicas as principaes povoações da Extramadura com uma miuda descripção da cidade de Lisboa com um roteiro das jornadas impresso separado.

É de summo gosto e interesse o presente tractado onde se acham noticias de muita curiosidade que seu A. bebeu em muito boas fontes; e indispensavel a sua lição a quem deseja instruir-se sobre as antiguidades d'este Reino. Sobre as nações antes dos Romanos, que invadiram Portugal, traz seu A. muito boas noticias não sendo tão credulo como Brito (dito n.º 8), e servindo-se mais do que este das antiguidades da Lusitania, de quem tratamos (n.º 56) convem observar que as citações do Mappa de Portugal são pouco exactas, o que talvez procedesse de incurio da impressão antes que da falta de diligencia do seu A. que tem um lugar distincto entre os A. A. portuguezes, que tractaram d'este ramo da nossa Historia, e cuja lição recomenda a todo o que desejar instruir-se sobre os objectos que tracta.

(Continúa.)

O FIDALGO E O POETA.

(Continuado da pag. 253.)

Uma das maiores sem-saborias, ou para melhor dizer, um dos maiores supplicios, que pôde haver neste mundo, é fazerem pôr a gente a pé, no inverno, de manhã bem cedo, é trocar o conchegado e delicioso agasalho da cama pelo ar frio, penetrante e desconsolado da madrugada.

Para um pobre homem, que nem é caçador, nem romantico desesperado, de certo.

E então levantar-se, pelo frio, para ir para as aulas! . .

Tristes obrigações de um estudante! tristes, é verdade; mas inda assim: qual será o que não gosta d'aquella vida, e não suspira depois com saudade, nas

lidas, nos cuidados da virilidade estéril e sêcca, pelos dias que tão serenos e alegres se passam em Coimbra!..

Deus sabe a pena que eu tenho por que os não gozei! Deus sabe a inveja que sempre me fizeram, e que ainda agora me fazem, tantos e tantos môços, que talvez os não apreciem!

Hão-de apreciar-los... — tarde.

Duarte G. estava deitado. O cançasso do muito que folgára nessa noite, e os fumos d'um bom par de copos da Bairrada, que despejara o tinham pregado n'um somno profundo e *deforme*, como aquelles de que falla Balsac... se bem me lembro.

Vai, de repente... estremece acorda, e assenta-se d'um salto na cama.

Que seria?..

Depois... espreguiçou-se, esfregou os olhos, benzeu-se... — no tempo d'esta minha historia todo o estudante sabia o *signal da cruz* — e pôz-se a pensar se por ventura seria em sonhos que recebeu certo aviso de que havia de dar logo lição.

Pensava e repensava nisto, quando o sino da Universidade começou a tocar e a dar-lhe o desengano tremendo, e cada palavra d'aquelle desengano vibrada no bronze, cada uma d'essas *tristes* badaladas lhe vertia um fio de gelo pelos ossos abaixo.

Era verdade — verdade nua e crua: era com certeza que estava chegado o instante fatal.

Oh! e quem deixará de tremer quando elle chega, por mais forte e seguro que se julgue na sua estúpida vaidade, ou por mais ardor, que tenha de mostrar o que a poder d'esforços conseguira! — oh! e quem não sentirá remorsos pelo tempo que desperdiçou!..

Duarte G. sentiu-os, tremeu, e por um movimento natural do seu animo quasi que esteve para descer ao sótão de Pedro Mendes e humilhar-se, e pedir-lhe... mas veio a maldicta soberba a tenta-lo, tentou-o... e venceu-o.

Era claro que havia de ser assim.

Pois se com este rapaz podia tanto a soberba, como o negregado Méphistophéles com aquelle miseravel doutor!.. — Torcia-o para onde queria, como quem torce a um vime.

Não quíz saber de mais nada o orgulhoso: entregou-se nas mãos de Deus... ou do fado: ergueu-se, vestiu-se, pôz a capa do avesso, e não atou as meias, com a pressa, não almoçou, que nem tinha vontade, nem o lume tambem estava ainda acceso — que Manoel Braz dormia, como pedra em poço, e risonava!.. — pegou no livro, apanhou as folhas, que ficaram, de á noite, calidas pelo chão e saiu.

A manhã está fria, mas formosa. Como o sol vem puro a altear se, a rasgar esses tôldos de nevoa, de que se toucam as serras!.. como doira os risinhos laranjaes, e os olmeiros do Mondego, que agora com a neve parecem vestidos de um arrendado de marmore!..

Haverá cousa mais linda que um dia de dezembro, como este!..

O nosso fidalgo criou-se-lhe uma alma nova apenas chegou á rua. O clarão do sol, e principalmente as palavras folgadas dos seus amigalhões, com quem se encontrou logo ao desembocar da *coureira de Lisboa*, deram-lhe um tal valor, uma tal firmeza!

Coitado! cuidava elle que não tinha já de que receiar-se. Era como estes, que, ou por pusillanimes, ou... por terem juizo, se vão embarcar cheios de medo, e que depois, entre o luxo e o *comfortable* da estufada camara do elegante vapor francez até se chegam quasi a esquecer dos perigos do mar; e esquecem-se, de certo... em quanto não ouvem o bramir das ondas. Era como o soldado moço, que vai todo impertigado, com a sua farda nova, marchando para a guerra ao som de pifanos e tambores, e que se não lembra do zunido das balas, nem do retintim das espadas... em quanto não entra no primeiro combate, que então!..

Lá bateu finalmente a hora; e esses cardumes de estudantaria, negros e bolicosos, como os estorninhos do proverbio, ali estão entrando pelo temeroso portão.

Sigamos nós tambem a Duarte G.; mas cá de longe, e com cautella, benevolo e amigo leitor, que nos não saia por aqui algum endiabrado, que pense que somos caloiros, e que nos vá fazendo pagar caro o atrevimento, como eu já estive para o pagar uma vez que me quiz metter, *eu amateur*, a espreitar como isto seria.

Ficou-me sempre de emmenda, a brincadeira!

Cá chegamos enfim. Estamos na aula. Que casarão!.. que tristeza de sala!.. e que seriedade contrafeita nesses rapazes todos! Quem os não conhecesse...

Bem podéra eu agora mostrar aqui o meu grande saber; fallar de D. Diniz e de D. João III, que reformou os estudos, e que mandou vir homens doutos de França e de Italia &c... ou então se quizesse fazer obra mais *proveitosa* e mais da moda, havia de deitar-me aos Jesuitas e espatifa-los: porque os Jesuitas fizeram, porque aconteceram, porque tolheram a instrucção da mocidade, porque enganaram a D. João III, e a D. Sebastião depois, para ficarem livres e senhores de tudo; porque chegaram até a accusar á Inquisição os lentes antigos... e por que n'uma palavra, os Jesuitas foram homens dos meus peccados, e nós estamos afogados e devorados por elles,

Mas, senhores! não se ha-de perdoar ao proximo as suas fraquezas?... E de mais, aquelle padre-mestre que alli está com o seu livro ponderoso nas mãos, e repimpado na sua cadeira levantada, como um pulpito, não é... não pôde ter mau coração. Não se parece com Simão Rodrigues, nem com Diogo Mirrão, nem com mr. Rodin... nada; antes elle tem cara de feição, e ares de não ser severo com a gente moça... é como Fr. Balthazar da Victoria, que es-

creveu o *theatro dos Deuses*, e que foi, dizem, um reverendo ás direitas. Vamos adiante.

O Padre-mestre deitou em redor os olhos, e com uma voz doce, porem — terrivel, como o som da trombeta, que o anjo ha-de tocar no dia de juizo, chamando os bons a premio, e os maus a castigo, — pronunciou o nome de Duarte G. de G. S. de T.

Ai! que se acabaram as chimericas esperanças!

O pobre rapaz indireitou-se em pé, mas as pernas tremiam-lhe, como varas verdes. Pegou no livro, abriu-o... — voaram-lhe as folhas, que estavam soltas, — virou-o com o debaixo para cima, cada letra se lhe representava... nem eu sei! esteve... esteve... ora olhava para a porta, ora para o mestre, ora para os condiscipulos...

O padre já se ia admirando — infadando, não. Acenou-lhe, fez-lhe signal.

Foi peor. Duarte uma côr se lhe ia outra côr lhe vinha... coçava na cabeça... — Então, sr. estudante!.. que diz! não viu a lição?..

O desgraçado quiz fallar; porem tinha a bocca secca, secca... — e que havia elle de dizer? — tussiu, e não atou cousa com cousa.

O padre-mestre ainda lhe quiz valer: — Talvez que não podesse ver a lição!.. estaria doente... esteve?

— Eu... eu...

Nada, nem assim. Não atinava para responder: amouu.

Finalmente... nunca houve uma intalação igual, nem a torna a haver, de certo, em quanto Coimbra fôr Coimbra.

E quanto maior ia sendo o silencio, em que ficou tudo, tanto mais crescia a vergonha do afillado do sr. reitor.

Era preciso sair já e já de semelhan-te aperto.

O mestre, que estava quasi tão corrido e atarantado como Duarte, limpou a testa, que lhe suava em bica, e chamou a Pedro Mendes do Carvalho.

O poeta ergueu-se. Tinha o rosto

branco, como a cal da parede. Doia-lhe sinceramente a má sorte do seu companheiro de casa — a vingança não cabia n'uma alma pura d'aquellas! — ergueuse e principiou a fallar.

E com tal ingenho e com tal feitiço fallava, que suspensos mestre e discipulos, se inlevavam, se esqueciam alli: . .

Só Duarte G. se não podia esquecer, que lhe remexia a inveja toda a crueza que trazia no peito!

Só Duarte G. lhe punha uma vista — não de admirado — mas atravessada, turva, e medonha, como devia de ser a do *Hamlet*.

(Continúa.)

Pereira da Cunha.

CANCIONEIRO PROVENÇAL.

(Continuado da pag. 240.)

II.

THIAGO.

Havia nos bons tempos do nossos avós uma formosíssima donzela, a quem chamavam—Rosa!—E tão fresca e linda era Rosa que diziam todos havê-la por mais linda e fresca do que a flor, por cujo nome se chamava.

E todos os moços lhe tinham amor. E todos os velhos lhe tinham amizade. Eram muito para ver as grinaldas sempre virentes, que lhe prendiam á sua janela. Eram muito para ouvir as cantigas sempre variadas, que lhe descantavam á sua porta. E não havia mancebo por mais galhardo e moço que não esperasse ancioso, por que ella rendesse a algum sua isenção, e acabasse com as rivalidades de tantos apaixonados. Mas Rosa tão isenta e insensível se mostrava, que não havia quem tocasse o seu coração.

Lindas canções e epigrammas sabia ella contra o *Deus Cupido*; e quando á noite vinham os namorados pedir-lhe mercê debaixo da sua janela, erguia ella então mui de manso um canto da

adufa, e atirava-lhes com um d'esses mais picantes madrigais em suavissima cantiga.

Ora havia n'aquelle tempo um pobre moço chamado—Thiago—por alcunha—o Idiota. E justo alcunho foi esse; porque o imbecil não era espirituoso, e cria em quanto lhe diziam: acreditaria, que os peixes se criavam em os ninhos dos passaros. Tinha o cabello ruivo, era zambro das pernas, e os braços estertelados e compridos, que podia sem curvar-se desapertar as fivellas dos seus calções.

Thiago viu Rosa, e mal agitado como era não deixou de ficar a morrer por ella de amores; pois é de saber que amor não olha a condições, e que nem só aos peralvilhos, e bem feitos é dado ter coração.

E o coitado compunha tambem as suas coplas para a ingrata. E que importava que se rissem?—Um dia a comporava a uma abobera madura, outro dia a uma rocha negra, que de longo parece branca, vestida com a espuma das ondas. Só Rosa o escutava, e não se ria, nem zombava; que diziam já por esses soalheiros—Dar-se-ha que ella lhe queira bem, ao nogeto do Thiago tão estúpido e feio!

O Idiota andava todo radioso de van-gloria com esta preferencia. Atirava-lhe, janela dentro, muitos fructos e flores, e, quando Deus queria, algumas prendas, que ia comprar á feira; a ponto que o pobre vendeu a sua barca, as suas redes, e até mesmo os seus anzões do pescar á canna.

E quando já lhe não restava que vender, e se viu na precisão de recorrer aos vizinhos para ir passando, Rosa não quiz mais escutar as suas canções, e tractou-o como fazia aos outros amantes.

Thiago andava por essas ruas como um insensato; olhava para todos, e dizia-lhes que ia desposar-se com a bella Rosa, sua amante. E todos tinham pena do mesquinho, que os rapazes d'aldeia

não largavam, a perguntar-lhe pela esposada.

E os velhos, que tinham amizade a Rosa, deixaram de ter-lh'a, por causa do seu máu coração. E os moços que lhe tinham amor obandonaram-na, dizendo: que fazer se ella é tão ingrata como formosa; ella que impassivel nos veria morrer, como impassivel deixou perder ao pobre Thiago a sua barca, as suas redes, os seus anzões de pescar á canna, e o seu juizo, deixando-o estalar de fome á sua porta.

E a mocidade de Rosa finou-se em um largo celibato; sua belleza evaporou-se como o fumo; e a morte veio-lhe prematura.

E o pobre Thiago, o Idiota, foi-lhe ao enterro, e cantou-lhe uma canção, em que lhe dizia que a amava, e que breve se iria unir com ella. E de feito, que em poucos dias a seguiu ao sepulchro.

E todos choráram mais pelo feio Thiago do que pela bella Rosa, porque elle era bom, e ella ingrata, e cruel.

E desde então para cá todas as zagalas d'aquelles contornos, que sabem a historia de Rosa, fogem de imita-la. E mais facil lhes é a ellas amar um pobre como o disforme Thiago, que ser crueis como a bella Rosa.

(Contiuúa)

J. Freire de Serpa.

DIAS SANCTOS.

A Economia-politica é uma grande sciencia, uma sciencia, que já tem produzido excellentes resultados, e que em se averiguando melhor certos *factos*, em se desenvolvendo melhor certos *principios* mais excellentes resultados produzirá ainda. Mas se tentarmos comparar os seus beneficios com os seus prejuizos, se n'uma concha da balança pozermos as *utilidades* e na outra os *damnos* que resultam d'essas *utilidades* não

sei o que diga... talvez vote contra a Economia-politica.

É indubitavel que um *capital improductivo* é um mal, e que o *systema attilitario* faz um bem quando se applica a fazer produzir o capital que era esteril, mas se esse capital é, por exemplo, o terreno onde está edificado o mosteiro da Batalha, e os *arrasadores* chegam lá com o picão alçado e derribam tudo para lhe plantar couves, está claro que houve nisto um mal muito maior do que era o ser improductivo aquelle capital. Improductivo! — ainda assim! — a gloria da patria, as recordações d'um heroe, o respeito das nações, a admiração de todos por esse poema de marmore, e enfim o ouro que o estrangeiro cá vem deixar só para o ver, tudo isso dá uma somma de valores immateriaes que valem bem doze molhos de couves tranchudas: sim... mas se em vez da prosaica e sáfara Batalha se erguesse alli uma fabrica de... de manteiga?! oh! é verdade não me lembrava esta das fabricas, com isto é demonstrado que se não pôde lutar; dou-me por vencido, vale muito mais uma poetica e productiva fabrica de manteiga do que dez mosteiros da Batalha, vale mais um *empresario* do que vinte *Mestres d'Aviz!*... É por este *positivismo materializador* que eu voto contra a economia-politica; acostuma a alma a olhar só para o corpo e a esquecer-se de si, quando devêra ser talvez o inverso; ou ao menos harmonisar as cousas de modo que o corpo só tomasse tanto quanto lhe bastasse, e a alma tanto quanto podesse.

Não acontece assim, a alma é neste seculo a *bête perfeitada*; não tem duvida, *Xavier de Maistre* atinou. Pois é pena que a alma é uma coisa tão bella, tão nobre, tão sublime! ser assim *besteficada* é realmente uma pena! E se a *bestifcação* se limitasse a ser ella sacrificada ao corpo em relação ás cousas humanas! mas nada, o seculo bota-se tambem ás cousas divinas como Sanctiago aos Moiros! Era já magua que não se respei-

tassem aquellas quando as revestiam idéas grandiosas, mas que se desacatem estas não é só mágua, é desgraçadissima miseria!

Pois é verdade: diz-se, escreve-se que a Religião do estado é a Religião Catholica Apostolica Romana, e que fazem os economistas? — não escrevem nem dizem mas attestam por obras que isso é mentira. Manda a Religião manda a lei civil, que decreta a Religião, sejam sanctificados taes e taes dias, que fazem os economistas? dizem consigo pois estes dias hão-de assim permanecer *capitaes improductivos* com tamanho escandalo da sciencia?! nada, não sejam sanctificados esses dias; queremos que o operario trabalhe porque ha *uma troca de productos* nesses dias, e medra a nossa obra temporal. Vejam o que perderia o mundo se se perdesse uma occasião só de *troca de productos*! E ali vemos aos Domingos e aos dias sanctos os pedreiros trepados pelos telhados a *trocarem productos*... e ás vezes bem fataes aos caminhantes; ali vemos a lavadeira, o logista, o sapateiro, o cavador a philosopharem, as mais das vezes involuntariamente, contra o lavadouro, contra o balcão, contra a tripeça, ou contra a enxada, e *trocando productos*, já se sabe, com que se fez tambem outra troca que foi a do espirito pela materia, e em que ao mesmo tempo que se mettia o dinheiro no bolso, se mettia a alma no inferno.

Ora, fallemos a verdade, isto é um vergonha! uma vergonha sobre tudo para quem o consente.

Se os dias sanctos depois d'essa diminuição, que já se lhes fez, e que o povo em muitas terras engeitou na practica, se elles ainda são muitos, requeiram ao Papa que os cercêe outra vez, que lhes metta a tesoura sem dó; mas os que ficarem que sejam respeitados, guardados, sanctificados. Ainda outro alvitre; não enganemos ninguem; diga-se francamente, — a Religião do estado é não ter Religião — e depois eu lhes juro

que nunca mais (está já é a segunda vez (1)), nunca mais fallarei em dias sanctos ou cousa que o valha.

Quero ainda levar o negocio por outro lado: em Inglaterra ao Domingo nem se effectua um negocio, tudo é socego, e mostras de dia sanctificado; dir-me-hão que no interior das casas muito inglez se está então afogando em cerveja; estará, mas ao menos a moralidade publica existe: — é a obrigação do Governo, e cumpre-a, a outra que pertence á consciencia, essa é de Deus, que tambem a ha-de cumprir. Tome-se este exemplo mais da Inglaterra já que tanto se tem *anglisado*; imite-se dos protestantes este respeito pela Religião: — todos os povos respeitam a sua, só nós, que temos a verdadeira, a tractamos como roupa de francezes!

Pela millionesima vez presenciei hoje o escandalo de se trabalhar publicamente em dia sanctificado; venho delatar o escandalo ás auctoridades religiosas e civis, venho lembrar-lhes a lei, e oxalá que seja a derradeira vez que tenha de me occupar de semelhante objecto, que não é só uma impiedade, é um signal clarissimo da nossa falta de civilisação.

J. de Lemos.

Em Miraflores ha, ou pelo menos houve, uma estatua de S. Bruno, obra do nosso insigne Portuguez Manoel Pereira: tanta é a sua perfeição, que extasiado a sua vista compoz um Hespanhol os seguintes versos latinos:

Aspiciet, ac spirat, sed rara modestia vultum
 Suppressit, et circum lumina ferre velat.
 Bumperet ore sonos etiam; sed sancta silentii
 Regula composito non sinit ore.

ERRATA.

Pag. — Col. — Linhas — Erros — Emendas
 260 — 2 — 43 — por lente — presente
 262 — 1 — 28 — uma — 1.

(1) Vid. *Christianismo* N.º 2.

DO SYSTEMA PENITENCIARIO.

(Continuado da Pag. 279.)

Nós dissemos que o fim do estabelecimento das casas de correção é conseguir que o culpado se emende e obstar a que o seu mau exemplo não seja imitado.

Depois de termos feito esta primeira e fundamental observação é que reflectimos que mui bem se tinha reconhecido que o silencio, isolação, o trabalho, a privação de tudo o que são comodidades, e emfim repetidas practicas moraes e religiosas eram meios muito apropriados para se chegar áquelles fins.

É como um grão mais ou menos forte d'intimidação não pôde deixar de se imprimir no animo das pessoas que houverem passado por todas estas torturas ou que d'ellas forem informados, achase este systema d'acordo com o geral dos criminalistas que fazem do principio de expiação pelos padecimentos, e da intimidação que d'elles deve resultar, a base de todo o systema penal.

Mas não confundamos os fins com os meios; nem concluamos que por aquelles expedientes serem convenientes meios, elles sejam por si sós sufficientes, para se conseguir o desejado fim.

Para que o preso que nós supponho sinceramente arrependido, voltando para o seio da sociedade, não se veja forçado a procurar aquellas companhias que o conduziram ao crime, é preciso que elle possua uma linguagem que o habilite a viver e tractar com pessoas que tem outra educação, outras idéas, outra linguagem; é mister que tambem elle tenha adquirido essas idéas; e logo é forçoso que desde o primeiro momento de sua entrada comece a receber uma nova educação que corrija a que recebeu na sua infancia, se é que alguma houver recebido; ou que, no caso opposto, a reciba pela primeira vez.

Tracta-se pois de fazer adquirir aos

N.º 19

presos habitos virtuosos: e para isso não basta mante-los alguns annos na impossibilidade de dar largas aos seus maus gestos: estes por estarem represados todo esse tempo, não se extinguem; e uma vez removido o obstaculo, voltam a apparecer com tanto maior violencia.

O principal alimento d'aquellas perversas paixões eram corrompidas sociedades, que aquelles desgraçados frequentavam; as destestaveis conversações com que se entrelinham; o jogo; a embriaguez; e toda a sorte de crapulosos divertimentos, com que enchiam os intervallos de suas atrocidades.

Mas reflecta-se que, salvo um pequenissimo numero, era impossivel áquelles infelizes frequentarem outras companhias, senão aquellas em que esses que hoje os accusam e os castigam viam nascer e os deixaram atravessar todo o tempo da sua infancia e da sua adolescencia, com a mais estorica indifferença.

Respondei legisladores, como podiam aquellas abandonadas crianças conhecer a torpeza dos brincos da sua infancia, e fugir dos seus viciosos camaradas, para se irem associar a outros mais bem criados? Admitti-los-hiéis vós a brincar com vossos filhos?

No fim de seculos, creon a humanidade de uns e a religião de outros as denominadas casas d'asylo, para supprir a indisculpavel insufficiencia das vossas deploraveis eschololas. Mas a essas, como a estas vão as crianças que seus paes querem e podem mandar. A maior parte não quer porque vós os deixastes crescer e envelhecer na mesma abjecção: muitos não podem; porque, vós o sabeis, é preciso fazer com vestuario e comida despezas, a que se foram deixando-os correr ao abandono.

Essas mesmas crianças que saem do vossas eschololas e asylos, que lições veem receber, que exemplos veem presenciar na casa paterna e nas companhias, onde é forçoso que elles passem o resto do tempo?

Acabado esse mesquinho ensino, que

tanto alardeais e se reduz, para a maior parte, a saber apenas ler e mal escrever o seu nome, que direcção dais á natural actividade com que a Providencia dotou a juventude? Deixaste-la engolfar-se no pelago dos vicios onde haveis deixado submergir-se seus paes, seus avós, e todas aquellas pessoas com quem, por effeito das suas relações de infancia unicamente lhes era possível conviver.

Confessais que ao homem bem educado são precisos grandes esforços para não succumbir ás tentações do vicio: e atreveis-vos a cobrir d'appobrio e indignação aquelles infelizes a quem, pela vossa indiferença tirastes todos os meios de adquirir essas forças moraes que reconheceis não poderem provir se não de uma educação que seus paes, a quem já vós haveis tractado com a mesma barbara indiferença, lhes não podiam dar? E é a estes que vós vos atreveis a tornar a culpa da ignorancia, dos vicios, dos crimes de seus filhos, a elles ignorantes como seus filhos, pela vossa culpa; viciosos talvez, como elles, pela vossa indiferença?

A culpa é toda vossa, e o unico meio que vos resta de a reparardes é de prestar ao mancebo ou mesmo ao homem feito o serviço que deverieis ter prestado á infancia. Se para impedir a este de se perverter vós tivesses practicado com elle o que praticaes com os adultos nas vossas casas penitenciarias, terieis criado brutos: o methodo que empregais para com homens já pervertidos só pode converterte-los em animaes ferozes.

Deixastes medrar em seus corações instinctos de perversidade: é mister extirpa-los, e só se extirpam fazendo nascer e arraigar-se em lugar d'elles os instinctos da virtude cujos germes la se acham depositados pela mão da Providencia; vos podeis e deveis ajuda-los a desenvolverem-se.

Se se concede ser uma condição indispensavel para os presos não recaírem nos mesmos crimes, que elles frequen-

tem outras e melhores sociedades, é forçoso que se sinta a necessidade de lhes dar idéas e linguagem que os habilitem para elles poderem conviver nessas sociedades.

Se o seu espirito se acha embrutecido pelo habito dos vicios torpes e carnaes, não é de esperar que elles prestem attenção, nem mesmo comprehendam a maior parte das practicas e discursos com que a caridade dos prepostos da prisão os querem doutrinar. A alma do homem carnal não teve nunca tempo de adquirir o habito da attenção; é preciso fazer-lh'o ganhar primeiro: e como elle é todo sentidos, por estes, e só por estes, é que o poderemos habituar a fixar a sua attenção.

Felizmente a ordem da educação pode em todo o tempo conformar-se com a da natureza. O tracto dos homens, posto que verse muitas vezes sobre assumptos moraes, tem as mais das vezes por objecto os interesses materiaes do estado ou da profissão que cada um exerce. Como pois se tracta de preparar o convicto para entrar em relação com outras classes, no seu regresso para a sociedade; é preciso fazer-lhe adquirir sobre os assumptos, que devem fazer objecto de suas conversações, idéas que elle não pôde obter na sua primeira educação. Resta sómente o ver quaes sejam estes assumptos, e qual o modo de lho fornecer aquellas idéas, em maneira que, attrahindo-lhe a attenção, lh'as gravemos profundamente no espirito.

Todos sabem que nas nações mais adiantadas na civilisação se tem sentido a necessidade de diffundir pelas classes inferiores da sociedade o conhecimento dos diversos entes dos tres reinos da natureza: e mesmo das Sciencias mechanicas applicaveis ás artes e officios; não sómente para os mancebos que se destinam a estes diversos misteres, quaes para aquelles que já os exercem e praticam.

É evidente que no desempenho d'um semelhante projecto, se deve ter atten-

dido cuidado sómente á limitada capacidade da maior parte do auditorio, e não deve ter esquecido que poucos ou nenhuns estariam preparados para comprehender, não só demonstrações scientificas; mas nem mesmo uma linguagem que se afastasse da vulgar com que elles estão unicamente familiarizados.

Mas isso é possível e acha-se em pratica nos numerosos conservatorios das artes já hoje espalhados pela Europa. Ensina-se alli arithmetica e geometria practica, desenho linear e mechanica descriptiva; mostram-se e fazem-se seguir os phenomenos da physica n'uma ordem tal, que só pela simples intuição o espectador comprehende como elles nascem uns dos outros; e por fim, sem esforço abraça de uma só vista esse vasto systema da natureza.

Sem se entrar nos pormenores da anatomia dê-se-lhes uma idéa do homem e das principaes espécies de animaes e vegetaes que a todos importa conhecer mais ou menos circumstanciadamente; e do mesmo modo aquelles objectos do reino mineral cujo prestimo todos são interessados em conhecer.

Por este modo, sem sair dos limites que estão ao alcance de todas as intelligencias, se consegue que uns ali parram por serem tambem essas as raizas da sua capacidade; entretanto que outros dotados de maior comprehensão demandam maior desenvolvimento, e muitos ha que, graças áquellas instituições, se teem elevado ás mais altas espheras da sciencia, e que se a providencia do governo lhes não tivesse offerecido aquelle meio ficariam sepultados não só na massa geral dos obreiros, mas talvez engolfados no turbilhão dos vicios e torpezas, que por falta de outras distracções, são tão communs naquellas classes.

Prelecções e demonstrações d'estes diversos cursos intuitivos a que serão admittidos os presos que o Director julgar em estado de a ellas assistirem com tranquillidade e decencia permitirão,

tanto a elle como aos Professores, distinguir a quaes dos mesmos presos se pode facultar o pôrem suas duvidas; pedirem explicações, e mesmo exigir-se que dêem conta do que hão aproveitado.

Grandes vantagens resultarão d'este procedimento: a primeira poder-se por esse modo calcular a capacidade absoluta e relativa dos convictos; segundo apreciar-se a attenção que cada um d'elles presta áquelles cur- os, e o que nelles aproveita; mas, sobretudo, e esta é a maior vantagem, dispo-los a dar ouvidos aos discursos que se lhes devem dirigir sobre a moral, a poder comprehende-los; a abrir a sua alma a saudáveis doutrinas; e conhecer-se pelos seus propios discursos e pelas suas maneiras, no tracto com os seus superiores e com os outros convictos, durante estas reuniões, os progressos que tiverem feito na carreira do seu melhoramento.

Por este modo ao cabo d'alguns annos pode-se esperar que, tendo adquirido uma certa massa d'ideas, e ao mesmo tempo de boa linguagem, se achem em estado de poderem aspirar a entrarem, depois de restituídos á liberdade, em sociedades mais civilizadas do que aquellas que antes frequentavam.

Este resultado será tanto mais certo se, em vez de fazer exercer na prisão ao convicto o seu antigo officio se procurar que elle apprenda e se distinga n'outra profissão das que, segundo as ideas geraes, pertencem a uma ordem mais elevada do que a que elle exercia anteriormente.

Pelo simples facto de fazer parte d'uma classe, que elle e os outros estão costumados a considerar como superior, dedignar-se-ha de frequentar aquella a que antes pertencia; e por uma natural associação d'ideas, cobrará uma especie de horror e de desprezo para com as practicas que o tornaram com effeito desprezível.

Assim como pelo systema actualmente practicado de anniquilação moral dos convictos, julgamos ser impossível

conhecer os progressos da sua emenda: assim nos persuadimos de que pelos meios que acabamos de indicar, não sómente se conseguirá corrigir em mais ou menos tempo os animos mais perversos; mas que se poderão seguir dia por dia os progressos do seu melhora-mento.

Nós já fizemos notar ao leitor, quanto era para lamentar que os legisladores não tenham conhecido o elemento eminentemente moralizador que deve acompanhar todo o castigo— a *esperança*.

Se é verdade como nós crêmos, apesar da contraria opinião d'alguns atrabillarios philosophos, que a esperança de uma nobre recompensa é o mais forte estímulo para se practicar o bem; muito mais certo é que a esperança de ver diminuir os padecimentos, á medida que cada um se mostrar arrependido, será o mais poderoso meio para os culpados se emendarem.

Pelo contrario é monstruosamente absurda a esperança que, no systema actual, se dá aos criminosos de que, embora permaneçam na sua obstinação ou mesmo se tornem mais perversos, podem estar certos de que, ao cabo de certos annos, serão restituídos á sua liberdade!

Note-se porém que quando nós dizemos, dever-se dar aos presos a esperança de que os seus padecimentos hão diminuir á proporção que elles derem provas de emenda, até ao ponto mesmo de serem restituídos á plenitude dos seus direitos civis e politicos; não é nossa tenção approvar a practica usual de fazer passar os suppostos arrependidos da prisão para o seio da sociedade. Os legisladores, que assim o teem determinado em seus codigos, não advertiram que commettiam um gravissimo abuso de poder.

Esse que elles exercem de quem o receberam senão da Nação? E como podia ella ou, antes, como pôde alguem dar poder a outrem para fazer actos

contradictorios? E pôde haver maior contradicção do que mandar remover o criminoso do meio da sociedade porque elle pelos seus crimes a auctorisa a receber que torne a commetter outros de novo; e ao cabo d'algum tempo, ordenar á sociedade que receba no seu seio este mesmo criminoso, posto que haja mais razão ainda para receber que elle commetta os mesmos e mais atrozes crimes?

Porque embora ali se permita ao criminoso que, findo o tempo de prisão, volte para a sociedade: embora mesmo elle volte sinceramente arrependido: quem o quereá admittir na sua familia, como criado? Em que loja, em que fabrica, em que officio será elle admittido sem demonstrações de horror e de despreso?

E que se pode então esperar que faça este desgraçado, se não deixar-se arrastar novamente á perpetração de novos crimes?

Isto sabem os legisladores, é este um facto notorio que ninguem ignora; e que a cada pagina dos seus escriptos deploram os criminalistas: e qual é o resultado?— Continuar-se a practicar o que se acabava de condemnar como monstruosamente immoral!

No nosso systema, os convictos, apesar de haver muita mais probabilidade de se acharem, não só arrependidos mas emendados; não entram no pleno gozo dos seus direitos, com offensa dos seus concidadãos, cuja seguridade elles interromperam, e que nenhuma obrigação teem de acreditar que elles estejam emendados. Embora assim tenha parecido ao jury que os mandar restituir á liberdade, o jury assenta o seu juizo sobre a conducta que elles tiveram na prisão, onde a lei e o governo cuidavam na satisfação de todas as suas necessidades; onde nem sombra havia de tentações para o mal; e onde até havia todo o cuidado de evitar toda e qualquer provocação.

E pôde alguem affirmar que entran-

do na sociedade, entregues a si mesmos, cercados de seducções, insultados por uns, vilipendiados pelos outros e repellidos por todos, sem meios de satisfazer pelo seu honesto trabalho ás mais indispensaveis precisões; é por ventura licito asseverar, que nesta situação tão opposta áquella da prisão, o convicto ha-de resistir ás tentações, a despeito de humilhação, de miseria e da fome?

Seria, não só temerario, mas absurdo o suppô-lo: e, portanto, havemos proposto que, sim entre no pleno gozo de seus direitos civis e politicos; mas n'um presidio distante d'aquella sociedade, que não tem obrigação de recebê-lo no seu seio: n'uma sociedade composta de pessoas que ou se acham no seu mesmo caso, ou que voluntariamente se decidam a ir-se alli estabelecer.

Como, pelo facto de se acharem naquelles presidios em pleno gozo dos seus direitos, lhes deve ser franca a correspondencia com os seus parentes e amigos na metropole; por estes será o publico informado do seu comportamento naquelles presidios: e pôde-se affirmar que, uma vez adquirida a certeza de que, durante uma serie de annos, elles não só tem ali exercido com honra e distincção os cargos publicos, mas que pela sua industria tem adquirido alguns cabedacs; sejam, não só tolerados, mas solicitados para voltarem para o seio da sua antiga patria.

D'isto se encontram numerosos exemplos nos annaes dos dregredos das nossas colonias d'Azia e d'África: e mais recentemente das colonias penaes da Nova Hollanda, estabelecidas pelo governo da Gram-Bretanha.

Conforme a estes principios já desenvolvidos no nosso *Manual do Cidadão* e no novo *Curso de Direito Publico*, havemos traçado as bases da organisação d'este systema de penalidade no projecto do codigo politico que acompanha o dito *Curso*.

Com tudo quatro grandes difficuldades havemos previsto que se oppoem á execução d'este nosso systema; duas das quaes lhe são particulares: e as outras duas lhe são communs com os que se acham em practica nos outros paizes.

A primeira d'estas difficuldades consiste na necessidade de reformar o nosso systema penal que, segundo os principios geralmente adoptados, não admitte senão trabalhos perpetuos, ou trabalhos por determinado tempo e, em alguns casos, a pena capital.

A segunda difficuldade é a intervenção do jury para se dar por prova a emenda dos convictos: decisão para que o jury, como elle se acha entre nós organizado, é muito improprio.

A terceira difficuldade é o achar um numerooso pessoal que estes estabelecimentos exigem, revestido de qualidades mui difficeis de encontrar.

A quarta difficuldade em fim consiste na enorme despeza que exige a construcção de quaesquer casas penitenciaras.

No terceiro tomo das nossas questões de Direito publico etc. havemos proposto um Projecto de casas de correccão para as pessoas de um e do outro sexo, em que nos parece acharem-se vencidas todas estas difficuldades. Os limites d'um artigo não nos permitem entrar aqui em maiores explicações a este respeito: por isso remettemos os leitores para aquelles Projectos e exposição dos motivos que lhes servem de explicação.

Cumpro-nos porém advertir neste lugar, que aquelles dous Projectos estão mui lonje de satisfazerem a todas as condições do problema por nós mencionadas neste artigo e nos escriptos que ha pouco havemos citado. Mas é forçoso não perder um momento e substituir entre nós, quanto antes, as galés, persiangangas e dregredos, de horrorosa memoria, o systema correccional, não ficticio, como se acha ensaiado n'outros

paizes, mas verdadeiro, como nós o entendemos. Para isto se conseguir era preciso crear de repente local, pessoas costumadas a manter disciplina rigorosa, e emprego nas diversas profissões para desde logo se pôem em execução as condicções essenciaes do systema. Aproveitar para esse fim, como casco os arsenaes militares, adaptando-os e modificando-os para nelles se empregarem os convictos, foi a idéa que nos occorreu e nos parece ser a unica que abrange, em conveniente escala e sem exigir sacrificios com que o Thesouro não poderá por muitos annos, as necessidades a que é urgente acudir neste ramo do publico serviço.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

O artigo que acaba de ler-se foi-nos enviado pelo seu auctor já mui proximo á publicação do n.º antecedente d'este jornal, e por isso não foi possível ser ahí inserido todo: quando um artigo importante não é de dimensões taes que de modo nenhum pode compadecer-se com um jornal o ser apresentado n'um só n.º, nunca desçjamos corta-lo; mas umas vezes obriga-nos a isso a variedade de materias que deve conter cada n.º segundo o systema que adoptámos, outras vezes força-nos uma necessidade material. Neste ultimo caso nos achámos com o artigo do Sr. Silvestre Pinheiro, e só por esta razão o não publicámos todo; porque nunca receberíamos desgostar nossos leitores com lhes apresentarmos um artigo mais extenso, quando o seu auctor é o Sr. Silvestre

Pinheiro, principalmente ventilando-se questão de tanta transcendencia como a das penitenciarias, com o fim tão santo e justo de fazer de homens criminosos cidadãos virtuosos.

A importancia das penitenciarias é hoje reconhecida por todas as nações civilizadas: em muitas partes se tem estabelecido casas d'estas, segundo diferentes metodos, mas que se não pôdem considerar senão como ensaios, porque qual o verdadeiro systema é questão ainda problematica apezar de muito tractada. Entre nós já a Camara dos Deputados em 44, se occupou em algumas sessões d'um projecto de penitenciarias; a Faculdade de Direito d'esta Universidade deu uma prova do interesse que liga a esta questão, marcando-a para assumpto de *Dissertação inaugural*, para um dos actos de conclusões magnas, e que ahí corre impressa (1); a Revista Academica já publicou tambem outro artigo sobre este objecto (pag. 179) mas em nenhum d'estes escriptos se falla do systema do Sr. Silvestre Pinheiro, peza-nos que assim tenha acontecido, tendo este eximio escriptor sido o primeiro portuguez que tractou esta questão, e achando-se o seu systema publicado nas obras citadas no principio do artigo (2). Mas se quando foi publicado o artigo do Sr. Mendes d'Almeida não fizemos sobre elle reflexão alguma, não deixaremos agora de manifestar a nossa opinião e diremos que não só concordamos com o Sr. Silvestre Pinheiro que *o seu systema se não tem o direito de ser approvedo tem todo o direito a ser examinado* (3); mas dizemos mais que este

(1) O Sr. João de Araujo de Vasconcellos e Alvim auctor d'esta dissertação enviou dous exemplares á Redacção da Revista para sobre ella apresentarmos o nosso juizo critico: infelizmente porém veio a morte roubar á Academia aquelle manco, e agora abtemo-nos de dizer cousa alguma acerca da sua obra, porque se bem que lhe reconhecemos merito, teriamos todavia de fazer algumas reflexões que calaças por seu auctor não nos poder responder.

(2) A Memoria a que o auctor se refere, foi traduzida, na parte que diz respeito ás casas de correcção, pelo Sr. Dr. A. P. Forjáz, e publicada na Chronica Litteraria de Coimbra.

(3) O Sr. Silvestre Pinheiro n'uma carta que juncto com o seu artigo enviou a esta Redacção, diz: «... o incluso (artigo) sobre o systema penitenciario não me parece ser fóra de proposito, visto que se torna a fallar na creação de prisões d'este genero: e ha pouco li na mesma Revista

systema nos parece inquestionavelmente de todos os que se tem apresentado, o mais efficaz para se poder conseguir que o preso saindo da penitenciaria não venha reincidir.

Os methodos até aqui adoptados conseguem sim a emenda d'alguns ainda novos na carreira do crime; poderão ainda conseguir o arrependimento d'alguns criminosos já feitos: mas fazer com que estes, apezar de darem provas d'arrependimento, não vão de novo trilhar a carreira antiga; só poderá conseguir-se inbuindo-lhes habitos oppostos áquelles que tinham d'antes, habilitando-os para que na sua entrada na sociedade venham occupar uma posição que os afaste das ruins companhias em que se fizeram criminosos, e isto só se conseguirá pelo systema do Sr. Silvestre Pinheiro.

Parece-nos porém que este systema não deverá ser applicado igualmente para todos os presos: se as penitenciaras já estabelecidas tem conseguido que alguns criminosos saíam d'alli completamente emendados, é porque para esses os meios adoptados são sufficientes; o mesmo sabio auctor do artigo acima concorda na efficacia simplesmente d'estes meios em alguns casos, e por consequencia para aquelles que estiverem nestas circumstancias não haverá necessidade de sujeitá-los a todos os tramites propostos pelo Sr. Silvestre Pinheiro.

Ainda para os criminosos mais proversos, para quem é necessario o emprego de todos estes meios, julgamos que o methodo porque elles deverão ser empregados, só poderá marcar-se attenta a natureza do crime, a indole e

costumes do preso; porque tracta-se do dar educação e instrucção áquelle que a não recebeu, ou se a recebeu viciada, de emendar o erro: mas em educação não se pôde seguir um methodo exclusivo, é necessario adaptar o meio ao sujeito. Isto que a experiencia de todos os dias mostra ter logar com as crianças, onde ainda não ha habitos mas só tendências, augmenta de força quando se tracta de homens feitos e endurecidos no crime.

Entendemos portanto que o verdadeiro systema penitenciario será um systema mixto de todos os meios hoje adoptados e dos propostos pelo Sr. Silvestre Pinheiro, empregados segundo mais conveniente for ás circumstancias do criminoso. O juiz, que deverá habilitar-se com os conhecimentos necesarios para esse fim, e que durante o processo irá estudando miudamente o accusado, prescreverá na sentença qual o regimen a que elle deve ser sujeito (4).

É esta em resumo a nossa opinião em quanto ao systema penitenciario em geral, não lhe damos maior desenvolvimento, por não tornar demasiadamente longo este artigo; talvez voltemos ao assumpto para fallarmos da sua applicação entre nós, porque agora que se cuida em termos um Codigo penal, devendo alli estabelecer-se as bases do systema penitenciario que tem de adoptar-se, a imprensa não deve ficar silenciosa a tal respeito. Desejamos que a penna magistral do Sr. Silvestre Pinheiro continue a occupar-se d'esta questão; pela nossa parte sempre que se tractar da causa da humanidade nunca nos eximiremos da lide.

R.-L.

uma exposição do assumpto, que muito me faz recetar se não chamem a exame as ideas que eu já n'outras occasiões sobre elle tenho emitido e que, por me parecerem verdadeiras, me julgo com direito a exigir, não que se aproveem, mas que se examinem....

(4) Não se entenda que pertendemos que o juiz tenha de marcar o tempo que o criminoso deverá permanecer na prisão; queremos com o Sr. Silves-

tre Pinheiro que se lhe dê a esperanza de lhe serem diminuidos os soffrimentos com os progressos do seu melhoramento, e esta é tarefa do Director da penitenciaria, que tambem deverá ser homem intelligente: mas o que entendemos que o Juiz deverá marcar previamente é — se o criminoso deve trabalhar em separado ou em commum; se se lhe deve ensinar uma arte ou officio differente d'aquelle em que antes se empregava &c.

— 1810266 —

CANCIONEIRO PROVENÇAL.

(Continuado da pag. 287.)

III.

A PONTE.

E era um valle, todo coberto de alamos gigantes, cheirosas acacias, e platanos de largas folhas. Ha ahi uma ponte, de um só arco por onde outr'ora corriam as aguas do Huvanna. O rio vagabundo leva hoje ao mar por diverso alveo seu ignoto feudo. E cresce o musgo sobre os alvos seixos, que as aguas cobriam n'outras eras.

Se alguém ha inda, que ame a fresquidão e as sombras, é deixar a cidade sumptuosa, e vir para a ponte dos amores. A linda Echo ahi está na abobada virente do seu arco. Os osculos, que ahi resvalam pelos labios ardentes, vibram-se com encantadora melodia. Já vai longe o beijo, inda os ouvidos o gozam.

Embalsamada e doce é aquella atmospheria, cuja sombra espessa jámais o sol dissipa, onde a chuva não penetra, e cujo mysterioso asylo os proprios ventos respeitam.

E sob aquella ponte sem igual, os echos não são indiscretos; não repetem aos passageiros os segredos da ternura. Nunca por elles soube a mãe os viçosos desejos da filha. Nunca sua voz imprudente fez córar o velho marido, nem dissipou a pacifica ignorancia da esposa atraçoadada.

Oh! ide-vos, para o bello arco d'essa ponte, todos vós outros, que amais os beijos, os longos beijos da belleza, da mocidade, e do amor.

IV.

A NOIVA DO KYNAST.

Porque motivo se abateu a ponte levadissa; e rangou sobre seus gonzos enferrujados a pesada porta do castello?

Em vistosa cavalgada vão entrando muros dentro os vassallos da gentil condessa Amelia, — os vassallos dos mais remotos confins do condado. Veem pedir-lhe que tome estado, e marido. Livre é o alvidrio da bella moça; mas os subditos carecem de um chefe.

O velho Conde jaz no sepulchro: a patria tem injurias, que vingar: e querem os vassallos um capitão, que os gue ao combate.

E ha ahi mil pretendentes na ala dos cavalleiros: inflamma-os o amor e a gloria. Baldado porem ha sido o seu desejo, que Amelia quer morrer virgem. Vem ella receber o cortejo, envolta no funebre sacco de suas largas vestes de lucto; e responde-lhe por esta arte: «Decidida estou a comprazer-vos, nobres cavalleiros; mas careço de um pinhor da paixão, e valentia do meu esposo. Quem ousará recusar-m'o?... O meu coração, e a minha mão a quem me offertar esse pinhor.»

E os cavalleiros a bradar a um tempo: «Fallae, senhora.»

— «A todos vós foi patente a maneira, porque morreu meu pac. Estava elle olhando, assomado ás nossas muralhas, o fundo do abysmo. Turvam-se-lhe os sentidos, precipita-se na voragem profunda, e morre despedaçado. Aquelle de vós, que aspirar á minha mão, monte a cavallo, percorra d'est'arte em toda a roda os estreitos muros do Kynast; e prove por este feito atrevido, que pôde desafiar impunemente os meus rochedos, e os meus abysmos; porque eu não quero segundo lucto. E aqui vo-lo juro: nenhum outro entrará o meu leito nupcial.»

Calou-se a donzella, altiva com o seu estratagemina; e os cavalleiros retiráram-se.

E mais de um guerreiro trepou aos reparos do Kynast; mais de um cavalleiro mediu com a vista o precipio; mas e pensamento da condessa realison-se, nenhum ousou abalançar-se ao arriscado passeio. O castello ficou silencioso e de-

serto; e pôde Amelia guardar a memoria de seu pae, sem que uma festa viesse perturbar o seu lucto.

Até que assim um mancebo se apresenta. Não se encontram hoje animo, e amores d'esse lote. Era elle já famoso cavalleiro, a chamava-se — o Conde Alberto.

O Conde Alberto ahi está ás portas do castello, e pede venia para tentar a perigosa carreira. « Ou morrer, ou possuí-la » — é sua divisa.

E a condessa fica interdicta, e assombrada: que nunca lhe viéra ao pensamento, que um apaixonado tão sem tino, e valente, pudesse haver, que assim affrontasse uma inevitavel morte. Mandalhe os seus pagens, e escudeiros; quer dissuadi-lo do intento funesto; recusa-lhe o seu consentimento. É de balde; o damnado do cavalleiro faz-lhe lembrar seu juramento d'ella; e sua divisa d'elle — « Morrer, ou possuí-la. »

Então Amelia manda vir á sua presença o coitado do mancebo; e falla-lhe por este modo, com os olhos rasos de lagrimas: « Conde, que ides condemnar-me a um desespero eterno! Oh! ouvi-me bom: — Eu não posso amar-vos; mas quem ha que não se commova ao aspecto de tamanha mocidade, e tamanho valor! oh! mas crêde que esse arrôjo não é virtude, é uma audacia insensata, é uma tentação infernal. Nunca foi, senhor, meu intento crear um folgado para mim com a vida dos homens. Queria ser livre; eis o unico fim, a que o meu juramento tendia. Como imaginar que por alguém seria tentada essa carreira homicida! Desventurado Conde, se eu vos sou cara, resignae vosso projecto, em vez da noiva abraçariéis a morte. Ambos perdêramos no mercado fatal. Oh! tendê piedade de vós, e de mim! » E ella estava a seus pés, e conjurava-o, em nome do céu, e da terra.

E o Conde Alberto está firme, e inabalavel. — « Se eu morrer, que importa! a culpa não é vossa; amor é só culpa-

do. » E ei-lo, n'um pulo, em cima do palafrem, para correr a muralha.

Tristes, e cabisbaixos o rodeiam seus escudeiros. Não ha ahi olhos enchutos no concurso numeroso. Um sacerdote o absolve, e « abençoa. — A noiva fatal está ornada com seus vestidos nupciaes; Alberto a tranqulisa de balde. E retine o ar tres vezes com o som das trombetas, signal do amor, ou da morte. E o Conde se inclina audaz á beira dos rochedos. E o cavallo trepa destemido o alto da estreita muralha. E a mão do cavalleiro envia de longe beijos, e emboras. Não ha medo, nem turbação para aquella alma.

O cavallo caminhava com precaução; como que *participava*, que *sabia* das valentias do amo. Mas solta-se uma pedra, e resvala no abysmo: vai com ella corcel, e cavalleiro. Sente-se ora apenas o echo sinistro, que produz a armadura de ferro a quebrar-se escontra os penedos, de socalco em socalco, até perder-se na voragem profunda.

A condessa esteve a pontos de succumbir á violencia de uma febre, que aquelle horrivel espectaculo lhe produzia. Mas ei-la ahi já fóra do seu leito de dor; e eis ahi tres irmãos todos tres mancebos e gallardos, a pedir-lhe audiencia.

Os tres valentes querem vencer a carreira do Kynast, ou morrer. Foi voto, que fizeram. — « Abandonae esse negro projecto, lhe dizia a condessa, já um foi victima. Poupae-me a novas penas. Eu vou assim destruir uma geração inteira. Oh! não, não! leve os meus bens e thesouros, reparti-os por vós; mas renunciae ao voto fatal, ou não mais tornareis a abraçar vosso velho pae. » — A donzella chorava; e suas lagrimas, que inda mais bella a tornavam, mais tambem faziam crescer o amor dos tres irmãos enamorados:

— « Nós somos d'alta linhagem, diziam elles; e se por vós pôde morrer o conde Alberto, os mesmos direitos nos

assistem a nós, que somos teus esposados, ou esposados da morte. »

O mais velho não cede do seu jus de primogenitura em face do perigo; é o primeiro, que se lança á morralha. Aperta a mão aos dous irmãos, lança uma ollhadura de amor para a condessa, e corre. — Já levava de vencida metade da carreira, quando retumba um grito de espanto. O cavallo, assustado, empina-se; e o infeliz desaparece.

Ergue ao céu o 2.º irmão seus desesperados olhos. Silenciosa dor lhe palpita no seio. Um tremor mortal o assalta. Debruça-se nos rochedos o sem ventura; estende os olhos pelo abysmo; e vai seu cadaver abraçar-se com o cadaver do irmão.

Lavra a palidez do terror pelas faces dos assistentes; e Amelia exclama banhada em lagrimas, para o 3.º mancebo: «Por piedade, senhor, conserva e a um pae seu filho derradeiro.»

— «Meu dever é o meu voto. Se eu morrer, dizei a meu pae como nós o cumprimos.» Assim disse; e apertando com as esporas o ventre do fogoso gineete, sumiu-se como um relampago, muralhas fóra. E não foi para olhos humanos tornar mais a ver, nem cavallo, nem cavalleiro.

Amelia foi conduzida em braços ao seu leito de dor. As ultimas palavras dos tres irmãos retiniam de continuo aos seus ouvidos. Horriveis sonhos a atormentaram; e a voz dos phantasmas e finados, a perseguia: — «Adeus, diziam elles, Noiva do Kynast. Não distingues o pardo crepesculo da manhã? Vem receber em tuas palidas faces os beijos da morte.»

A misera volven todavia á existencia, mas nunca á felicidade. Reflectiu nas illusões da vida, e não viu mais que tormentos. O aspecto dos mancebos exacerbava a perturbação e horror de sua alma. — «Eu vivia vida de pureza, e de paz. Foram elles que mancharam e fanáram minha existencia. Pois que tentem agora o giro do castello. Já não se me dá da sua morte.»

E muitos cavalleiros se abalançaram. Ella contemplava do alto de suas torres alevantadas aquelle barbaro jogo. Chorava sobre o conde Alberto, chorava sobre os tres irmãos. Para os demais era indifferente.

E já mui numerosa era a conta de suas victimas, quando ignoto cavalleiro, chega trotando á beira dos fochos, a pedir a venia do estylo. Vinha coberto de rica, e insolita armadura. Sciutillavam-lhe seus negros olhos, sob a viseira de ferro, como dous astros de fogo em noite escura. Amelia encara o mancebo formoso; e freme-lhe subito o coração de amor e de espanto. É a vez primeira. Oh! que agora saberás o que são tormentos; — Inda não amaste... inda não os conheceste.

O Guerreiro pede a mercê de morrer. E a condessa, sem dissimular seu amor, faz por dissuadi-lo com suspiros, e lagrimas: «Se pois meus rogos são inuteis, dae-me sequer um dia, a dilacão sómente de um dia.»

Em um vasto salão do palacio, é servido exquisito e sumptuoso banquete, em honra do recémchegado. O cavalleiro trava da arpa do bardo, e canta os folgares do amor; e sua voz vai repercutir-se no coração da donzella. A coitada velou a noite a fio, repassada de receios e esperanza, e de tenção assente de morrer ou viver com elle.

Até que nasce o dia. — Ao ver os presentes ademanos do guerreiro, purpureiam-se de esperanza as faces da noiva fatal. Já não ha dissimular; seus braços ardentes, e apaixonados cingem o guerreiro — o guerreiro intrepido, que escapando-lhe das mãos exclama: «Condessa, a hora dos abraços não chegou ainda. Escutae... são as trombetas, que apellidam pela victima. Adeus!» — Amelia desmaia, o cavalleiro arrojase á muralha. O brioso corcel caminha intrepido, e seguro. E eis ali cavallo, o cavalleiro, que volvem em

triumpho, sãos e salvos á meta, donde partiram.

Um grito unanime de alegria restitue á Condessa a existencia. Louca se precipita ella escontra o campeão triumphador: « Foi Deus, foi amor que te corôaram, conde e senhor do Kynast. Curvaevos, meus vassallos, ante vosso amo, e meu esposo. »

E dos labios da multidão ia a sair um grito de applauso e homenagem, quando um gesto temeroso, e uma olhadura feroz do guerreiro impõe silencio ás turbas.

« Nada de applausos aqui! en reveito a noiva. — Condessa do Kynast! que fizeste dos meus amigos? Onde está o Conde Alberto, onde estão os tres guerreiros? — Assassinaste-os; e eu não acceito uma dextra ensanguentada. Outra mulher é senhora do meu coração, e vontade; que me trouxe aqui sómente a vingança dos meus amigos; e vinguci-os. Rale-te as entranhas essa paixão sem esperanças, essa mão refugada, esse amor cuspidos aos pés dos teus escravos. » — Disse; e apertando as ilhargas ao ginete, desapareceu como um vampiro.

E um estupor mortal se apossou da Condessa. Ella tornou a si, como quem acorda de um pesadelo horrivel; — caminhou com passo incerto e mal seguro para o rochedo fatal. Sens pagens a seguiam de longe. — « Amor! exclamou ella, que te vingaste! Eu desdenhei os guerreiros mais valentes, tambem me cabe a vez de ser desdenhada. . . Mas porque se ha-de differir a boda? Meus noivos lá estão embaixo. Vinde receber a victima. » — E precipitou-se na profundez do abysmo.

Retumbáram ness' hora insolitos, e temerosos sons pelo boqueirão da voragem: — « *Porque estás sombria, e taciturna, dona Condessa? Vieste lancar-te, em nossos braços. Podes escolher agora: á noiva do Kynast não faltam esposados.* »

J. Freire de Serpa.

A INFANCIA

RECORDAÇÃO.

Alli pasó mi infancia
Cenida de altas dones,
En feliz ignorancia
De sangrientas pasiones.
La maternal terneza
Abrió ali à mis miradas
Las paginas sagradas
De la naturaleza.

J. J. de Mora.

Eu nasci n'um tosco albergue,
A' sombra d'uns parreirae,
Na margem d'humilde arroyo
De susurrantes crystaes.

Não longe formoso prado
Côr d'esperanças se vestia,
Onde brincavam pastores
Oude o armento pacia.

Fresca fonte ao pé da encosta
Retratava o sol ardente,
E das pastoras d'aldéa
Rosada face innocente.

Que vida aquella! acordava
Ao canto dos passariuhos
Que festejando a alvorada
Deixavam seus brandos niuhos.

Quando o sol era já nado
A' Ermida m' encamiuhava,
Juncto d'uma cruz singela
Innocentiuhos rezava.

Subia depois a espalda
De pequeno erguido outeiro,
E pensava que o que eu via
Era todo o mundo inteiro.

Vinha depois para casa
Minhas redes preparar,
Se não ia em vez de peixes
Incautas aves caçar;

E quando nas pobres choças
As fogueiras se accendiam,
E d'entre o colmo do tecto
Nuvens de fumo saiam,

E que o balar dos rebanhos
Que todo o valle estrugia
A' sineta do Mosteiro
Seus agrestes sons unia,

E o gemer do carro ao longe
Que os trabalhos já deixava
Vinha annunciar que o vcu
Da noite se desdobrava,

Eu então vinha correndo
Pelo prado alegremente
A abraçar, do albergue á porta,
Paterno seió contente.

Minha mãe então me unia
As tenras palmas da mão
E eu rezava com ella
A repetida oração,

E depois adormecia
No seu regaço encostado
Ao som de velha cantiga
Com que me havia embalado.

Tambem tinha os meus amores,
Era leda pastorinha
Que me dava lindos pomos
Em troca d'uma conchiinha.

Ella era do meu tamanho
Tamañina como eu,
Tinha os cabellos cõr d'ouro,
Os olhos da cõr do céu.

Era meiga como é meigo
De deús pombos o arrulhar,
Era casta como é casto
A rosa ao desabrochar.

Nosso amor era innocente
Doce amor d'infancia pura;
Os corações eram virgens
As almas eram candura.

Triste quando ella chorava,
Alegre quando sorria;
Eu me ria só por vê-la
Chorava porque a não via.

Uma vez, era nm domingo,
Sentou-se juncto de mim,
Pondo a mão entre estas minhas
Risonha dizia assim;

• Minha mãe conta que as fadas
• Me fadaram ser rainha;
• Antes quero sejam meu
• Do que toda a terra minha.

• Ves o campo onde brincamos,
• Este sol que nos aquece,
• Est'agua que nos sacia,
• Este dia que amanhece,

• Não m'encantára esse prado
• Esse sol não me aquecêra
• Não me saciara essa agua
• Se longe de ti vivêra

• Quando o latir do lebréu
• Alta noite me acordar
• Tenho medo, quero ter-te
• Juncto a mim p'ra conversar.

• Quando de sésta o calor
• Froxos membros me cançasse,
• Desejava ter teu peito
• Onde meiga m'encostasse.

Respondi-lhe co' nm sorriso
Prometti que assim seria;
Fomos brincar pelo prado
Ver de nós quem mais corria.

Ah! tempos, tempos da infancia
Dias de tanta saudade. . . .
Quem poderá olvidar-vos!
Quem chorar por vós não ha-de!

Mas que vale? . . . jaz lá tudo
Dos tempos na sepultura
Só doce recordação
Na memoria inda cá dura.

Coimbra Fevereiro de 45.

Evaristo Basto.

(I. D.)

ANTIGUIDADE DO EMPREGO
DA ARTELHARIA EM HESPAHIA E
PORTUGAL

POR

Francisco Freire de Carvalho.

Com este titulo acaba de ser publicada, em Lisboa, pelo nosso digno Conscio, uma Memoria; na qual o A., animado do mais vehemente espirito de nacionalidade, pretende assentar sobre bases historicas — que se occupamos hoje um lugar muito secundario na escala da illustração europea, já fomos n'outro tempo os primeiros, já nos coube a gloria de caminhar á frente da civilização, de guiar a humanidade na victoriosa marcha do progresso e da industria.

Não podemos deixar d'elogiar as patrioticas intenções, que sustentaram o A. na ardua tarefa de folhear os chronistas e historiadores peninsulares, e de *soperar*, digamo-lo assim, cada uma de suas phrases com o proposito de estabelecer — que o emprego da artilharia foi conhecido entre nós desde o principio do seculo XII e na Hespanha desde o seculo XI muito antes que d'esse emprego houvesse noticia nos outros povos da Europa, os quaes por isso tem o anno de 1380 e a cidade de Veneza como a época e o lugar d'aquelle invento. — Mas não podemos tambem deixar de sentir que tanto trabalho e tanta dedicação sejam perdidos para o lustre de nossa historia; pois que não vemos em resultado um cabal documento de nossa prioridade nesta descoberta, antes nos parece ver fortificada por algumas inducções a proposição que o A. teve particularmente em vista rebater, isto é — que a applicação da polvora á artilharia remonta, em Portugal, a uma época mui proxima ao tempo dos Filippes.

Estabeleçamos primeiramente o facto: e descendo depois á analyse critica

da Memoria esperamos levar á evidencia a exactidão do juizo que enunciamos.

A intrusão dos Filippes no fim do seculo XVI (1580) tinha sido, um seculo antes (1497) precedida pela aurora de nossas gloriosas descobertas e conquistas, preludiadas já desde 1415 pelo genio emprehendedor do Principe D. Henrique. Todas as vantagens que então obtivemos, foram inquestionavelmente devidas á superioridade de nosso engenho, ajudado pelo emprego das armas de fogo — desconhecidas tanto dos africanos meridionaes e orientaes, como dos povos das duas Indias, com quem tivemos de combater. E que o uso das armas de fogo era vulgar entre nós, por esses tempos, o mostra a generalidade do armamento, pois é bem sabido, quão lentamente se progride em taes mudanças. É como as armas de mão foram um aperfeiçoamento das armas de maior calibre, é por tanto obvio que a artilharia não pôde deixar de ser conhecida e empregada entre nós pelos fins do seculo XIV ou principios do seculo XV, como nos attesta Pedro de Mariz no elogio do Sr. Rei D. João I, aonde refere a noticia d'este invento ao começo do reinado d'aquelle Monarcha (por 1383.) reportando o proprio invento ao já citado anno de 1380.

Mas o A. da Memoria, desdenhando este testemunho positivo, vai por todas essas chronicas antigas mendigar passagens obscuras e trechos ambiguos dos historiadores assim nacionaes como estrangeiros, *tenteando* por assim dizer as expressões para a final vindicar uma gloria, que não sei a que titulo nos adjudica, pois que a ser merecida e real, pertence ella toda aos Arabes, que nos precederam na posse d'esta nossa terra.

Vejamos o valor d'essas expressões, e autenticidade de sua origem.

Das auctoridades citadas pelo A. da Memoria, a que parece de maior peso e mais recommendavel, é a de Ruy de Pina na Chronica de D. Sancho I. Ora eis-aqui o que d'ella diz o seu editor, Miguel Lopes Ferreira:

» A... de D. Affonso Henriques
 » foi escripta por Duarte Galvão;
 » esta de seu filho e dos mais Reys,
 » que se lhe seguirão não é facil a
 » averiguação de quem seja o seu
 » verdadeiro e legitimo Auctor...
 » Damião de Goes.... trata com gran-
 » de miudeza este ponto, e mostra,
 » que estas chronicas serão compostas
 » umas por Fernão Lopes, e outras
 » por Eannes de Zurara, mas não du-
 » vida que Ruy de Pina lhes deu me-
 » llhor forma &c.»

e o Academico Antonio Rodrigues da Costa, que por parte do Paço approvou sua impressão, diz:

» ainda que está tão rudemente es-
 » cripta, que não corresponde ao ti-
 » tulo honorifico de Chronista-mor,
 » e com tão poucas noticias e tão
 » mal circumstanciadas, que tambem
 » parece que não é producção legiti-
 » ma d'um Guarda-mor da Torre do
 » Tombo: com tudo como a anti-
 » guidade sempre é veneravel &c.»

Pelo que respeita ás passagens e phrases citadas do mesmo Ruy de Pina e outras analogas: a palavra *artelharias* que se lê no Cap. 10. de nenhum modo se pôde referir ao que hoje se entende por esta palavra, porque com semelhante idea repugna tudo, quanto ali se lê dos aprestes feitos para tomar a *couça* de Silves e investir a *torre*. Abi apparece tambem a expressão—*El Rey lhe mandou logo tirar com grandes tiros e grossos de polvora*: mas não só o resto da descripção desvanee a illação primeira, porém é demais bem sabido, que estes *grossos de polvora* eram os barris (de que ainda hoje se usa nas minas), os quaes por mais espantar que offender, se denominavam *trons*, palavra feita do *tonitrus* latino, de que se serviu *Marcus Græcus*, como logo diremos.

Pelo que toca á importancia da auctoridade do Dr. Conde na sua *Historia de la dominacion de los Arabes en España*: não é o lugar citado mais proprio para nos persuadir, que os de

Ruy de Pina; antes com estes conspira para nos convencer da interpretação, que lhes havemos dado: com effeito, não era em torres de madeira *acercados a los muros* que seria montada a artelharia do genero da nossa, mas só em taes torres podiam ser proveitosos os *trons* e mais *fogos* de *Marcus Græcus*.

Em relação ás passagens de João Baptista de Castro e de Casiri, que fallam—o 1.º d'uma balla tirada pelos mouros no cerco que precedeu a tomada de Lisboa (1147), o 2.º no uso dos *scorpiões* &c: lembrarei—1.º que as *Balistas, Catapultas, Onagras, e Scorpiões* de que usavam os antigos não tinham outro uso senão lançar tiros de frechas, de ballas, de pedra, chumbo e ferro, globos e vasos de materias inflammaveis &c. 2.º que a passagem citada a pag. 5, extrahida por Casiri dos *Codices arabicos*, é uma confirmação não só do juizo que havemos feito, mas tambem do uso dos *Scorpiões* de que agora fallamos.

Se é finalmente preciso um testemunho nacional insuspeito, ali temos Gomes Eannes d'Azurara na 3.ª Parte da chronica de D. João I, cap. 29. Falla-se dos preparativos para a expedição de Ceuta pelos annos de 1414—15 (trinta e tantos annos depois da descoberta da artelharia) e elle diz:

» Os tanociros não erão pouco tra-
 » ballados em fazer.... as vasilhas...
 » Os alfayates... em... fazer librés...
 » *Carpinteiros* em encaixar bombardas
 » e trons, e endereçar todalas outras
 » artelharias, as quaes erão muitas e
 » grandes.»

Fallando, ao depois, da arribada a Ceuta, no cap. 56, diz:

» começarão alguns de tirar com
 » trões e bestas aos da frota.... e
 » como quer que assim trabalhassem
 » de fazer seus tiros, nom podião
 » muyto impecer.... senom a galé
 » do Almirante, a qual, logo como
 » chegou, foy ancorar mais perto da
 » praya, que as outras, onde estava
 » muy sogeto ao perigo d'aquellas
 » setas &c.»

As duas palavras *Carpinteiros* e *setas* não só põem na maior evidência a interpretação que deve dar-se ás citações fundamentais do A. da Memoria, tanto mais quanto é Eannes de Azurara o presumido A. da Chronica de D. Sancho I; mas auctorizam até certo ponto a duvida, se a artilharia moderna era conhecida em Portugal nos começos do seculo XV.

Mas se é dos conhecimentos dos Arabes em artilharia que deriva a gloria de nossa prioridade, e se por artilharia deve entender-se—armas de fogo empregadas contra os inimigos;—então não precisava o A. da Memoria d'invocar testemunhos obscuros, nem devia parar no seculo XII—podia com segurança recuar para a Europa, até ao seculo VIII, ao tempo em que viveu Marcus Græcus.

O Dr. Fred. Hoefler, um dos membros da vasta companhia d'exploradores das livrarias europeas, por conta da Alemanha, acaba de desenterrar da poeira da Bibliotheca Real de Paris dous Mss. n.º 7156 e 7158, copias do mesmo original, mas tiradas em seculos diversos, (a 1.ª do começo do seculo XIV, a 2.ª do sec. XV) aonde se lê:

» Incipit liber ignium a Marco Græco descriptus, cujus virtus et efficacia ad comburendos hostes tam in mari quam in terra plurimum efficacax reperitur &c.»

Neste livro, entre outras receitas, vem a seguinte:

» Accipias lib. 1 sulphuris vivi, lib. 2 carbonum vitis vel salicis, 6 libras salis petrosi (salitre). Quæ tria subtilissima terantur in lapide marmoreo. Postea pulvis ad libitum in tunica reponatur volatili (foguêto) vel tonitru faciente (bomba). Nota

» quod tunica ad volandum debet esse gracilis et longa et cum prædicto pulvere optime conculcato repleta. Tunica vero tonitrum faciens debet esse brevis et grossa et prædicto pulvere semiplena et ab utraque parte fortissimo filo ferreo bene ligata. Nota quod in tali tunica parvum foramen faciendum est, ut tenta imposita accendatur.»

E supposto haja alguma obscuridade sobre a patria e vida de Marcus Græcus, sabe-se, que elle viveu anteriormente a Misué, Medico arabe do seculo XI, que o cita a pag. 85; e que elle conhecia a lingua e processos dos Arabes, porque nas suas receitas emprega as palavras arabicas, a que não correspondiam latinias, taes como *alkitrau* (alcatrão, *zambac* (essencia d'açucena) *tyriaca* (tiriaga) &c. nomes, que designavam substancias empregadas pelos Arabes na fabricação de seus fogos; assim como que elle é posterior ao seculo VII porque é ao principio do VIII que se refere a descoberta do *fogo grego* (seu gregois) não obstante a asserção de Constantino Porphyrogeneta, que elle fôra communicado por um anjo a Constantino Magno, pois a primeira menção que encontramos do emprego d'esta arma no Baixo Imperio, é no tempo do Imperador Leão, de quem se diz que — «fazia lançar à face do inimigo pequenos tubos (microi syphones) cheios de fogo, e que muitas vezes rebentavão entre as mãos d'aquelles que os lançavão» — (a) o que nos indica a receita de Marcus Græcus.

Concorre tambem para nos induzir a crêr que Marcus Græcus viveu no seculo VIII, o ter occorrido neste seculo a invasão dos Mouros na Hespanha e na Sicilia (711—713), e a superioridade

» duas partes vero salis petrosi, et in oleo lini vel lini, quod est melius, dissolvatur bene pulverisata et oleo liquefacta. Postea in cana vel ligno excavo reponatur et accendatur. Evolat enim subito ad quemcumque locum volueris, et omnia incendio concremabit.»

Quem deixará de ver aqui os *microi syphones* do Imperador Leão?

[a] Ainda que me proponho publicar nas columnas d'este Periodico uma traducção do pequeno livro de Marcus Græcus, não posso, deixar de transcrever aqui a integra do paragrapho antecedente ao citado no texto. Diz assim:

» Nota quod ignis volatilis in aere duplex est compositio; quorum primus est: Recipe partem unam colophonii, et tantum sulphuris vivi,

de sua illustração, que faz dizer a um Escriptor francez— «Leur marche triomphale fut comme un sillon lumineux tracé au milieu des tenebres de la barbarie.» (b).

Não valia por tanto a pena de instaurar uma semelhante questão de prioridade: e eu julgo mesmo que teria mais valido não a haver suscitado, a não ser para me dar a occasião de fazer conhecido entre nós aquelle importante documento, achado na Bibliotheca Real de Pariz, que vem ainda cortar uma outra questão—a da epocha da descoberta, e a do inventor da polvora, cujas honras se tem pretendido conferir a tanta gente, e particularmente a Roger Bacon.

P. N.

ADDITAMENTO AS NOTAS DE

CALCULO DIFFERENCIAL E INTEGRAL

de L. B. Francoeur.

De abaixo d'este titulo acabam de imprimir-se algumas notas que, ou pelos motivos expostos no prefacio á traducção do Curso completo de Mathematicas Puras por Francoeur, que não permitiram concluir-se umas; ou pela transcendencia d'outras, que as tornava desnecessarias para o fim da traducção; o Traductor da parte do calculo differencial e integral não ajuntou aquella edição, e só extrahiu de algumas o que julgou bastante para aquelle fim.

Tendo-se porem dado pela ultima reforma maior extensão ao ensino do calculo transcendente, o Lente da aula respectiva, que tinha conhecimento d'estas notas e da sua importancia para preparar os ouvintes com conhecimentos ne-

(b) No fim da receita do 1.º fogo encontram-se as expressões seguintes:

«Postea vero IV lb. de alhitran græco infundas.»

onde se vê, que o fogo grego era preparado com drogas de denominação arabe, e que por tanto a sua receita não pôdia ser assim formulada senão no seculo VIII, epocha em que o vemos empregado com este nome, contra a frota dos sarracenos perto de Cyrico.

cessarios para a intelligencia de estudos ulteriores, qbteve do Auctor que no anno passado se lithographassem algumas d'ellas, e que no presente anno se imprimissem essas mesmas retocadas, e se lhes addicionassem mais duas pertencentes ao calculo differencial, e extrahidas de trabalho mais extenso.

Sem nos demorarmos agora em analysar o merecimento d'este trabalho, merecimento que aliás as pessoas entendidas na materia facilmente apreciarão contentar-nos-hemos com indicar o objecto d'estas notas, as quaes veem todas acompanhadas de exemplos e applicações interessantes.

1.ª Desenvolção das funções em Series — Demonstraçõ da formula geral de Laplace, na qual se comprehende a de Lagrange, e que encerra a de Maclaurin e Taylor.

2.ª Osculações e curvaturas — Circulo osculador. Angulo de torsão. Curvatura de Superficies.

3.ª Equações differenciaes totaes. — I. Methodo de eliminacão entre as equações lineares, quando os factores que multiplicam os coefficients differenciaes da mesma ordem são os mesmos em todas. — II. Methodo de integração das equações differenciaes, por meio dos integraes das mesmas equações privadas dos seus ultimos termos. — Reflexão sobre uma classe de equações que podem ser integradas exactamente por este methodo. — Idéa fundamental do Methodo chamado da *variação dos parâmetros*.

4.ª Equações differenciaes parciaes. — I. Methodo geral de integração das equações lineares de 1.ª ordem entre n variaveis independentes. Chega-se por um modo inverso e mais luminoso a um resultado já achado na 1.ª nota. — II. Integração das equações não lineares de 1.ª ordem por meio do methodo precedente. — III. Demonstraçõ nova, e muito simples, do methodo de integração das equações lineares da 2.ª ordem.

F. de C. F.

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.

O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 196)

IX.

Dixit quoque Deus: Producat terra animam viventem in genere suo; jumenta, et reptilia, et bestias terræ secundum species suas. Factumque est ita. Et fecit Deus bestias terræ juxta species suas, et jumenta, et omne reptile terræ in genere suo. Et vidit Deus quod esset bonum.

Terminava a manhã do quinto dia do mundo, e com ella a terceira epocha da terra, quando á musica harmoniosa das aves (1) ia succedendo pouco a pouco um silencio grave e triste. Ao hymno melodioso, que saudára o nascer d'esta aurora, respondêra por vezes nos soturnos desvãos do globo o longinquo fragor do terremoto, e ao som d'essa tritica harmonia vira o espirito do homem alevantarem-se as montanhas do *Viso*, *Pilas*, *Erzgebirge*, *Thuringerwald*, e *Bohmerwald-gebirge*.

E os monstruosos cetaceos (2) em vão procuraram espavoridos os antros reconditos do pelago; que lá mesmo os foi colher o furor da tormenta, e confundidos os deixou com os mais humildes testaceos, dormindo o eterno somno da sepultura debaixo dos enormes bancos de *calcareo magnesiano* e *oolitico*, de *lias*, e *gres verde*.

Mas agora ao começat da tarde do

sexto dia aquelle fragor era mais terrivel e medonho, e o timido gorgear dos cantores das florestas tinha emudecido na presença d'elle. E o espirito do homem viu empolarem-se os mares em uma vaga immensa, e após surgirem de entre a voragem das aguas, n'um extremo os *Alleghanys*, cujos picos se elevavam até mais de cinco mil pés (3), e no outro as montanhas de *Ghattes* que nos tempos futuros haviam de ser testemunhas de feitos sem par obrados por heroes, cujo nome seria depois o unico brazão glorioso de sua raça degenerada. E no meio d'essa vasta cordilheira apparecia o magestoso tumulo de *Pyrene*, e o *Alp-beanino* estendendo um para o outro sua base granitica, como para agitearem o berço, em que deviam de ser embaçadas as duas rainhas da civilização antiga e moderna. E lá para o *Nor-d'Este* lançava o Senhor a este tempo os alicerces do *Caucaso*, ante os quaes fugiam as aguas do *Polo*, e recuava o *Caspio* abraçado ao *Ponto Euzino*.

E ali para o *Metodia* tambem se divisavam já os primeiros fundamentos do *Atlas*, toruendo pela banda do *Septentrião* o vastissimo lago, onde tinha de ser lançado o grande deserto da *Lybia*, medonho oceano d'arêas. E depois abrandava por um pouco a furia dos elementos, e o silencio passava com magestade per sobre a superficie da terra.

E ao longe trôou de novo aquella voz angusta, cujo som era repercutido per todos os angulos do universo. E essa voz mandou á terra, que produzisse os animaes (4), a quem, se não era dado mergulhar nas profunduras do pelago,

pés d'aves pelo menos de septe especies pertencentes a ordein das *peru'altas*.

(2) Tomamos a palavra *cetuceo* no sentido que lhe ligaram os antigos, os quaes designavam pela palavra *café* animaes aquaticos ou amphibios de grandeza enorme, quaes o *Ieldhyosaurus*, *Iguandon* &c. Assim deve entender se a phrase Biblica.

(3) Esta altura era sómente consideravel para aquellas epochas, porque as mais altas montanhas são as mais modernas.

(4) Dissimos já, que não julgavamos a doutrina da transformação, das espec.es. contraria á historia do Genesis; dizemos agora mais; parece até, que

(1) Escravos da fé, que damos á narração de Moysés, iremos de encontro ao testemunho dos factos geologicos, quando suppomos a existencia das aves anterior á dos terrenos terciarios? Os que assim porventura julgarem lembrem-se, que a primeira apparição dos differentes animaes sobre a terra devia de preceder grande espaço á epocha de um sotterramento de numero consideravel de individuos, os quaes depois haviam de apparecer no estado de fosseis. Além d'isto já nos terrenos secundarios apparecem vestigios da existencia d'aves. O professor *Hitchcock* descobriu no novo *gres rubro* do valle de *Connecticut* (America) as impressões dos

ou remontar até a eminencia das nuvens, sobrava-lhe um instincto superior, no centro de cuja esphera o espirito do homem divisava alguma cousa semelhante ao resplendor da razão.

E elle viu o *Anoplotherium* sacudindo com a cauda longa e forte as mansas aguas das lagoas, e o *Palæotherium* ás margens dos rios collindo o sustento com a tromba carnosa e curva.

E logo o *Hippopothamo* arrastando per sobre o lodo dos juncaes seu monstruoso abdomen, arremedava com longo hiato o vivo relinchar do gincte, que seguia de longe, folgando, o passo grave do *Mammouth*.

E mais além sobre o cume de silenciosa collina, onde apenas se ouvia de quando em quando o susurrar de aligeiros insectos, que brilhavam a travez do luar sereno, como saphyras que se cruzassem em meio de subtil poeira de prata, apparecia o rafeiro (5) futuro guarda fiel do homem e dos rebanhos, ora cravando os olhos na planicie, ora nivando tristemente a largos espaços, e escutando attento o echo de seus gemidos, como se esperára a resposta do amigo, e benfeitor, que o instincto lhe figurava escondido lá entre as sombras da noite.

E o Senhor viu a obra das suas mãos, e fez descer sobre ella a sua bençã, para que essa obra se multiplicasse de geração em geração; e com a bençã viu o espirito do homem que descia ao coração d'aquelles seres uma centelha do amor, mas uma centelha do amor ainda não acrisolado, da qual era o unico pasto o que no amor ha menos puro e celeste.

E então a superficie do globo oscillava

novamente em toda a sua extensão, como se foram as cordas do alaude divino pulsadas pela mão do Omnipotente. E uma harmonia grave e terrivel, como a que por vezes tinha soado nas entranhas da terra, ouvia-se de novo, mas agora interrompida de quando em quando por longos espaços de silencio.

E por intervallos semelhantes se viam apparecer, e desaparecer no meio das aguas os cumes de submarinas montanhas, como se foram cabeças de collosaes monstros mariuhos, que depois de terem vindo contemplar o formoso espectáculo dos céus, recolhiam-se outra vez ás escuridões do pégo, levando como em trophéu os despojos dos seres organizados, que só nas inspirações das auras podiam beber o suave elixir da vida (6).

Não eram porém assim aquellas montanhas, que a mão do Senhor alevantava como diques, onde por todo o futuro havia de quebrar-se a baldada furia dos mares. E o espirito do homem viu então os *Alpes*, que começavam a erguer os seus coruchéus suberbos, como se com elles tentassem ir devassar a morada dos astros.

E após surgiam longas cadeas de montes, os quaes comprimindo os mares do occidente, traçavam por uma parte o contorno da peninsula *Iberica*, onde sobre todos campeavam o *Mulhasen*, e a futura patria dos *Herminios*, e pela outra se apresentavam como primeiras balisas, para marcarem o logar, onde no porvir um extenso imperio, herdeiro dos costumes e idioma dos filhios dos *Lusos*, attestaria n'outro hemispherio as virtudes de seus progenitores.

em parte lhe é conforme. Eis a razão:—grande parte das especies hoje existentes, segundo os naturalistas, não têm analogas até os terrenos terciarios: foram então creadas de novo? Não diz tal o texto sagrado, que só falla de uma dupla criação de *reptis*. Ora se advertimos que ao contrario todas as especies extinctas pertencem a generos actuaes, levados somos a suppor, que dentro d'esse genero, se não houve novas creações, houve transformações.

Para levar mais longe a conclusão não ha um só facto positivo, a probabilidade da conjectura n'outro logar a examinaremos.

Comparado isto com o que já dissemos a pag. 125, ver-se-ha que não andamos de leve em suppor que os typos creados foram bem poucos, talvez tantos como os generos actualmente admittidos. Sirva o cão de exemplo do quanto podem variar as especies, mas dentro de certos limites.

(5) Supponmos com *Buffon*, que o rafeiro é o cão mais proximo do typo primitivo, se não o proprio.

(6) Para explicar as alternações das camadas de fússeis, já marinos, já fluviaes não achamos inverosimil a hypothese de *Prevcost*.

E ao mesmo tempo lá para as bandas do Oriente, em quanto por uma parte o *Indousk* e o *Paropamissus*, e pelo outra o *Elbroaz* em pé sobre as espadas do *Caucaso*, se esforçavam á porfia em escalar as regiões, onde se gera o raio, lá surgiam assoberbando-os a todos o *Tchamoulari*, e o *Dawalagiri*, assentados no regaço do *Himalaya*, e tendo a seus pés um throno de nuvens, e a fronte adornada de alvissimo diadema, como reis das montanhas.

E em vão tentava o *Atlas* pavonear sua cabeça com um diadema igual; a sua fronte ficou abatida, mau grado a ambição de a erguer até os astros como columna dos céus; e apenas seus braços estendendo-se para o septentrião puderam exercer a sua força contra a audacia dos mares, apertando desde o *Calpe* até os *Pyreneus* e os *Alpes* o grande golfo, que se chamou *Mediterraneo*.

E depois um silencio grave e solemne reinava em toda a superficie da terra. Os mares, que em seu arrojado furor tinham invadido a habitação das aguias, embalanceavam-se agora brandamente no seu berço de arêas.

Tinha-se completado a serie de terrenos terciarios de duzentos a quatrocentos pés de espessura: os *marnes*, o *gesso*, *gres*, *argila*, *sal gemma* tinham-se depositado em variadas camadas, onde se alternavam despojos organicos de quasi todas ordens de animaes e vegetaes.

E assim acabava a ultima tarde da criação, porque a tarde symbolisava a confusão e a desordem, e a confusão e a desordem já não podiam voltar á terra senão á sombra do crime.

O universo parecia em repouso, mas este repouso não era somno da natureza; era signal precursor de um grande successo, como a paz do orbe no tempo de *Augusto* havia de ser o presagio de estar eminente o acontecimento mais portentoso de toda a historia do mundo.

X.

Et ait (Dominus) Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram; et præsint piscibus maris, et volatilibus caeli, et bestiis, universaque terræ, omnique reptili quod movetur in terra. Et creavit Deus hominem ad imaginem suam, ad imaginem Dei creavit illum, masculinum et feminam creavit eos.

Benedixitque illis Deus et ait. Crescite, et multiplicamini, et replete terram, et subijcite eam, et dominamini piscibus maris, et volatilibus caeli et universis animantibus, que moventur super terram. Dixit quoque Deus. Ecce dedi vobis omnem herbam afferentem, semen super terram, et universa ligna que habent in semetipsis sementem generis sui, ut sint vobis in escam, et cunctis animantibus terræ, omnique volucris caeli, et universis que moventur in terra, et in quibus est anima vivens, ut habeant ad vescendum. Et factum est ita. Viditque Deus cuncta que fecerat: et erant valde bona. Et factum est vespere et mane, dies sextus.

E já começára a raiar a manhã que devia terminar o sexto dia do universo, quarta epocha da terra, em que a obra da criação tinha de completar-se.

E um hymno universal era per todos seres creados endereçado ao Creador.

Depois as aves se remontavam nos ares, e os animaes subiam ás mais altas montanhas.

E de todas aquellas boccas não saia um grito, nem um cantico, nem um gemido; que aos hymnos succedera o silencio, e todos animaes se preparavam para ouvir a palavra do Senhor.

Então a palavra do Senhor sôou per sobre a face da terra, porem não como d'antes imperiosa e absoluta.

E o Senhor disse: Façamos o homem á nossa imagem o semelhança; que a elle ha de pertencer o imperio sobre os peixes do mar e aves do céu, sobre os brutos do campo, sobre a terra inteira, e sobre todos reptantes, que se movem na mesma terra.

E logo o espirito do Senhor passava atravez do limo da terra, inspirava-lhe

um sopro de vida immorttal, e esse limo se animava (7).

E uma figura nobre e magestosa surgiu do meio do limo, e alevantou para o céu a sua cabeça de rei.

Os animaes soltaram um grito de alegria, e saudaram aquelle ser monarcha da terra.

E elle respondeu com outro grito áquelle grito, e contemplou pasmado o espectáculo da natureza.

E logo fitou os olhos no astro do dia; e o resplendor vivo d'esse astro feriu-lhos; e elle cerrou-os.

Cuidou então que acabava de existir, e esteve a cair por terra. Mas a mão do Omnipotente estendeu-se para elle, e o guiou a um lugar de delicias, onde nascia uma fonte, que regava todo aquelle paraíso, e que depois se dividia em quatro rios caudalosos.

Alli reinava uma primavera continua, e o celeste perfume das flores e fructos embalsamava os ares.

E aquelle ser, em quem o espirito do

homem se revia todo puro e innocente, como no instante em que se lavára nas aguas do baptismo, bebeu com as auras o perfume das flores do paraíso, e abriu de novo os olhos.

E elle viu e contemplou segunda vez em um quadro ainda mais sublime todo o espectáculo da natureza, brilhante e magestosa como acabava de sair das mãos do Creador.

E dobrou os olhos até a terra, e alçou as mãos para o céu; e adorou um Senhor supremo, cuja imagem achou estampada no intimo de seu coração.

De todos logares do globo se erguia a par d'esta oração um cantico cheio de harmonias; e as montanhas, e os campos, e os mares, e as florestas repetiam esse cantico. Era um hymno de gratidão e amor, que acompanhava a primeira oração do homem até á morada do Eterno.

E o Senhor inclinou os seus ouvidos para escutar aquelle hymno, que lhe era tão agradável, e suas entranhas de

(7) Agora vamos oppostos aos *ultra transformistas*. O homem transformação de outro animal, não é o homem do Genesis.

Confessamos que talvez uma progenie de macaco poderia archivar melhores pergaminhos que a raça saída do lodo: mas uma tal questão era de nobreza, e nellas o mais que se consegue é afastar a humildade do nascimento; a final depara-se com o lodo. Além d'isto cumpre lembrar que o macaco ainda não appareceu fossilizado.

Desde o meado do seculo passado assentaram os Philosophos que todos tinham direito a um monumento, como o que em *Westminster* encerra as cinzas do homem, que mais honra deu à *Inglatera*, e cujo nome pôde a humanidade inteira citar com orgulho. Dahi veio que cada um constitua em lei geral um facto as mais das vezes particularissimo, e invocando o principio = a natureza obra pelas vias mais simples = em lugar de a simplificar, complicava-a. Eis a origem de muitos delirios, ou pelo menos romances, como os de *Lamarck* e *Baspail*, &c. &c. O oxigenio, e carbonio formam uma molecula organica: em virtude de que? — de uma lei. Essa molecula por um successivo aperfeiçoamento vai-se transformando até chegar a ser um homem: em virtude de que? — d'outra lei. Bem: duas leis explicam tudo. Mas a natureza, então, não foi coherente: o seu plano devia ser = propagação por via de transformação = E a cousa não era difficil: bastava encurtar os periodos das transformações; escusava-se a redundancia dos sexos.

E como seria então curioso ver o *polyposinho* tornar-se no fim de um idade mollusco, passadas duas insecto, ao cabo da terceira peixe, na quarta reptil, e depois mamífero! Bastava que cada idade constasse de uma dezena d'annos, e aos 60 ali tinhamos o polypo um homem feito. E não só era isto curioso, era até uma tendencia para o *optimismo*: poupavam-se tantas dores, principalmente ás fêmeas.

Mas como assim não é, longe vai a simplicidade que queriamos abraçar, e em lugar d'ella achamo-nos com tres leis, cada uma das quaes pôde servir de titulo a um codigo; se não, que o digam os Physiologistas; os quaes muito bem sabem o valor das palavras = *vida*, *successivo aperfeiçoamento organico*, *geração*.

Que as differentes especies de animaes tiveram um principio, e umas depois d'outras, mostra a Geologia; o modo como começaram, nunca a Philosophia o descobrirá; atenlamo-nos á Revelação, que vamos mais seguros. Iremos ao lodo buscar os elementos do homem; teremos ali talvez muita materia organica, que se transforma obediente á lei do Omnipotente no mais perfeito dos seres animados, como, segundo alguns, acontece ainda hoje a respeito dos animaes inferiores. O homem dahi sairá á voz de Deus, trazendo já dentro em si o germen da futura consorte no encargo de multiplicar a especie humana. Se isto não é mais comprehensivel, vai pelo menos mais desviado de difficuldades.

bondade commoviam-se-lhe de complacencia por elle haver creado o homem á sua imagem e semelhança.

Mas o homem emquanto orava, sentia o seu espirito embebido na immensidade do Creador; e perdido nessa immensidade se humilhava diante do mysterio.

Elle acabou a sua oração, e uma grave melancholia desceu sobre o seu espirito.

Porque queria encontrar um ser, a quem contasse as maravilhas do Senhor Deus, e queria que esse ser lhe ensinasse a adora-las com a dedicação dos anjos.

O Senhor conheceu os desejos do homem, e compadecido desceu sobre o paraíso; e disse, não era bem que o homem fosse só sobre a face da terra.

E então fez vir diante do homem todos animaes, que viviam na terra, e todas aves, que voavam nas regiões dos ares. E o homem os examinou, e nomeou-os por seu nome.

Mas em todos elles não encontrou um sequer, que lhe fosse semelhante; e elle chorou de tristeza.

Porque elle tinha visto, que todos animaes levavam ao lado um companheiro tão semelhante a elles; mas o homem estendia as mãos para o seu lado, apertava-as contra o peito, e não podia abraçar um companheiro. Apalpava, e só encontrava um coração, que alli pulsava mais forte.

E era alli, alli onde o coração batia, que despertava a cada pancada um sentimento intimo, um instincto de amor todo celeste.

Era alli, que tinha vindo encarnar-se o pensamento profundo da crença na Divindade, quando o homem ao contemplar as maravilhas do Eterno, sentiu a necessidade de um companheiro. Porque o coração d'este companheiro seria uma ara sagrada, sobre que o homem havia de offerecer ao Senhor cultos mais dignos d'elle.

Era alli que duas crenças, dous ins-

tinctos, indeleveis apezar dos delirios da razão, vinham casar-se, confundir-se n'um unico sentimento, immenso e fecundo — o amor.

O amor de Deus, e o amor da mulher, este circumscripto naquelle, estavam alli gravados pela mão do Creador, tão justos como as suas leis, tão puros como a natureza que elle creára, tão perfectos como todas as obras da sua mão.

Era alli, que o homem sentia escondido o germen d'esse ser por quem anhelava, a lympha por quem morria de sede, a doçura celestial por quem se abrasava em desejos.

E elle apertava os seus braços contra esse lado, cravava nelle os olhos, e cada commoção do peito, cada vibração do coração parecia-lhe um estremecimento d'esse ser angelico, que despertava d'um somno mysterioso, e lhe dizia — aqui estou.

Mas a illusão passava, e o homem via-se só, e tão só no vasto theatro da natureza, que já nem lhe eram gratas as delicias do proprio *Eden*.

E uma nuvem de tristeza lhe tinha pousado na frente, e as bagadas lhe corriam pelas faces abrasadas.

E elle se prostrou por terra para depôr aos pés do Senhor a sua corôa de rei em troco de uma mulher. E o Senhor fez descer sobre elle aquelle somno, o qual muitas vezes em meio de nossos gemidos vem derramar um balsamo suave sobre os corações, que soffrem.

Logo depois do seu adormecimento viu o homem um sonho, em que do seu lado nascia um ser bem semelhante a elle, um ser, como o que em seu porfiado scismar elle adivinhára encerrado em germen dentro do seu peito.

E esse ser innocente como os anjos, puro como a luz do céu, mais mimoso que o matiz das flores, mais bello que o paraíso, lhe sondava com as mãos o palpitar do coração, apertava-lhe o peito contra o peito, tocava-lhe os labios com os labios, e lhe imprimia na face um osculo.

Então o homem acordou em sobresalto, levou a mão ao seu lado, e achou o coração, que já lhe não batia descompassado, porque outro coração pulsava ao pé do seu, e lhe governava as palpações.

Já não sentia aquella sêde, de que morria, porque em seu respirar bebia de uma bocca celeste o halito mais suave que o perfume das violetas.

Já não se abrasava em desejos por uma doçura dos céus, porque sobre seus lábios uns lábios pendiam mais mimosos que a rosa. E d'esses lábios estillava um nectar suavíssimo, como da corolla da açucena debruçada sobre os amarantos estilla o orvalho matutino.

E elle viu a mulher, que o Senhor tinha formado para companheira inseparavel de seus dias, e exclamou:

Eis aqui um corpo todo de carnes como as minhas, e essas carnes vestem ossos bem semelhantes aos meus.

É a irmã, a porção mais formosa do homem, porque o Senhor tirou das minhas carnes a sua carne, e dos meus ossos os seus.

E o Senhor a foi buscar com sua mão poderosa mesmo ao pé do meu coração, porque eu alli a sentia encerrada, e lhe pedi para a ver.

Mas tu ainda me pertences creatura angelica, porque a tua imagem permanece, e ha-de permanecer eternamente dentro d'este peito. E o meu coração não pôde pulsar sem ferir o sitio, em que já respiraste o meu alento, dormiste meu somno, choraste as minhas lagrimas, e suspiraste os meus suspiros.

E esses suspiros eram só por ti, porque só tu faltavas á minha felicidade, e eu queria ver-te, ouvir-te, tocar a tez de teu rosto, beber o halito que respirasses.

Tu és a mulher, e pela mulher deixará o homem seu pae, sua mãe, para unir-se a ella.

Porque o homem e a mulher hão-de ser duas almas casadas, unidas, encarnadas n'um só corpo. És minha; já não

posso perder-te... Perder-te!... Senhor, Senhor! que valeria então a immortalidade.

E o Senhor vendo o homem feliz, porque possuia um companheiro, fez ouvir a sua voz, e disse. Crescei, multiplicae-vos para povôar e encher toda a terra, que fica sujeita ao vosso imperio.

Vós dominareis sobre todos peixes do mar, áves do céu, e animaes que se movem na terra.

Eu vos dei todas hervas, que tem somente sobre a terra, e as arvores, que encerram em si mesmas as sementes da sua especie, para vos servirem de alimento, a vós e a todos animaes da terra, e a todas áves do céu, e a tudo que se move sobre a terra, e é vivo e animado, para que tenham de que se nutram.

E ao dizer estas palayras o Senhor abençoava o amor do homem e da mulher.

E o homem e a mulher estendiam um para o outro os seus braços formosos, enlaçavam-se em dulcissimo abraço; e ao tocarem-se os seus lábios, juncto com o som d'um osculo de amor, escapou d'elles uma prece de gratidão e respeito.

Essa prece se elevou até a morada dos anjos, e os anjos afinaram as suas harpas, e nas asas da harmonia a fizeram subir ao throno do Altissimo.

E o homem e a mulher eram naquelle momento os entes mais venturosos do universo, e até os proprios anjos teriam que invejar em tanta felicidade.

Terminava então a manhã do sexto dia, e o Senhor vendo completa a obra da criação, abençoou todos seres que creára.

Porque era chegado o septimo dia, que o Senhor destinára para seu eterno repouso.

(Continúa.)

G. de A.

MEMORIA HISTORICA SOBRE A
INSTRUÇÃO PRIMARIA ENTRE NOS.

Propoño-nos publicar nesta Memória algumas noticias unicamente sobre a instrução primaria em Portugal, mui de proposito evitamos remontar á epocha anterior ao seculo XVI por não encontrarmos nem nos documentos, nem nos chronistas e escriptores d'esse tempo cousa que nos esclareça. É provavel que antigamente se ensinasse os rudimentos das letras nas cathedraes, e nas igrejas parochiaes, ou pelos proprios parochos, ou por pessoas por elles escolhidas. Era a practica geral da França e de toda a Europa pelos seculos XII e XIII e seguintes. E a respeito do nosso reino o attesta Fr. Francisco Brandão na Monarchia Lusit. part. 5. liv. 46. cap. 72. Mas nada mais sabemos sobre tal objecto: porque d'esse tempo em materia de instrução, sómente nos restam escassas noticias sobre a criação, e vicissitudes da Universidade.

Estado da instrução primaria desde o seculo XVI até o reinado de el-rei D. José.

Desde o reinado de el-rei D. João III apparecem em Portugal estabelecimentos litterarios, e de instrução, em grande numero, e mui distinctos. São geralmente conhecidos os nomes, e os escriptos dos grandes sabios, que entre nós floreceram pelo decurso do seculo XVI e principios do XVII. Em todas as Dioceses depois do Concilio de Trento organisaram-se seminarios, ou escolas mais ou menos regulares para a instrução dos ordinandos. As ordens religiosas por toda a parte, como á porfia, elevavam a collegios as suas antigas escolas. Os Jesuitas sobre tudo desde a sua entrada no reino tomaram á sua conta a tarefa da instrução publica, como objecto principal do seu Instituto.

Consegniram do Cardeal Rei ellevar o seu collegio d'Evora a cathedra da Universidade; e nas cidades principaes abriram ao publico as suas escolas, as quaes conservaram uma superioridade scientifica universal e decidida, que sómente nos fins d'esta epocha lhes foi disputada pelos Padres Neris, ou da Congregação do Oratorio.

Todos estes estabelecimentos porém eram grandes centros de instrução em que se preparavam os mancebos que se dirigiam á carreira das letras principalmente a ecclesiastica: as escolas de ensino primario estavam ali incorporadas, como a porta para nelles se entrar.

Fóra d'esta, que podemos chamar aristocracia litteraria, ninguém se lembrou de estabelecer escolas isoladas para as classes baixas, porque então a ninguém occorria a necessidade de estas serem instruidas. A ordem ecclesiastica exercia sem disputa a inspecção sobre o ensino ainda litterario do povo, mas não promovia as fundações gratuitas: abandonava-o ao cuidado de pessoas particulares, que nisso se occupavam, como objecto de especulação, contentando-se unicamente em inspecionar, e providenciar sobre estas escolas particulares.

Eis aqui o que a este respeito dispõe a Constituição do Porto liv. 5. tit. 32. const. 2. §. 1. — «Para que debaixo do »pretexto de piedade senão introduzis- »sem perniciosas maldades, dispoz o »Direito, e o Concilio Provincial Bra- »charense que ninguém abrisse escola »sem ter primeiro licença dos Ordina- »rios dada por escripto, e que as taes »escolas fossem visitadas por elles. Por »tanto ordenamos e mandamos, que ne- »nhum Clerigo ou pessoa secular abra, »ou ponha no nosso Bispado, escola »de ler, escrever, canto, ou Grammatica »sem haver primeiro licença nossa ou »de nosso Provisor dada por escripto, »a qual se não dará sem primeiro cons- »tar, que as taes pessoas que a pedem, »são de boa vida e costumes, e tem

» bastante sciencia para ensinarém a arte
 » que pertendem, e se passará sómente
 » por 3 annos, e com clausula que to-
 » dos os dias principiém e acabem o
 » exercicio com alguma pia oração da
 » Igreja, e que não consintão, que seus
 » discipulos leão livros, ou papeis prohi-
 » bidos, nem deshonestos, nem feitos
 » criminaes, ou cartas amatorias, e que
 » os traslados que lhes derem sejão de
 » boas e virtuosas sentonças, e que lhes
 » ensinem a doutrina Christã na fórma
 » que fica dicto no liv. 1. const. 2. §.
 » 1. — D'esta jurisdicção dos Bispos
 » eram exceptuadas as escholãs dos Je-
 » suitas como declarou o Concil. Brach.
 » 4. art. 5. cap. 21.

Em quanto ao methodo então usado nas lições, parece-nos não ter outro meio mais facil de dar aqui idéa d'elle, como fazendo menção dos preciosos escriptos para este fim compostos nos principios do seculo XVI pelo nosso João de Barros, dignos de ser lidos não só por attenção ao credito e litteratura do insigne historiador, mas tambem pelas judiciosas doutrinas que nelles se contêm: e que formam (para nos servirmos da expressão de hoje) um curso completo da instrucção dos meninos.

O primeiro escripto é a *Cartinha*, a qual contém: 1.º a introdução, isto é, as letras do alphabeto representadas em figuras symbolicas para excitar a natural curiosidade dos meninos—*A. Arvore, B. Besta &c.* cuja invenção todos conhecem, sem se lembrarem talvez que é obra de um dos nossos mais illustres escriptores; 2.º o syllabario completo; e depois 3.º todas as formulas e orações ordinarias da doutrina christã, o modo de ajudar á missa, a significação das suas ceremonias, e proces para as acompanhar. Este foi sem duvida o primeiro modelo de todas as *Cartilhas* communs nas escholãs, que depois com o nome de differentes anetores, principalmente Frades, se publicaram até o fim d'esta época.

O 2.º escripto é o da Grammatica

Portugueza, talvez a primeira que so compoz da nossa lingua; acompanhada das regras da orthographia, a maior parte d'estas tão simplicis, e tão naturaes, que muito util seria faz-las hoje reviver, para pôr termo á desordem ou labyrintho, em que neste objecto vagueam os nossos escriptores actuaes.

O 3.º é um Dialogo sobre a primazia da nossa linguagem, com o fim de despertar por ella o interesse e paixão dos meninos.

O 4.º é outro Dialogo que entitulou de *viciosa vergonha*, e que em verdade não contém menos do que um tractado de moral commun e simples para a capacidade dos meninos, ainda que misturado de sentenças e textos latinos do Evangelho.

Pelo seguinte § do *Dialogo sobre as bellezas da lingua*, que aqui pomos extractado, se pode ajuizar dos defeitos d'aquelle tempo no ensino da leitura, os quaes nelle se censuram.— «Huma das
 » cousas menos olhada que ha neste
 » Reino, he consentir nas Villas e Cida-
 » des, qualquer idiota pôr escola de en-
 » nar meninos sem ser approved. Hum
 » sapateiro não poem tenda sem ser exa-
 » minado e no mal que faz só prejudica
 » a si próprio: porém os mãos mestres
 » deixão os discipulos perdidos para toda
 » a sua vida: não só com vicios da alma,
 » do que poderamos dar exemplos: mas
 » tambem no modo de os ensinar. Por-
 » que em lugar da cartilha em letra re-
 » donda, onde os meninos aprendão fa-
 » cilmente a ler, e os preccitos da nossa
 » santa fé, convertem-os nas seguintes
 » doutrinas moraes de bons costumes—
 » *Saibão quantos esta carta de venda — e*
 » *depois aos tantos dias de tal mez: — e*
 » *perguntado pelos costumes disse nihil.*
 » De maneira que quando um moço sahe
 » da escola, não fica com *nihil*, mas
 » pôde fazer melhor huma demanda que
 » hum solicitador dellas, porque mama
 » estas doutrinas catolicas no leite da pri-
 » meira idade. &c.»

(Continúa.)

UNIVERSIDADE.

(Continuado de pag. 262)

IV.

REFORMAS.

Transferida pela ultima vez a Universidade para Coimbra no anno de 1537, como fica dicto, cuidou el-rei D. João III em dar ordem para que ella aqui se estabelecesse convenientemente, augmentando-lhe o numero de cadeiras correspondentes ás disciplinas, em que foram divididas as Faculdades de Canones, e de Leis, convidando alguns distinctos estrangeiros para as lerem, designando o local, em que deviam ter exercicio, e dando sabias, e ajustadas providencias, para que ella podesse augmentar e florecer nas sciencias. E porque o mesmo soberano já tinha mandado pôr algumas d'ellas em execução nesta cidade antes de se effectuar esta ultima mudança, e conforme o plano, que para isso havia formado, aqui referiremos aquellas, que constam com maior gráu de certeza e verdade.

Sendo reformador do convento de Santa Cruz Fr. Braz de Braga, ou de Barros, Religioso de S. Jeronimo, que depois foi o primeiro Bispo de Leiria, para que o Convento ficasse reformado, não sómente em virtude e religião mas tambem em letras, instituiu nelle estudos, mandando vir alguns mestres de Pariz, que principiam a ler em outubro de 1528, e por que com a fama do muito, que se aproveitava com estes estudos, concorreram muitas pessoas illustres e nobres para aprender nelles, o mesmo Fr. Braz mandou edificar dous collegios dentro do mesmo convento, um para fidalgos com a invocação de S. Miguel, que vestiam de roxo; e outro com a de todos os Santos para os nobres, que vestiam de pardo; e tudo isto faria Fr. Braz por ordem, que para isso lhe desse el-rei D. João III, como disposição previa para a Universidade, que determinava transferir para Coim-

bra, e para o mesmo convento de Santa Cruz, ou juncto d'elle.

Determinou com effeito ElRei fundar a Universidade em Santa Cruz, e mandou fazer escholas no convento dentro d'elle com portas para fóra em dous logares differentes, a que chamou collegios, um de Santo Agostinho, e outro de S. João Baptista para nelle se lêrem todas as sciencias, e com a obra d'elles correu o Prior Crasteiro, D. Manuel de Araujo, por mandado de ElRei. Porém depois mudou de parecer e logo no principio da mudança da Universidade mandou ler todas as sciencias no bairro alto, e em Santa Cruz as artes e as humanidades; e os primeiros Lentes, que vieram foram os seguintes:—em Theologia para a cadeira de Prima o Dr. Alfonso do Prado que depois foi Reitor da Universidade, para o de Vespera Francisco de Monçon mestre em artes e Dr. pela Universidade de Alcalá, que então era Lente de Prima na Universidade de Lisboa e foi depois conego magistral na Sé da mesma cidade, e d'elle faz menção Nicoláu Antonio na sua Bibliotheca de Hespanha; para a de Terça o mestre Fr. João Pedrosa da Ordem dos Prégadores, de que tambem se lembrou o mesmo Nicoláu Antonio; em Canones para a cadeira de Prima o Licenciado Francisco Coelho; em Leis para a cadeira de Prima o Dr. Gonçalo Vaz Pinto do Dezembargo de el-rei, que a regia em Lisboa havia 30 annos; para a de Vespera Lopo da Corda Dr. *in utroque jure*, e a leu por pouco tempo; para a de Terça o Bacharel Antonio Dias, que depois se fez Licenciado e Dr.; em Medicina o Dr. Henrique de Coelhar, portuguez, que tambem teve logar na Bibliotheca de Nicoláu Antonio.

Principiam os lentes referidos a ler em dous de maio do dicto anno de 1537 nas casas do reitor D. Garcia, porque ElRei assim o tinha mandado, sitas á porta de Bel-conce juncto ao arco da Estrella, que foram do Marquez de

Gouvêa, e depois fundaram nellas os Padres da provincia da Conceição, dividida da de Santo Antonio do Carral, um collegio, que vulgarmente se chamou de Santo Antonio da Estrella, e diz o Bedel no assento que fez, que léram as primeiras lições de pompa, como se tinha assentado no Conselho; e depois continuaram a ler ordinariamente, e de doze do dicto mez por diante se principiaram a matricular alguns estudantes.

Mandou neste tempo o padre Fr. Braz de Braga ao reitor D. Garcia, um alvará de el-rei D. João, passado em Evora aos 10 de abril de 1537, o qual propoz em Conselho de 17 de maio, e nella ordenava ElRei, attendendo ao proveito que resultava de nos collegios de Santa Cruz se ensinarem as linguas latina e grega e artes liberaes, e desejando acrescenta-los para que assim os religiosos, como as mais pessoas, que a elles viessem, podessem ser mais letrados; que as tres cadeiras de Theologia novamente ordenadas se lessem nos dictos collegios, e não em outra parte e que os lentes fossem obrigados a lerem as lições e fazerem os exercicios nos dictos collegios, como dantes as lia e fazia, e era obrigado a fazer o Dr. Prado, e que o reitor de nenhuma maneira entendesse em cousa alguma, que respeitasse aos collegios. Do qual Alvará se colhe que antes de ElRei fazer lente de Prima ao Dr. Prado, e de ter principio a Universidade, já elle lia Theologia em Santa Cruz aos Religiosos, e mais pessoas do seu collegio.

Por outra carta de 23 de setembro do dicto anno mandon ElRei dizer ao reitor e lentes da Universidade, que tinha determinado mandar logo fazer eschololas geraes, e para que em cima se começasse logo a povoar, ordenou que os estudos se mudassem logo para os seus paços, e que nelles se principiassem a ler em outubro, e no mesmo dia escreveu a Nicoláu Leitão, recebedor das rendas da Universidade, que fizesse mu-

dar os bancos, e cadeiras de casa de D. Garcia para os seus paços, e que nelles preparasse as casas, que o reitor e lentes ellegessem para se lerem as lições, a qual elleição, e mudança teve effeito sendo vice-reitor o Sr. D. Jaime estudante canonista, que no conselho de 4 de outubro tinha sido elleito, por uma breve ausencia que fez o reitor D. Garcia, e nelle é tratado por *sua illustrissima*.

Principiaram a ler nos Paços no dicto mez de outubro todos os lentes acima nomeados, excepto os Theologos, que foram ler nos collegios, e além d'estes por haver falta de canonistas, e o bedel Nicoláu Lopes ser Licenciado em canones, lhe mandou ElRei ler uma cadeira por um anno, e que entretanto nomeasse pessoa apta, que servi-se por elle, como nomeou, e o dito bedel tomou o gráu de Dr. que lhe deu Lopo da Corda lente de vespera de Leis, por ser Dr. *in atroque*, em 8 de novembro na Sé com assistencia do bispo D. Jorge de Almeida, e do reitor D. Garcia; e leu uma cadeira de codigo Manoel da Costa, que grangeou o nome de subtil, e tinha vindo de Salamanca, onde era sómente Bacharel, e fez cá exame privado e tomou o gráu de Licenciado em 6 de novembro, e a 11 o de Dr. tambem na sé com as mesmas assistencias, e foi depois lente de prima jubilado, e tornou para Salamanca, onde leu a mesma cadeira: e chegou tambem de Salamanca para ler a de sexta Luiz de Alarcão castelhano que era sómente Licenciado e cá tomou o gráu de Dr. a 25 de novembro, e não consta se neste dia era ainda reitor D. Garcia, ou se governava já o seu successor. Vieram mais o Bacharel Manoel Vaz e quatro Bachareis, o primeiro para ler uma cadeira de canones e os quatro para quatro cadeiras de leis, com que eram sete lentes de leis, quatro de canones; e de Medicina sómente o dicto Dr. Henrique Coelhoar.

(Continuar-se-ha.)

BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 283)

XLIV.

Antonio de Oliveira Freire, A. pouco conhecido, pois que nem a Bibliotheca Lusitana, nem a Bibliotheca de José Carlos Pinto de Sousa fazem d'elle menção, é A. de uma descripção de Portugal, em que resumidamente compendiou o que com mais extenção se acha na Corographia de Carvalho (dicto n.º 42) e em outros escriptores portuguezes d'este argumento. Ignoro a sua patria, e mais noticias biographicas, e sei sómente, por já ler, que compoz:

Descripção corographica do reino de Portugal.

Lisboa 1755 — 1 vol. em 4.º

É um resumo da geographia de Portugal por provincias e comarcas, segundo o estado em que se achava, quando seu A. a escreveu. De geographia antiga pouco ou nada cogitou; as origens das principaes cidades, são as mesmas de Brito que a critica hoje reprova. Como compendio pode ter sua utilidade.

XLV.

José Martins Ferreira, natural de S. Martinho do campo proximo á villa de Guimarães, ou do Couto de S. P.º de Róris juncto da cidade do Porto, foi intelligente das linguas latina e castelhana, e da Historia do Reino; escreveu:

Summario das Comarcas, que ha neste reino de Portugal, com as correições, cidades, e outras cousas notaveis e curiosas que nollas ha. Lisboa 1609. — 8.º Saiu tambem no pronostico de 1609 composto por Paulo da Motta.

Breve Compendio, e Summario das grandezas e cousas notaveis da comarca d'entre Douro e Minho, com

a lista dos condestaveis de Portugal, e vice reis da India.

Lisboa 1608. — 8.º Saiu tambem no prognostico do anno de 1606. 8.º

São muito resumidos estes opusculos.

XLVI.

Damião Antonio de Lemos (dicto n.º 32) na obra Politica Moral e Civil tractou excellentemente da descripção do reino do Algarve com a genealogia das familias illustres, com as memorias da nobreza da cidade de Tavira, e um catalogo dos governadores, e capitães generaes do mesmo reino. É o que temos melhor neste ramo e argumento.

XLVII.

Christovão Rodrigues de Oliveira natural de Lisboa, guarda-roupa do Arcebispo D. Fernando de Menezes, capellão mór d'el-rei D. João III, escreveu

Summario em que brevemente se contém algumas cousas assim ecclesiasticas como seculares, que ha na cidade de Lisboa.

Ibi 1551. — 4.º e 1755. — 4.º adicionado.

É estimado e elogiado pelo erudito Academico Francisco Leitão Pereira — Notic. Chronolog. da Universidade de Coimbra, pag. 583.

XLVIII.

Damião de Goes, natural de Alemquer, illustre chronista d'el-rei D. Manoel nasceu em 1501, foi guarda-roupa d'este Monarcha, guarda-mór da Torre do Tombo, e chronista mór do reino. Pelos seus conhecimentos litterarios, adquiridos em o longo curso de suas viagens pela Europa, e pela continua communicação com os maiores sabios dos seus tempos é ollhado como um dos mais famosos chronologistas dos nossos Soberanos. El-rei D. João III teve-o em tão grande conta, que o nomeou seu Ministro para tractar negociações importantes na Polonia, na Suecia, e Dinamarca, que desempenhou com

ouvável dexterdade. Os seus talentos, e dotes pessoas o fizeram bem acceito aos monarchas Carlos V, Fernando reid os romanos, Henrique VIII, Francisco I, e ao Pontifice Paulo III; e respitado dos sabios mais distinctos da sua idade. Residiu muitos annos na cidade de Lovaina, em cujo cerco, pelas tropas francezas sendo eleito capitão pelos moradores que o encarregaram da sua defeza, succedeu que em quanto saiu ao campo para tractar com o General inimigo sobre capitulação, os moradores disparassem alguns tiros de artilharia, de que irritado o general, o prendeu e mandou preso para França, donde se resgatou por avultada somma em 1542, e se restituiu a Portugal. Foi versadissimo na historia e genealogia, escrevendo nesta com descredito de algumas familias por motivos de uma vingança baixa, tão pouco propria do homem de bem. Morreu depois do anno de 1567 segundo a melhor opinião. Além da Chronica d'el-rei D. Manoel, de que fallarei (n.º 142) escreveu:

Urbis Olsiponensis discriptio in qua obiter tradantur non nulla de Indica Navigatione per Græcos et Penos et Lusitanos deversis temporibus inculcata.

Ebora 1554. Anda tambem na obra — Hispania illustrata tom. 2.º pag. 872.

É estimavel e raro. Em outros n.ºs terei occasião de fallar d'este benemerito escriptor, de que temos varias obras excellentes.

XLIX.

Luiz Mendes de Vasconcellos natural de Lisboa commendador de varias commendas, e governador de Angola compoz:

Do sitio de Lisboa — Dialogo — Lisboa 1608, e 1786 — 8.º.

É um dialogo em que são interluctores um politico, um philosopho, e um soldado. É muito bem escripto.

L.

Fr. Nicoláu de Oliveira natural de Lisboa, onde nasceu em 1566, foi Trino, e teve varios empregos na sua Religião, fallecendo em 1634. Escreveu:

Livro das grandezas de Lisboa. — Ibi 1620 — 4.º.

Ainda que o titulo só indica dever limitar-se seu A. á descripção de Lisboa, tracta não obstante de outros conhecimentos, e noticias geographicas e historicas tocantes a todo o reino. Dá uma idéa abreviada da geographia do reino, dos antigos reis da Lusitania (sobre cuja existencia se deve ter em vista a recommendação n.º 8.º da serie dos soberanos d'esde el-rei D. Affonso Henriques até Felippe III) dos tribunaes, das conquistas, das rendas do reino, commendas &c. É interessante a sua lição em razão das noticias antigas, que contém.

LI.

Luiz Marinho de Azevedo natural de Lisboa, commissario militar, e secretario do conde de S. Lourenço, general das armas do Alentejo; escreveu, como testemunha ocular, varios opusculos sobre a guerra que tivemos com Castella, depois da aclamação de 1640: e pertencentes ao argumento d'esta divisão compoz:

Fundação, Antiquidades, e Grandezas da muito insigne cidade de Lisboa, e seus varoes illustres, em sanctidade, armas, e letras. — Catalogo dos seus prelados, e mais cousas ecclesiasticas, e politicas. 1.ª parte, Lisboa 1652 — fol. 2.ª parte, 1753 — 4.º

Esta obra é mais difusa, que a precedente, e contém mais artigos que os enunciados no titulo; é escripta com pouca ordem e nexo de materias; copiou sem critica todas as noticias fabulosas da historia antiga da Lusitania.

(Continúa.)

NOÇÕES ELEMENTARES DE ONTOLOGIA,
PSYCHOLOGIA RACIONAL E THEODICEA

OU

A METAPHISICA DE GENUENSE

REFORMADA POR

M. Pinheiro de A. e A.

Tendo o Sr. M. Pinheiro ha dias enviado á Redacção da Revista Academica dous exemplares d'esta obra, vamos hoje, cumprindo com a obrigação que nos impozemos no nosso programma, apresentar a opinião que d'ella formamos e publicar o juizo que quasi pelo mesmo tempo nos enviou o Sr. Cabral Couceiro.

Resumiremos a nossa opinião por se terem já occupado da analyse do livro um grande numero de jornaes portuguezes.

O distincto professor de Braga, limitando-se a reformar a Metaphisica de Genuense, circumscreven o seu talento dentro d'um circulo tão estreito, que não nos admira ver-lhe muitas vezes sópado o engenho pelas ideas pouco philosophicas de um auctor, cujo merecimento é hoje muito, e com muita razão, contestado em toda a parte onde a philosophia tem feito alguns progressos.

Desejámos que o illustre auctor, emancipando-se d'esta tutella que o opprime, se creasse um horisonte mais vasto e alargasse mais o campo onde o seu incontestavel talento e a sua mui vasta erudição podessem desenvolver-se com mais independencia. D'este modo poderia elle, dando ás idéas aquella redacção concisa e clara que tanto se nota nos seus escriptos, e que tão adaptada é para o ensino, dar-nos um compendio, para as escholae de instrucção secundaria, tal que não teria que invejar aos adoptados nas escholae estrangeiras.

A intelligencia humana quando se applica a indagações que estão fóra da

alçada dos sentidos, e ás quaes só pode chegar-se pelo raciocinio, anda tão sujeita a desvairar-se, que nos não deve maravilhar ve-la proceder por tão violentas reacções, quebrando hoje os idolos a quem hontem queimava incenso, e erguendo sobre os altares do idolo abattido um outro que, com o andar dos seculos, vem a ter a mesma sorte que o primeiro. Em nenhuma sciencia se tem tanto escripto e tanto encontrado as opiniões como em Metaphisica — ora comprimida pelos grillhões que lhe lançava o paganismo, ora envolvida no manto com que a cobrira a Theologia, ora emancipada e livre d'estes mas não de outros estorvos que são filhos da fraqueza da intelligencia do homem — ella tem passado e passará ainda por mil phases diversas, tem attrahido e ha-de attrahir sempre as atenções de muitos engenhos de primeira ordem, porque, como bem disse Kant, ainda quando todas as sciencias desabassem a Metaphisica erguer-se-hia em pé sobre as ruinas de todas ellas. — A intelligencia tende constantemente para a unidade donde todas as cousas partiram; só quem podesse realisar o impossivel de destruir esta tendencia, teria dado um golpe mortal na Metaphisica.

Conduzir por entre todas estas opiniões encontradas o fio de um systema de ideas, que possa formar uma tal ou qual base de conhecimentos que cada um poderá depois aperfeicoar; organizar um compendio onde os principios elementares da Metaphisica sejam expostos com concisão e clareza, e postos ao alcance das intelligencias que apenas encetam a ardua carreira de estudos philosophicos; e addicionar-lhe notas onde se desenvolvam algumas ideas afe-rindo-as pelo estado a que os modernos escriptores tem elevado a sciencia — é fazer um não pequeno serviço, moralmente entre nós onde quasi nada se tem escripto sobre este grave assumpto. Este serviço deve-o a nação ao Sr. Pinheiro que, não contente com seguir o caminho

trilhado pelos que o precederam no ensino d'este utilissimo ramo de conhecimentos, quiz empregar os seus esforços para a publicação de uma obra, na qual não sómente os seus alumnos senão toda a mocidade portugueza encontrará por certo um muito poderoso auxilio.

Como, porem, em metaphisica mais que em sciencia alguma precisam estudar e meditar hem os escriptos dos principaes philosophos — não aquelles que apenas começam o estudo, porque isso seria metter intelligencias ainda muito tenras em um labyrintho d'onde não poderiam de certo sair — mas os que já tiverem o fio que os ha-de guiar para a saída, parece-nos que o auctor melhor audaria se citasse a cada passo as fontes a que recorre, indicando assim ao que quizesse profundar mais estes conhecimentos os auctores que deveria consultar.

D'este modo quando o discipulo, acabada a frequencia da aula, quizesse no seu gabinete continuar, a sós com os livros, o estudo que começára debaixo dos olhos do professor, acharia este sempre presente para lhe dirigir o estudo e aplanar-lhe o caminho que o conduzisse a um mais perfeito conhecimento da sciencia.

S.

Sabido é quão grandes esforços se tem feito, maiormente neste segundo quartel do presente seculo, a fim de que as letras e sciencias floresçam entre nós como entre as nações mais adiantadas em civilisação. E se não podemos dizer ainda que tão lisonjeiro resultado se conseguiu de feito, tão pouco podemos (de boa fé) duvidar de que já não estamos muito lonje d'isso, e digam embora o que quizerem esses para quem nada ha bom, senão o passado ou o estrangeiro. Mas o que em realidade é muito para notar é que tenham decorrido tantos annos sem apparecer entre nós um curso elementar de Philoso-

phia (1) sendo que a necessidade d'elle já ha muito de via de ser bem conhecida: por quanto quem quer que procurasse ensinar mediante o compendio de A. Genuesse aquella sciencia no estado a que a tem elevado os inestimaveis trabalhos d'alguns sabios modernos, de força se havia de ver obrigado a substituir, augmentar, e agorentar a cada passo, o que não podia deixar de tornar em descoroçoamento seu, e gravissimo detrimento da instrucção publica.

O Sr. M. Pinheiro, com o indefesso zelo do bem publico que muito realça o seu talento, pôz peito a remediar tamanho inconveniente; e já nos sobejam razões d'esperar que veremos em breve levada a cabo esta ardua, porém ainda mais util empresa.

Tendo procurado no seu discurso de abertura para o anno de 1842 fixar a verdadeira significação da palavra *philosophia*, aproveitando-se das judiciosas reflexões com que M. Laromiguière euectou a primeira das suas lições parte 2.ª, e alleioar a mocidade ao estudo d'esta sciencia, presentou-nos com um esboço de *Psychologia empyrica*, como lhe chama a eschola allemã, e de *Ideologia*, onde mui avisadamente preferin as simples e faccis theorias d'aquelle insigne idiologo as empadas e abstrusas do celebre philosopho de Konisberg, no tocante á explicação da intelligencia humana.

Não cuidou o illustre Professor, nem podia cuidar, que com este só augmento e correccção ficaram um compendio perfeito as instituições de Logica de Genuesse, mas achou mais urgente (que á verdadeira) reformar as instituições da metaphisica do mesmo auctor. E nesta reforma intendeu immediatamente, havendo-se como verdadeiro eclectico, mas

(1) É verdade que em 1839 se começaram a publicar as Noções elementares de philosophia geral pelo Sr. Silvestre Pinheiro-Ferreira, mas essa obra nem se concluiu ainda, nem se julgou azada para servir de compendio nas aulas, a despeito da grande valia, que aliás se lhe não pode duvidar.

propendendo todavia mais para a philosophia empirica do que para a transcendental, e combinando-as entre si com destreza, quando isso era possivel.

Como os philosophos tem divergido sobre o numero e ordem das ideas ontologicas, e ainda não está cabalmente averiguado quaes sejam os requisitos para que uma ontologia se possa dizer acabada; quanto me atrevo a afirmar da do Sr. M. Pinheiro—é que no que elle ali tractou se acha clareza, precisão, e quasi sempre exacção.

Na sua psychologia racional se encontram excellentemente desenvolvidas as questões de mais tomo pertencentes a esta parte de metaphysica, e bem se vê que o auctor tem versado com diurna e nocturna mão as obras dos mais conspicios philosophos, e maximamente as dos Francezes.

O mesmo digo quando á sua Theodicea; nesta preferiria eu á divisão communmente adoptada das provas da existencia de Deus, ou antes ás denominações d'estas, as que lhes substituiu M. Beauvais pela mesma razão que a isso determinou este insigne escriptor. Ao Philosopho cumpre emendar semelhantes abusos de linguagem.

A Metaphysica de Genuense assim reformada não só pôde, mas a meu juizo, deve sem demora ser introduzida nas aulas respectivas, até porque o contrario cheiraria a obscurantismo, ou a pedantismo. E isto mesmo (no que sómente se faz justiça ao auctor) lhe será novo incentivo para ir por diante com o seu tão louvavel proposito de em breve reformar entre nós completamente o estudo de philosophia, que tanto ha mister.

Cerrarei este artigo com fazer ao digno Professor um reparo, com franqueza de amigo, mas tambem com respeito de discipulo:—é sobre a falta de pureza de linguagem, dezar que apparece em seus escriptos aliás tão preciosos, e que eu não pude acabar comigo de deixar de notar, visto o muito que

pode influir o exemplo de S. S.* a quem peço venia para lhe lembrar o excellento conselho, que nos foi dado, ainda não ha muito, por um dos maiores ornamentos da litteratura portugueza, —de ter ao pé da meza que sustenta, o lavatorio que purifica.

A. Cabral Couceiro.

OS DEVERES DO HOMEM

POR SILVIO PELLICO

OS BENEFICIOS DO CHRISTIANISMO

PELO ABB. VERDENAL.

Jus suum cuique tribuere.

É assustador o numero de traducções que se tem publicado nestes ultimos tempos; e assustam não só pelo numero, tambem pela qualidade; porque são rarissimas as que não venham escriptas em linguagem viciada, rarissimas as que não contenham grandes doses de venenos moraes, as que não sejam agentes poderosos de desmoralisação.

Não se pôde felizmente applicar estas reflexões ás obras que annunciamos traduzidas. Uma, a que traz na frente o nome de Silvio Pellico, não necessita de elogios para ser lida porque é esse nome garantia mais que sufficiente da obra. Não ha por certo ninguém capaz de ler que não tenha já lido as *Menhadas Prisões*, e a não ser bronco do entendimento ou duro de coração, ninguém deixará de sentir-se possuido de estima e veneração por esse zeloso apostolo da virtude, que seguindo á risca os preceitos evangelicos cala sempre na narração de seus immerecidos soffrimentos os nomes dos que lh'os causaram. A agradável impressão, que a leitura das obras d'este insigne escriptor deixa sempre, não pôde descrever-se; mas todos os que lerem os *Deveres do Homem*, e meditarem bem essas doutrinas com tanta singelleza expostas, sentir-se-hão profundamente abalados, e serão levados por um impulso irresistivel a reconhecer-lhe a exactidão e ver-

dade dos princípios; porque Silvio Pellico exprime-se na linguagem que todos comprehendem e que a todos impressiona, na linguagem dictada pela consciencia para o coração.

Os *Benefícios do Christianismo* é livro de bastante utilidade, onde se encontram sob a fórma de conversas mui succintamente apontadas as vantagens que vieram do Christianismo ás Sociedades modernas, e a grande parte que elle teve na civilização actual. Não quizeramos porém que seu auctor tractasse de assumpto tão vasto em tão escasso numero de paginas, e sacrificasse por isso á concisão e brevidade o desenvolvimento de materias importantissimas. Escripito com mais pausa e sem tamanha vontade de resumir, poderá tal livro ser alguma coisa mais que catechismo rudimentar.

Pelo que respeita ás traducções não podemos dizer d'ellas o que diriamos da maior parte das que por ali correm impressas. Não ha nellas aquella abundancia de gallicismos que importuna e desgosta, e que faz elevar do intimo d'alma um brado de indignação contra os que ousam vir á face de portuguezes insultar-lhes a lingua: não asseguramos porém que sejam absolutamente isemptas de semelhante vicio, antes encontramos nos *Deveres do Homem*, e mais ainda nos *Benefícios do Christianismo* uma ou outra phrase, que a todos patentêa a origem franceza; nem podemos deixar de censurar ao Sr. Mendocça o immoderado uso que faz dos relativos *seu* e *sua*, o que por modo algum se compadece com a indole da nossa lingua.

Falta sobre tudo ao Sr. Mendocça um dote essencialissimo a toda a pessoa que escreve para o publico — um estylo proprio, bebido em boa fonte e bem sustentado. Como viandante que caminha na obscuridade por terreno desconhecido, e que receoso sempre de tropeçar nas desigualdades do sólo ou de despenhar-se nos abysmos que a fraca luz dos astros de longe em longe lhe mostra, só tracta de evitar estes perigos sem curar já da direcção que levava;

assim o Sr. Mendocça parece estudar sómente as palavras que tem de empregar, e pôr toda a cantella em que não vão fóra da significação que lhes é propria, e não tem por isso aquella phrase corrente e animada e aquelle estylo natural, que em todo o escriptor se exige, e que devêra ter ido buscar ao estudo dos bons livros portuguezes, porque elles e só elles dão luz que dirige por bom caminho o escriptor principiante.

Não são gratuitas estas asserções que apresentamos: — á pag. 6 dos *Deveres do Homem* (a melhor das duas traducções) encontramos o seguinte « Se o » homem e a natureza fossem cousa tam » abominavel e tam vil, para que perder » o tempo em philosophar, seria preciso » matar-se? &c.; — á pag. 29 da mesma obra lê-se « a palavra caridade é um » vocabulo admiravel, mas tambem a » de philantropia &c.

Nos *Benefícios do Christianismo* deparamos a pag. 26 com o seguinte: « O effeito produzido pela pregação do » Evangelho, que particularmente gosto » de assignalar, &c. » O relativo que referir-se-ha aqui ao effeito da pregação, á pregação, ou ao Evangelho?

É principalmente nesta obra que se encontram fastidiosissimamente repetidos os relativos *seu* e *sua*; a razão é obvia — o original é francez.

Ambas as traducções em cada uma de suas paginas justificam cabalmente a nossa ultima asserção.

Esperamos que o Sr. Mendocça tomará em boa parte as nossas reflexões, e tornando-se pelo estudo de bons livros portuguezes mais senhor da lingua, como lhe aconselhamos, mimoseará o publico com boas traducções de obras escolhidas.

B. da B.

ERRATAS.

Na pag. 273, col. 1.^a v. 16, em vez de — Sino — lê-se — Sion —; e na col. 2.^a v. 24 — Roma — lê-se — Rana —. Na pag. 287, col. 2.^a l. 20, em vez de — valores immateriaes — lê-se — valores materias e immateriaes —. Na pag. 301, col. 1.^a l. 24 — *sapienter* — lê-se — *operar* —; pag. 303, col. 2.^a l. 14 — Misur — lê-se — Mesur —; pag. 304, col. 1.^a (nota) l. ult. — Cyrico — lê-se — Cyzico

O ANNO 1000 DA ERA CHRISTÁ.

«E depois que os mil annos forem cumpridos será desamarrado Satanás da sua prisão, e sahirá, e sedusirá as nações, que estão nos quatro angulos da terra, a Gog e a Magog, e os congregará para dar batalha cujo numero é como a arêa do mar (1).

Fundada nesta passagem do Apocalypse que acaba de ler-se, foi crença geral na idade media que a destruição do mundo estava reservada para o anno 1000 do Senhor. — Nobres e plebeus poucos deixaram de lhe pagar tributo, e o mesmo pontifício Gregorio I (o magno), que é talvez o Papa de que nos restam mais manuscriptos, morreu no principio do seculo VII persuadido de tal. Não obstante alguns homens esclarecidos, no fim do seculo X, tomaram a peito accender a esperança que no povo morria, e tentaram-no com palavras e com obras. Quando todo o orbe christão vergava ao peso da terrivel prophécia — o fim do mundo succederá no anno 1000 — Abon de Fleury, Adson, abbade de Luxeil no seu *Treatado do Ante-christo*, e outros levantavam-se com toda a força da sua intelligencia e diziam-lhe — não. Quando as Igrejas cahiam de velhas e senão reconstruiam, quando outras novas se não edificavam, por se reputarem desnecessarias (2); Arnould, segundo bispo d'Orleans, reconstruía a sua igreja cathedral incondiada no anno de 988; e Hildebert em 985 edificava uma igreja e um mosteiro de novo. — Nada conseguiram, o desalento era grande, estava ramificado, e não pôde apagar-se.

Quem lançar uma vista prescrutadora pela historia dos acontecimentos d'essa epocha, convencer-se-ha de que muitos motivos concorreram para esse desa-

lento. A Europa tinha visto cair o Imperio Romano, succeder-lhe o de Carlos Magno e morrer tambem, e não julgava impossivel que o Christianismo morresse igualmente, não sepultado por outra religião porque a fé d'aquelles tempos era viva, mas sepultado com o mundo que havia enchido o calix d'iniquidades. A tyraunia dos senhores, as guerras, e o latrocínio augmentavam a desesperança; o captivo, o servo, e o colono já não podiam com o fardo das suas miserias, e esperavam de Deus remedio para si, e castigo para os seus oppressores.

O que sobre tudo concorreu para arreigar a crença no povo foram as calamidades que precederam o anno 1000, como que prognosticos da destruição total (3): a peste começou por se manifestar na Aquitania e fez milhares de victimas, os miseraveis corriam para as portas das igrejas a implorar misericordia agglomeravam-se, infeccionavam-se mais, e morriam aos centos sobre as reliquias dos Sanctos. Não parou aqui o flagello do céu, a fome bem depressa succedeu á peste, e assolou a Grecia a Italia, a França, e outras nações da Europa, de maneira que em 73 annos desde 987 a 1059 houve 48 de fome e epidemias. Não queremos por nós completar o quadro de desolação que a Europa apresentava, mesmo porque o nosso esboço ficaria áquem do quadro verdadeiro que nos apresentam as chronicas d'esse tempo. Uma d'ellas que falle por nós. — «A medida de trigo, diz Glaber (4), subiu a 60 soldos d'ouro, os ricos emagreceram, os pobres comeram raizes, muitos d'elles, cousa horrivel, chegaram mesmo a alimentar-se de carne humana, nos caminhos os fortes atacavam os mais fracos, venciam-nos, despedaçavam-nos, e comiam-nos, alguns, davam um ovo, um fructo qualquer ás crianças, e logo depois as de-

(1) Apocalypse de S. João cap. 20. v. 7.

(2) Danier Rameé — *Manuel de l'histoire generale de l'architecture* — Tom. 2. 10 siecle.(3) Michelet — *Histoire de France* — liv. 4. cap. 4.º

(4) Rad. Glaber — liv. 4. cap. 1.º

voravam; este delirio, esta raiva chegou a ponto tal, que as feras estavam em mais segurança que o homem: como se já fosse costume estabelecido o sustento da carne humana, houve quem onsasse vende-la no mercado de Tournus, foi convencido d'isso, e foi queimado; um outro durante a noite foi desenterrado e come-la, e foi igualmente queimado. No bosque de Macon, juncto á igreja de S. João de Castanedo, um miseravel alogava de noite as pessoas que lhe pediam hospitalidade, foi descoberto, e encontraram-se 48 cabeças d'homens, mulheres, e crianças na sua cabana. O tormento da fome era tão horrivel, que muitos tiravam do centro da terra a crê e o gesso misturavam-no com a farinha, e alimentavam-se com tal pão. Sobreveiu outra calamidade ainda, e é que os lobos e outras feras, convidados pela multidão de cadaveres sem sepultura commeceram a atacar os homens. Então os tementes a Deus abriram fossos para onde o filho arrastava o pae, o irmão a irmã, a mãe o filho, quando os viam desfallecer, e muitas vezes o que sobrevivia desesperando da vida com elles se sepultava tambem. Entretanto os prelados das cidades da Gallia reunidos em Concilio para procurar remedio a estes males, decediram — que visto que se não podiam alimentar todos os famintos, alimentariam como fosse possivel os mais robustos, para que a terra não ficasse de todo sem cultura. — Não é possivel encontrar cores mais negras, mais carregadas, e salientes do que encontrou Glaber para nos pintar um quadro de fome.

Tanta miseria, n'uma epocha que se reputou tão solenne veio por fim a quebrar o coração do homem; dormiu com a guerra para só deixar reinar a peste e a fome; cessaram as vingancas, os inimigos abraçaram-se e perdoaram-se como o fariam á hora da morte, corriam aos pés dos bispos, e ahi juravam respeitar as igrejas, a vida do proximo

e a propriedade; e isto que era um crime em qualquer dia era de mais a mais uma profanação desde a quarta feira de tarde até á quinta de manhã, que eram então considerados dias sanctos em cada semana.

De que lhes serviam tambem as riquezas? Tinham só que lhes salvariam as almas, e por isso, senhores, condes, e barões fizeram doações ás igrejas e mosteiros, de todos ou de parte dos seus bens (5).

A escravidão, tambem então lhes pareceu horrivel, á beira do sepulchro todos se consideravam iguaes, o senhor abraçou o escravo, e deu-lhe a liberdade, e o liberto chegou ao pé do cavalleiro, e chamou-lhe irmão.

Não obstante, tudo isto se julgou pouco ainda, grandes senhores implo-raram a misericordia de Deus, cobertos de sacco e estampanha por cellas de mosteiros; tantos eram os que queriam fazer vottos de *pobreza*, *castidade*, e *obediencia* que os conventos não eram sufficientes a conte-los. Reis e duques deixavam seus reinos e ducados para se entregarem a uma acerba penitencia fechados nos claustros, Guilherme I de Normandia, Hugo I e Henrique II de Borgonha o intentaram entre outros, e certo teriam deixado os vassallos em abandono a lutar com a miseria se os abbades dos mosteiros se não oppo-essem aos seus vottos.

As artes e as sciencias cahiram em decadencia: de que servia erguer templos, que em breve tinham de desmoronar-se, fazer estatuas que tinham de partir-se, exercitar o pincel se os quadros não resistiam á destruição, estudar as sciencias se o homem não esperava d'ellas duradoira vantagem? Foi uma epocha d'ignorancia, d'amortecimento e torpor em que se extinguiu o esplendor que Carlos Magno tinha dado á litteratura, e especialmente ás artes com o seu grande impulso.

(5) Sismondi — Histoire de la chute de l'Empire Romain.

Finalmente passou o anno 1000 da era christã, e o povo acordou do seu lethargo, viu passar o seculo X e começou o XI sem o mundo acabar, e aquelle somno converteu-se em vida d'agitação: poz-se a reparar cathedraes, a construir outras novas, a edificar mosteiros, — « parecia, diz Glaber, que o mundo se despojava, e despia da velhice para vestir a opa branca das igrejas — *erat enim instar ac si mundus ipse excutiendo semet, rejecta vetustate, passim candidam ecclesiarum vestem indueret.* » Parecia que raiava uma nova aurora para a terra, e que começava uma segunda redempção em que o filho de Deus pela segunda vez descia a misturar-se com os homens, para os felicitar com milagres.

Todos viram então que o logar do Apocalipse tinha sido mal interpretado. A crença verdadeira do fim do mundo e do juizo de Deus permaneceu, mas que para elle esteja marcado uma epocha não se acreditou mais. Depois d'esse anno de triste recordação, Arnauld de Villeneuve marcou o de 1395 do Senhor para a queda do mundo; João Hilton, allemão, disse que acabaria em 1651, o inglez Wiston quiz entender o Apocalipse applicando-lhe a geometria e a algebra, e decediu mathematicamente que o mundo acabaria em 1715 ou 1716 o mais tardar. Já no seculo XIX (6) houve homens que se quizeram metter a prophetas, e já estão convencidos de loucos, Krudner marcou a anno de 1819 para a dissolução do mundo, Libenstein o de 1824, Sallmard-Montfort o de 1836; até já houve quem lhe marcasse o 6 de Janeiro de 1840. O mundo tem ouvido estas prophecias e não se inquieta porque as não acredita, passou pelas epochas do vaticinio e continuou a existir sem fé nas futuras, e assim não é hoje temido, nem com receio esperado o anno 120000 do mundo, em que Orpheo calculou o dia do juizo. A civilisação ha-de ir mostrando, que os mysterios

da providencia não se revelam á fragilidade dos mortaes; e o homem ha-de acabar por applicar unicamente os seus calculos do futuro á astronomia.

A. X. R. Cordeiro.

MEMORIA HISTORICA SOBRE A INSTRUÇÃO PRIMARIA ENTRE NOS,

(Continuado da pag. 312.)

Desde o reinado d'el-rei D. José até a revolução de 1834.

A geral reforma, porque passou a nação portugueza no reinado de el-rei D. José, não se fez sentir menos na instrução, e nas letras, do que nos outros estabelecimentos, e ramos de administração publica. O Marquez de Pombal era superior ao prejuizo até ahí commum, de que a instrução não devia ter outra mira, senão a salvação eterna; segundo a sua philosophia illustrada, ella nem por isso devia comprehender menos os interesses materiaes dos cidadãos: e por isso o seu primeiro cuidado foi subtrahi-la á influencia, e direcção das ordens religiosas, e das auctoridades ecclesiasticas. Por outra parte, tendo a peito promover as artes, e a industria, conheceu a necessidade preliminar de instruir as classes que nellas se deviam occupar. Secularisar pois a instrução, e ministra-la ao povo com efficacia, como meio de prosperidade, foi o pensamento do famoso ministro: que possuido do rancor contra os Jesuitas, levou até o excesso de proscriver, como damnado, o methodo e livros até ahí usados, tentando, no arrojo da sua paixão, não deixar passar aos vindouros as provas do credito litterario, de que havia gozado aquella insigne Congregação.

O primeiro passo para este fim foi a creação do emprego de um director ge-

(6) Dictionnaire infernal: Verbo — Fin du Monde.

ral dos estudos em Alv. de 28 de junho de 1759; no qual effectivamente foi provido por tres annos o Principal Almeida com o ordenado de 2:000\$000; e depois por tres vezes reconduzido até o anno de 1768; porém as providencias do Alv. de 1759 assim como os trabalhos do director geral versaram unicamente sobre o ensino das Humanidades. As primeiras lettras continuaram esquecidas.

Em 1768 tinha sido creado o Tribunal da *Mesa censoria* para exercer sobre os livros e impressos a censura que antes competia á Inquisição, Desembargo do Paço, e Bispos; e por Alv. de 4 de junho de 1771 foi commettida a esta Mesa a direcção e governo das eschololas menores, e do Collegio dos Nobres, e de todos e queresquer collegios, e magisterios para os estudos das primeiras idades. Desde então começou a ser conhecida a distincção entre eschololas menores e estudos maiores. Na primeira classe comprehendiam-se não só as de primeiras lettras, a que hoje chamamos *Ensino primario*, mas tambem as de Humanidades, chamadas modernamente *Ensino secundario*.

Como o nosso proposito se limita unicamente ás de primeiras lettras, não faremos menção das providencias relativas ás outras, senão quando a sua conexão o exigir. E a fim de expormos com clareza o quadro do seu estado, e progressão nesta época até a revolução de 1834, consideraremos esta parte da instrucção:—1.º em quanto á direcção e inspecção; 2.º em quanto ao provimento dos professores; 3.º em quanto aos ordenados, e prerogativas d'estes; 4.º em quanto aos objectos, e methodo de ensino.

Direcção das eschololas de primeiras lettras.

A Mesa censoria comprehendem as idéas do Ministro de D. José. Sobre consulta sua logo por lei de 6 de novembro de 1772 foram creadas 440 es-

chololas publicas de primeiras lettras distribuidas pelas cidades, e principaes povoações das provedorias de todo o reino além de 15 para as Ilhas, 17 para os Estados da America; 4 para os de Africa, e 3 para os da Asia. Pouco depois em 1773 foram creadas mais 37 para o reino.

Este tribunal não se limitava só á escolha e provimento dos professores, mas estendia a sua jurisdicção até superintender, e providenciar sobre a parte litteraria, material, e economica das eschololas: além d'isto fazia habilitar perante si os professores particulares, o inspeccionava os collegios e seminarios. Para seus delegados tinha em Lisboa os ministros dos bairros, os quaes deviam visitar de quatro em quatro mezes as respectivas eschololas: nas provincias e dominios ultramarinos nomeava os commissarios, que lhe parecia.

Tendo depois da morte de el-rei D. José sido extincta a Mesa censoria com o fundamento de não ter na sua creação intervindo a auctoridade pontificia, foi em seu lugar creada pela lei de 21 de junho de 1787 a *Mesa da Commissão geral sobre o exame e censura dos livros*; para a qual passou tambem a direcção dos estudos menores.

A instrucção resentiu-se d'esta mudança: no novo tribunal faltava a alma do Marquez e a energia dos homens de sua confiança. O Principal Castro reitor e reformador da Universidade, que então se propunha reformar o Collegio das Artes, e fazer d'elle um estabelecimento completo, e normal dos estudos menores, aproveitando-se d'aquella circumstancia conseguiu obter por Alv. de 17 de janeiro de 1791 a direcção e inspecção não só sobre este estabelecimento, mas tambem sobre todas as eschololas menores da provedoria de Coimbra, com o que abriu o caminho para se recóncetrar depois na Universidade a direcção geral dos estudos de todo o reino.

Effectivamente em 1794 foi extincta

a Mesa da Comissão geral; e por Carta regia de 17 de dezembro d'este anno dirigida ao reitor da Universidade mandou-se crear em Coimbra a *Juncta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino* com a mesma jurisdicção que havia exercido a extincta Mesa da Comissão: menos em quanto ás eschololas do Ultramar, cujo governo ficava a cargo dos bispos respectivos. A execução d'esta providencia encontrou difficuldades porque sómente cinco annos depois por Carta regia de 15 de outubro de 1799 é que apparecem nomeados os vogaes para a nova *Juncta*, e mandada esta entrar em exercicio; e em outra Carta regia de 10 de abril de 1801 foram fixados os seus ordenados para serem pagos pelo cofre do subsidio litterario.

Conjunctamente com os vogaes foram nomeados tres commissarios, a saber—um para Lisboa, e provincia da Estremadura, outro para o Porto, e provincias do Norte, e outro para Evora e provincias do Sul do Tejo. Em Coimbra a *Juncta* não tinha commissario, e mandava um dos seus vogaes presidir aos exames. Mas além d'estos remetia e fazia executar as suas ordens pelos provedores das Comarcas, ou pelos Juizes de Fóra, conforme o exigiam a promptidão, e vantagens do serviço. Todos estes ministros em suas residencias eram obrigados a junctar certidão de correntes d'este tribunal assim como dos outros.

Por todo este periodo a *Juncta da Directoria* dirigiu a instrucção, inspecionando não só as eschololas publicas, mas tambem as particulares, e de legados da mesma maneira que tinha praticado a Mesa censoria. Sobre tudo procurou promover a instrucção primaria, creando para esse fim novas cadeiras, conforme o pediam as necessidades dos povos, e as distancias dos locaes das antigas eschololas; por maneira que em 1827 o numero das eschololas de primei-

ras letras do Governo no reino era de 975.

Provimto dos Professores.

Os professores de primeiras letras foram desde a primeira creação das cadeiras sempre providos em concurso aberto perante o tribunal director, e perante o commissario respectivo, ou na falta d'este perante o provedor da Comarca. No concurso deviam os pretendentes comprovar a sua capacidade moral, e a capacidade litteraria na forma das instrucções que para esse fim se remetiam.

Para prova da capacidade moral exigia-se-lhes folha corrida, e attestado do respectivo parcho sobre seu bom comportamento: mas além d'isso o commissario, ou provedor perante quem corria o concurso, devia fazer por si todas as averiguações necessarias a fim de se inteirar da moralidade dos pretendentes, e informar o tribunal com exactidão; e quando neste apparecia alguma queixa em contrario, era escrupulosamente examinada até se esclarecer a verdade. Em conformidade com o disposto na Ord. L. 1. tit. 93 não eram admittidos os pretendentes que não tivessem vinte o cinco annos.

A capacidade litteraria verificava-se por exame feito perante as mesmas auctoridades, o qual constava de provas oraes e outras por escripto. As provas oraes, conforme se achavam organisadas no tempo da *Juncta da Directoria*, versavam sobre doutrina, moral, e civilidade, sobre leitura de prosa, de verso, de letra de mão, e de letras antigas, sobre arithmetica, sobre grammatica portugueza, e sobre o methodo practico de ensinar: e as por escripto, deviam conter um periodo com extensão sufficiente para se ajuizar não só da forma de letra, mas tambem da exactidão da orthographia; e além d'isso a resolução de um ou dous problemas ordinarios de

arithmetica. O presidente e os dous examinadores lançavam sem conferir, cada um em uma tabella que para esse fim se lhes remetia, o seu juizo sobre o merecimento do oppositor em cada um dos artigos do exame, qualificado por — Bom — Muito bom — Sufficiente — Mediocre — Nada. — Estas tabellas com as provas por escripto, e todos os outros documentos, eram remetidos ao tribunal para este decidir. É o mesmo que ainda hoje se pratica com pequena differença.

O provimento concedia-se ou temporario—ordinariamente por trez annos—ou vitalicio, isto é, em quanto bem servissem, e a Juncta directora não mandasse o contrario. Porém por equidade no fim do provimento temporario a cadeira não voltava a concurso: fazia-se passar o professor por novo exame, e sómente quando elle não tinha melhorado na sua capacidade litteraria, era excluido para dar logar ao concurso geral.

De tal maneira continuou por toda esta época a aversão, a que os Frades se intromettessem na instrução, que nunca poderam ser admittidos aos concursos das escholas menores sem especial dispensa do Governo. Apenas ultimamente pelo Aliv. de 10 de junho de 1826 por motivos de economia lhes foi concedida faculdade para isso com tanto que fossem bem informados pelos seus superiores. Neste caso não venciam senão dous terços do ordenado legal da cadeira, e esta devia ser collocada no Convento do professor, quando estivesse em situação conveniente.

Ordenados, e vantagens dos Professores.

Quando o Marquez de Pombal fez da instrução popular um ramo do serviço publico, não se descuidou de fixar, e garantir os ordenados dos professores. Com a mesma penna com que referendava o Decreto da criação das cadeiras, assignava a lei de 10 de no-

vembro de 1772 em que se estabelecia o tributo ou collecta sobre os vinhos chamado do *subsídio litterario* para a sustentação das escholas. Esta contribuição, para não ser desviada do seu destino, entrou sempre em cofre separado em cada uma das provedorias. Sómente depois de 1834 é que passou para a massa geral do Thesouro.

Os mais antigos ordenados para os professores de primeiras letras foram fixados para a cidade de Lisboa a 90:000 r., para as cabeças das Comarcas a 60:000, e para as outras terras do reino a 40:000. Depois por Carta regia de 13 de novembro de 1801 dirigida ao reitor reformador da Universidade foram elevados os de Lisboa a 140:000, os das cabeças de comarcas a 90:000 e das outras terras a 60:000. Ultimamente por Decreto de 30 de julho de 1824 tinha sido taxado o ordenado de todas as cadeiras fóra de Lisboa em 90:000, continuando os da capital, como antes.

Para receberem o seu pagamento ou serem mettidos em folha, ja desde tempos antigos deviam apresentar ao provedor attestado da Camara respectiva ou do commissario, de ter cumprido com os deveres do seu emprego. A Juncta da directoria tomava conhecimento de todas as questões sobre ordenados.

Como os professores eram obrigados a apromptar á sua custa a casa da eschola, foi-lhes concedido o privilegio da aposentadoria; e para se não distrahirem do serviço, eram isemptos dos encargos publicos, designadamente do de vereador.

Sempre foi reconhecida a necessidade de assegurar o ordenado ou ao menos alguma parte d'elle ao professor a quem os annos ou algum accidente extraordinario impedissem de trabalhar não só como meio de convidar homens de merecimento, mas tambem para que a instrução continuasse sem interrupção e com dignidade: porém a fatal

lei da economia oppoz-se sempre á execução d'esta util providencia. Por isso nunca as aposentações ou jubilações chegaram a ser estabelecidas por lei em favor dos professores; e se alguns exemplos se encontram, eram obtidos como graça extraordinaria do rei. É verdade que por lei das Côrtes em 1821 foram decretadas as jubilações: mas esta lei, como todas as outras d'essa época, foi cassada em 1825. Depois no § 14 do Alvará acima citado de 10 de junho de 1826 lia-se ordenada a aposentação com dous terços do ordenado em favor dos professores que se impossibilitassem tendo 20 annos de serviço, e com o ordenado por inteiro tendo 30 annos, bem como concedida a jubilação aos que tivessem servido com distincção 40 annos. Mas isto mesmo pouco mais foi do que uma illusão, porque no §. 45 immediato se declara, que essa disposição só será applicavel aos que se nomearem de futuro, sem innovação a respeito dos que actualmente serviam.

Para minorar a dureza d'este estado dos professores introduziu-se a practica das substituições, fundada na Carta regia de 5 de maio de 1772 dirigida ao reitor da Universidade, pela qual eram permittidas aos professores da comarca de Coimbra, e depois sanccionada no § 14 do cit. Alv. de 10 de junho. O professor encanecido ou impossibilitado depois de sufficiente numero de annos de bom serviço nomeava e propunha um substituto, com quem se ajustava em quanto ao ordenado. Este depois de passar pelas provas ordinarias obtinha o diploma de substituição, ou temporario, ou se o seu merecimento era distincto, com a expectativa da cadeira. Quando o professor o não propunha, nomeava-se o substituto em concurso, e assignavase-lhe a metade do ordenado d'aquelle.

(Continúa.)

**

BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 316.)

LII.

Da cidade do Porto.

O Padre Agostinho Rebello da Costa, natural de Braga, Doctor em Theologia, vivia ainda no anno de 1790, escreveu:

Descripção topographica, e historica da cidade do Porto—que contém sua origem, situação e antiguidades, a magnificencia dos seus templos, e edificios publicos; de seu governo ecclesiastico, civil e militar; das suas familias, do numero de seus habitantes, seu caracter, genio, e costumes; das suas produções, do seu porto, commercio, fabricas; privilegios, e invenções. Com a noticia dos seus varões mais notaveis em virtudes, armas e letras. Com estampas, e mappas.

Porto 1789 — 4.º. É estimada e bem accita.

LIII.

Antonio Coelho Gasco, natural de Lisboa, serviu varios logares do reino, passando depois a Auditor geral do Grão Pará: ali falleceu em 1666. Deu-se muito ao estudo da genealogia, em que compoz varias obras. Escreveu:

Primeira parte das Antiquidades da mui nobre cidade de Lisboa, Emportio do mundo, Princeza do mar oceano.

Lisboa 17. . — 8.º

Esta obra imprimiu-se ha poucos annos, é resumo. O auctor da Bibliotheca Lusitana, ainda falla d'esta como manuscrito. É estimada. (V. n.º 45 no fim)

LIV.

De Coimbra.

O celebre beneficiado Francisco Leitão Ferreira, pessoa bem conhecida (diz

o A. da Historia genealogica da G. R.) pelos eruditos livros e elegantes obras, que tem impresso, nasceu em Lisboa em 1667. Foi versado em todo o genero de litteratura sagrada e profana, especialmente na historia e antiguidades, na poesia, e nas linguas, conhecimentos que o fizeram adoptar socio, tanto das varias academias particulares do reino, como da famosa academia da Historia Portugueza, que o encarregou de escrever as memorias ecclesiasticas do Bispo de Coimbra, para cujo desempenho procurou descobrir os mais veneraveis monumentos historicos, revolvendo os cartorios d'esta cidade com especialidade o da Universidade, de cuja investigação resultou escrever obras excellentes, e unicas neste argumento. Veiu a fallecer em 1735. Compoz entre outras a celebre obra — Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra, e cathalogo dos bispos d'esta cidade — de que tractarei quando fallar dos escriptores da historia ecclesiastica de Portugal. Nesta obra dá sen A. muitas noticias interessantes, a respeito da topographia e antiguidades de Coimbra; que de balde se procurarão em outra parte.

LV.

Bernardo de Brito Botelho, natural da cidade de Miranda, Bacharel formado em Canones, e Juiz dos orphãos na sua patria, escreveu:

Historia breve de Coimbra, sua fundação, Armas, Igrejas, Collegios, Conventos e Universidade.
Lisboa 1732.

A obra do n.º precedente é incomparavelmente mais erudita.

LVI.

De Evora.

O celebre antiquario André de Resende, eruditissimo escriptor quinhenista, nasceu na cidade de Evora em 1506 e professou o instituto das ordens dos Pregadores. Na Uniyersidade de Sa-

lamanca aprendeu as sciencias amenas, e severas, sahindo consummado em todo o genero de litteratura, e profundamente instruido nas linguas — grega, hebraica, e latina, em que compoz com a pureza e elegancia, com que escreveram na bella idade de ouro, os Ciceros, os Livios, e os Virgilio, ficando-se duvidoso se se deva admirar mais nas suas obras o profundo conhecimento da antiguidade, se a elegancia e pureza da latinidade. Para communicar com os sabios viajou pela França, Hespanha, e Hollanda, merecendo os elogios e veneração dos maiores homens do seu tempo, com quem tractou, e singulares favores do imperador Carlos V, e de elrei D. João III, que o chamou para mestre na Universidade de Coimbra, que acabava de reformar, e o nomeou mestre de seus irmãos os infantes D. Affonso, D. Henrique, e D. Duarte, alcançando-lhe breve pontificio para secularisar-se. Juncto ás casas, onde vivia, em Evora fez um jardim precioso, pelas estatuas, marmores, e inscrições romanas, que com infatigavel trabalho junctou. Nos ultimos annos da sua vida dava na sua casa lições publicas da historia, antiguidades, e lingua latina, em que imitou os mais cultos escriptores romanos na prosa e verso, sendo elegante poeta latino, consummado orador, e o primeiro antiquario, que venera a nossa litteratura, em que é superior a todo o elogio, sendo geraes os que lhe fazem nacionaes e estrangeiros, que muito por extenso, segundo o seu costume, refere o A. da Bibliotheca Lusitana, cujo artigo merece consultar-se. Morreu na sua patria em 1573. Compoz innumeraveis escriptos em que brilha um gosto depuradissimo da bella antiguidade, e uma elegancia inimitavel em que não é facil engana-lo, nem sei que escriptor nenhum portuguez, latino, se lhe possa comparar, a não ser D. Jeronimo Osorio, verdadeiro Cicero da nossa litteratura. Compoz:

Historia da Antiguidade da cidade

de Evora. ibi — 1558, em 12; — e segunda vez examinado pelo A. — Evora 1576 em 12, vertida em latim por André Koto. — Colonia — 1600.

Adiante fallarei da obra mais famosa d'este escriptor que é — De Antiquitatibus Lusitania. (V. n.º 64)

LVII.

Diogo Mendes de Vasconcellos, natural de Alter do Chão, onde nasceu em 1523, estudou nas Universidades de Toloza, Bordeus, Pariz, e Coimbra, sabendo tão instruido de tão famosas escholhas, que mereceu ser escolhido por D. João III, para acompanhar D. João da Silva, embaixador ao Concilio de Trento. Passou a Roma, e viajou pelas principaes cidades de Italia, onde foi admirado, bem como em Portugal, pelos seus talentos, e erudição. Foi conego, e inquisidor de Evora, onde tractou amizade e communição com o famoso antiquario André de Rezende, de quem escreveu a vida, e addicionou as obras. Admira-se nas suas obras a mais pura latinidade, uma admiravel imitação dos antigos, muitos conhecimentos na historia e antiguidades, na poetica e oratoria. Compoz:

De Municipio Eborenci Commentarius — Sain impresso com outras obras d'este mesmo A. no estimavel livro de André de Rezende — De Antiquitatibus Lusitania.

Evora 1593, fol. Roma 1597 — 8.º Colonia 1600, e modernamente Coimbrice, Typis Academicis, 179...

I.VIII.

O Padre Francisco da Fonseca, natural d'esta mesma cidade de Evora, Jesuita, mestre de humanidades na sua religião, acompanhou a Fernando Telles da Silva conde de Villar Maior, embaixador a Allemanha para tractar os disporios de el-rei D. João V na qualidade de seu confessor, e dali passou a Roma. Escreveu:

Evora Gloriosa. — Roma 1728 fol. que devidu em 5 partes: com os titulos de—Evora Profana—Evora Pia—Evora Pontificia—Evora Religiosa—Evora Donta —

Tracta em cada uma parte os objectos relativos a este argumento que os seus titulos indicam. É curiosa e nella se acham muitas memorias interessantes.

LIX.

Martim Cardoso de Azevedo, da mesma cidade de Evora, bastante versado na fabula, e historia; compoz:

Historia das Antiguidades de Evora. Evora 1739 — 4.º

Este escriptor fez uma mistura de fabula com a historia, que torna a sua obra de nenhum interesse, podendo mais chamar-se uma novella, que verdadeira historia; e consequentemente pouco util a quem deseja adquirir idéas solidas das antiguidades, e historia de Portugal.

LX.

De Santarem.

O Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, natural da dicta villa, da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, escreveu:

Historia de Santarem, que dá noticia da sua fundação, e das cousas mais notaveis, nella succedidas... Lisboa 1740. — fol.

Tracta das freguezias, conventos, ermidas, dos homens celebres em sanctidade, em armas, e letras, com varias noticias interessantes d'esta villa, do seu termo, e comarca.

LXIII.

Francisco d'Almeida Jordão, natural de Lisboa, formado em Canones, escreveu:

Relação do castello, e serra de Cintra, e do que ha que ver raro em todo elle. Lisboa 1748. — 4.º

(Continúa.)

A ECONOMIA POLITICA ULTRAJADA.

Ao lermos em o numero 48 da Revista Academica um artigo debaixo do titulo de — Dias Sanctos — não podemos ficar mudos diante de alguns principios, que o auctor inseriu em o artigo a que nos referimos; vimos a Economia Politica ultrajada; vimos dizer-se d'ella o que por nenhum modo lhe competia, degrauando-a assim do seu estado de moralidade, que até hoje poucos são os que lh'o têm negado.

Não pretendemos analysar o artigo em toda a sua extensão, nem talvez mesmo no seu objecto principal, mas só queremos mostrar a inexactidão de alguns principios que o auctor estabeleceu, e que dizem respeito á Economia Politica.

O auctor reconhece (nem podia deixar de o fazer) a grandeza da Economia Politica, assim como a excellencia dos seus resultados, prophetizando-os ainda mais excellentes quando se averiguarem melhor certos factos e se desenvolverem melhor certos principios, e nada ha mais verdadeiro: em quanto porem aos prejuizos em que o auctor encontra tantos inconvenientes, estes prejuizos encontram-se nos homens, que practicam os principios da Economia Politica, porque esta sciencia não os tem; os prejuizos, cujos males são na verdade grandes, estão nos povos, que não querendo abandonar seus costumes e habitos estacionarios não coexistem com os homens de sciencia para uma perfeita execução dos systemas de utilidade social. Que a Economia Politica não tem os prejuizos, que o auctor lhe quer attribuir, parece-nos que o poderemos demonstrar.

Quem tiver conhecimento da Economia Politica não poderá deixar de reconhecer o quão pouco orgulhosa é esta sciencia. A Economia Politica não exige que os seus principios sejam seguidos e practicados sempre e em todas as cir-

cunstancias em que possa resultar utilidade (1) ao individuo ou á nação, a Economia Politica sujeita a execução das suas maximas ás considerações que a moral e a politica illustrada lhe oppozer. Transcreveremos o que a este respeito diz Rossi: — « O fim da sociedade assim como o fim do individuo, não é só o de ser rico; este fim pôde em certos casos ser subordinado a um fim mais elevado. Supponhamos que era um meio de riqueza nacional fazer trabalhar as crianças 15 horas por dia; a moral dizia que semelhante cousa não era permittida; a politica igualmente nos dizia que era uma cousa prejudicial ao estado, porque paralisava as forças da população. A moral fazia valer os seus preceitos, e a politica suas exigencias, e quando mesmo se chegasse a provar que tal systema seria util como meio de riqueza, não deveria ser empregado. Deveriamos pois gritar contra a Economia Politica? — Não; a Economia Politica é uma sciencia que só examina a relação das cousas, e lhe tira as consequências.

« A Economia Politica examina quaes são os effeitos do trabalho; devemos na applicação ter em vista a importancia do fim. Quando a applicação do trabalho é contraria a um fim mais elevado, que a producção da riqueza, é mister não o applicar.

« Se fosse demonstrado que aquellas casas em que são recolhidas as victimas desgraçadas da immoralidade ou da miseria de seus paes, que os estabelecimentos das crianças injeitadas são contrarios ás deducções da Economia Politica, o economista não o dessimularia. Então concluir-se-hia que os economistas querem que estas casas immediatamente sejam fechadas: dir-se-hia que eram homens sem entranchas, homens que calcam aos pés todo sentimento de humanidade. Nada porém existe que com isto se pareça.

« A Economia Politica vos apresenta

(1) Riqueza.

um facto e um resultado. É a vós que compete examinar, se, nas circumstancias do vosso paiz, existem outros factos e outras circumstancias que se oppoñham á suppressão d'estes estabelecimentos.» —

Como se poderá também affirmar que a Economia Política é contra a Religião Catholica-Apostolica-Romana? — É verdade que a Economia Política estabelece que quantos mais forem os dias de trabalho maior será a riqueza publica, mas por ventura poderemos daqui concluir: — logo acabe-se com os dias sanctificados, até mesmo com os Domingos, embora como christãos sejamos obrigados a guarda-los, porque assim é necessario á riqueza nacional! Os resultados que dão as leis da Economia Política são resultados positivos, e os homens farão d'elles o uso que lhes convier, são verdades, e a verdade é sempre util e proveitosa ao progresso da humanidade.

Applicando agora estas considerações ao que teve lugar ha pouco entre nós a respeito da abolição de alguns dos dias sanctificados, diremos que não foi a Economia Política quem reclamou a sua abolição, foi a moral publica, porque estes dias, pelo seu grande numero, em vez de serem respeitados, eram pelo contrario os dias em que tiham logar as immoralidades e os crimes, foram os nossos interesses e circumstancias sociaes. E a Economia Política o que fez? Veiu ajuntar o seu braço á moral e á politica; reuniram-se os interesses economicos com os interesses moraes.

Não deixemos porém de tocar na *beneficacão* da Economia Política; não consentamos que se diga que a Economia Política quer a destruição do Mosteiro da Batalha para se aproveitar o terreno para a agricultura, ou construcção de alguma fabrica; não ripitamos o que dissemos, aproveitemo-nos mesmo do que diz o auctor — «... a gloria da patria, as recordações de um heroe, o respeito das nações, a admiração de todos por

esse poema de marmore, e em fim o ouro que o estrangeiro cá vem deixar só para o ver, tudo isto dá uma somma de valores immateriaes &c. (1)» — Ora a Economia Política prefere sempre uma somma maior de valores a uma menor, e estes valores, embora immateriaes, como sejam superiores aos que resultam do terreno empregado em agricultura ou fabrica, a Economia Política por isso os prefere.

Finalmente a Economia Política só com o fim da riqueza material, seria uma sciencia material como o seu fim; o fim porém da Economia Política não cessa logo que se dê a riqueza material, a Economia Política procura a felicidade moral, nem muito menos adquire a riqueza material á custa da moral, mas só toma da primeira tanto quanto lhe baste, e olha para o intellectual o moral dos individuos e das nações.

E. de Serpa.

Estreou o Sr. *E. de Serpa* a sua vida de escriptor com um artigo critico; estimamos sinceramente a sua estreia, porque o dia em que entra mais um soldado no campo das lettras é para nós um dia de festa: mas é magoa que logo no seu primeiro esgrimir lhe sahisse um hote falso, porque pôde habituar-se a açoitar os ares com a sua lança, e não chegar nunca a ferir um adversario, pôde deixar-se arrastar pela torrente dos criticos sem critica, e vir a patria a perder os fructos, que por certo lhe dará, se adestrar cuidadosamente o braço antes de o encarregar do golpe.

Não haveria nos livros e nos jornaes tantas paginas de injustiça, tantas arguições sem fundamento, tantas calumnias litterarias se todos os que se propõem a criticar os escriptos alheios lessem com a devida pausa esses escriptos, entrassem bem no espirito do auctor, o se collocassem precisamente no ponto

(1) Vide Errata — pag. 320.

d'onde o objecto foi olhado. Infelizmente os homens, que meditam com seriedade um periodo antes de lhe metter a tesoura da censura são raros, e se o são em França, Inglaterra, e Allemanha, onde a critica é cultivada como um ramo especial das lettras, não admira que sejam rarissimos entre nós, que d'esta parte da litteratura pouco mais conhecemos que o nome.

O Sr. E. de Serpa, levado talvez por um zelo exagerado, não teve tempo de ler duas vezes o nosso artigo ácerca dos *Dias Sanctos*, se o tivera, estamos certos que não alcunharia de *ultrage* á Economia Política as verdades que alli dissemos, e que hoje voltamos a confirmar. Quando se aventura uma expressão tão forte, como a que se contém na epigraphé do artigo do Sr. E. de Serpa, deve haver todo o cuidado em a demonstrar, nenhuma circumspecção é demasiada, porque *ultrajar* uma sciencia só o fazem os nescios e os maus, e cuidamos não nos dever alistar em tal numero; mas nós sabemos como pôde ser cega a paixão por uma sciencia, de que ha poucos mezes ainda se largaram os compendios; os olhos enganados pelo prisma do affecto cuidam ver cavalleiros onde não ha senão levissimos argneiros, fingem inimigos onde sómente ha amigos, que olham as cousas como ellas são, e sem o vidro emprestado. Nós tambem já estudámos Economia Política, tivemos a fortuna de ter por mestre o Sr. J. A. de Campos, e se nessa época topassemos em algum jornal com um artigo irmão do nosso, talvez nos chegasse tambem o prurito de o combater, porque ainda os beijos nos saberiam a um leite fascinador, que não admittia decomposição, e julgariamos desacatadas as venerandas barbas de J. B. Say: hoje porém, que vamos mais lonje d'esse tempo, já podemos conciliar a verdade da sciencia com a existencia de certas consequencias funestas: — então era o entusiasmo que predo unava, agora é a reflexão.

Deus nos livre de *ultrajar* nenhuma sciencia. Deus nos aparte sempre da tentação de faltar ao respeito devido aos mysterios de *Storch*, mas primeiro que tudo Deus nos defenda de faltar á verdade. Começámos o nosso artigo por um elogio á Economia Política, bem sabemos que lh'o deviamos, todavia se nós tornassemos a sciencia, em si, responsavel pelos factos que depois apresentámos não seria a nossa penna que a elogiasse: quando dissemos que lançadas em uma concha da balança as *utilidades*, e na outra os prejuizos que resultam d'essas *utilidades* talvez votassemos contra a Economia Política, não tomavamos a sciencia em abstracto, mas sim a sciencia nas mãos dos homens. Em abstracto não ha principio que seja prejudicial, os effectos do principio quando os homens o applicam mal, se é bom, ou o seguem, se é mau, esses é que são para recer.

Platão não tinha, com toda a certeza, nem cabeça de marmore, nem coração de granito para desamiar as bellezas da poesia, elle proprio foi poeta antes de começar a ser philosopho, contudo mandava corôar de rosas os poetas, e pô-los fóra da sua republica, porque havia observado o abuso que se fazia d'aquelle dom precioso: não desejamos crear uma republica de *Platão*, nem, se a creassemos, corôariamos os economistas com espigas de trigo para os despedir, mas seguiriamos completamente a *Rossi*:—logo que a moral mandasse venerar certos factos e *circumstancias*, muito embora a sciencia examinasse á sua vontade as *relações das cousas e lhes tirasse as consequencias*, nós tiravamos tambem a illação de não deixarmos applicar nesses factos e *circumstancias* os principios da sciencia que lhes fossem nocivos.

O Sr. E. de Serpa não ignora que a Economia Política está dividida em duas escholas: a eschola franceza quer a sciencia subordinada á moral, a ingleza quer a sciencia em toda a sua

plenitude, e com todas as suas consequências; e por isso o texto de *Rossi* foi bem escolhido, porque nos economistas britannicos não haveria encontra-lo; mas de que lado estará a verdade scientificamente fallando?—nós dizemos que do lado de *Rossi*, outros dirão que do lado de *Smith*, e esta desintelligencia vai entretanto produzindo os seus maus effeitos em nome da Economia Politica. Como podem os povos *coexistir* com os systemas da sciencia, se os seus mestres mesmos não *coexistem* uns com outros em principios capitalissimos? É natural que os povos tambem sigam um estandarte, e se elle foi, como desgraçadamente entre nós acontece, o do leão do *Tamisa*, ali temos o Domingo transformado em *capital de produção material*. Sabemos que a Economia Politica, a genuina, não quer que se arrase o mosteiro da Batalha para levantar uma fabrica, e nós mesmos demos a razão em o nosso artigo, porque a Batalha produz valores materiaes e immateriaes, porém como alli a maior somma é de valores immateriaes, em que muitos economistas não acreditam, e a que chamamos *arrasadores*, por isso, e contra estes, é que ousámos bradar; todo o fel que nos escorreu da penna foi contra o *positivismo materializador*, e se este não *bestifica* então são verdadeiros os principios da eschola ingleza.

A Economia Politica ainda a da eschola franceza, é *principalmente* destinada a cuidar na felicidade material, esta tendencia, que lhe está na natureza, leva facilmente muitos espiritos a pensarem que para esta felicidade todos os meios são bons, e assim, rasgarão uma pagina da Biblia para com ella accender uma fornalha *productiva*: a sciencia não tem culpa, é verdade, que um economista desesperado escreva nas paredes d'um convento de frades — utilidade quer dizer riqueza — sem se lembrar que o Christianismo lhe prova que em muitos casos — utilidade quer dizer pobreza — mas tambem a terra não tem culpa que

o assassino aproveite as plantas venenosas que ella só creou para beneficio do homem, entretanto a moral e as leis prohibem os venenos e os envenenadores. A sciencia, com ser tão innocente como a terra, produz tambem os seus venenos e os seus envenenadores, obstar a que aquelles se vendam em hasta publica, e a que estes os propinem em terra de christãos foi o que nós quizesmos fazer, e só isto se devera colligir das nossas palavras; contra a sciencia, em si, juramos pelos manes do patriarcha *Adam Smith* que não peccámos nem venialmente.

O que sentimos é que o *Sr. E. de Serpa* nos não comprehendesse, ou não tivesse acordado mais cedo para combater idéas semelhantes ás nossas, quando foram apresentadas pelo *Sr. A. Herculano* no *Panorama*, e pelo *Sr. A. F. de Castilho* na *Revista Universal Lisbonense*; com taes Campeões é que valia a pena medir forças, comnosco é uma victoria facil, e não lhe invejamos os loiros.

J. de Lemos.

(J. D.)

THEATRO ACADEMICO.

Marino Falière. — Manoel Mendes.

Todos sabem, que o *Marino Falière* é de *Casimire Delavigne*, o cantor melancolico do acerbo pungir do patriotismo vencido, o bardo das *Messenienes*, que ainda não ha muito numa prematura morte roubou á França. — Não confronto o *Marino Falière* de *Delavigne* com o de *Byron*, nem tão pouco com o *libretto* Italiano, que, enriquecido com a bella *partitura* de *Donizetti*, tem agradado em todos os theatros em que ha sido posto em scena: *Delavigne* concebeu o facto historico d'uma maneira diversa de todos estes escriptores que apondo, *Byron* deu largas á sua imaginação ardente — não attendeu ao gosto das platéas, sirva de prova o seu fantastico *Manfredi* — *Donizetti*

tinha de escrever musica para alguns centenares de versos que haviam de ser cantados, e que muitas vezes, ou sempre, passam desapercebidos, porque o *libretto* não é mais do que a estante onde o *maestro* colloca a musica; Delavigne porém fez um drama historico adaptado ao gosto moderno; não recorreu a uma intriga complicada, mas escreveu scenas dramaticas n'um estylo energico, pespontado de lindas phrases poeticas: é inquestionavel que Delavigne onde mais se avantajava é no estylo. Não o classifico como optimo Dramaturgo — o sceptro não deve ser usurpado a *Dumas*; Delavigne é um bom poeta, não é pouco, e com quanto seus dramas sejam de grande merito (excedendo a todos, quanto a mim, o *D. João d' Austria*) não são contudo os que produzem maior effeito scenico em o nosso theatro.

Tres caracteres principaes descubro no *Marino Faliero*: o do Doge, de Steno, e de Helena; o caracter de Fernando é quasi inutil, o drama podia existir sem elle, mas o poeta tinha de obedecer a essa necessidade, a que Victor Hugo chama imperiosa — a do amor, mola real de toda a producção dramatica. «Deve apparecer sempre em primeiro lugar, diz este escriptor, ser superior a todas as considerações vãs que modificam as vontades e as paixões dos homens.» — Não me cumpre emittir aqui a minha opinião sobre os dramas da eschola a que chamarei *modernissima*, onde a theoria de *la charpante* se emprega com profusão; todavia o que affirmo, sem pertencões a dizer uma grande verdade, é que um drama concebido debaixo de todas as regras da verosimilhança, segundo os preceitos da arte, é um bom drama; e por isso não duvido fazer tal concessão a esta producção de Delavigne. — Voltando aos caracteres, digo que o do Doge está bem traçado; é um ancião ainda cheio de fogo e entusiasmo; um valente soldado, um caracter nobre e venerando,

o Doge, Marino Faliero, devia de ser assim; se a historia nos não engana; — Helena é o amor em toda a sua força; é criminosa na verdade mas o poeta corrige essa falta com o antidoto dos remorsos; — Steno representa o amor da patria e a coragem em todo o seu fulgôr. — Os outros caracteres são o colorido que completa o quadro, e que o fazem realçar.

Em quanto ao desempenho não podemos deixar em claro os nomes dos Srs. Palha, Sá e Bentes. — Todos elles se esmeraram nos seus papeis, e conseguiram verdadeiros e sinceros applausos.

Uma boa traducção pôde dizer-se rara, mas quando o traductor consegue traduzir com propriedade, de verso para prosa, alcança um grande triumpho: O Sr. José Freire está neste caso, e não lhe fazemos favor nenhum felicitando-o por mais esta sua obra digna do todo o louvor.

Que direi do *Manoel Mendes*? É uma Farça portugueza, e muito portugueza. Apesar de vista e sabida de cór agrada sempre: esta-se na platêa saboreando aquelles bons ditos portuguezes, aquella phraseologia familiar e engraçada da nossa lingua. — Tem-nos acostumado ao *espirito* francez, mas ás vezes lão pouco leito para os nossos costumes; traduzem-se cousas que do modo nenhum quadram ao nosso modo de viver, e no entanto o traductor cuida que metteu uma lança em Africa por fazer passar a scena em Lisboa ou no Alemitejo! — Por ora é comida indigesta que se não dá com todos os estomagos. Os Francezes tem muito sal, concordo; em França, em Inglaterra, em Portugal, ri-se do mesmo modo, bem sei; mas tambem sei que cada terra tem seu uso, e que os costumes dos Lisbonenses não são os dos Parisienses ou dos Inglezes, por isso é mister attende, e muito, a semelhante circumstancia: desgraçadamente tem-se desprezado este axioma de primeira intuição, e es-

tamos a rir á l'instar de Paris ha não sei quantos annos! Todas as vezes pois que podemos soltar uma d'estas gargalhadas ruidosas portuguezas na gemma, sentimos um prazer desmedido; é por isso sem duvida que o *Manoel Mendes*, coberto de poeira e traça, impresso em papel mata-borrão, ha de ser applaudido em quanto existirem alguns exemplares d'essa chistosa produção de Antonio Xavier.

Não especifico ninguem. Todos os actores, no meu entender, andáram o melhor possível. P. M. Junior.

Os dous Validos—A Certidão de idade.

Na 2.ª representação do actual anno lectivo no Theatro Academico, fizeram a parte principal do espectáculo o drama—os Dous Validos—que o digno socio d'este Instituto o Sr. Paulo Midosi verteu do hespanhol; e a pequena Comedia—A Certidão de Idade—imitada pelo mesmo, do Francez.

O drama é mixto de *caracter*, e *in-triga*, inda que esta mais n'elle predomina; e a ella é principalmente devido o seu bom resultado scenico; não sendo todavia para desprezar o desenho regularmente traçado do Protagonista, que representa um Jesuita perverso, astuto, e hypocrita, em contraste com a franqueza, e lealdade do 2.º valido, que representa o caracter hespanhol, e que foi vencedor na lucta. Entre os *caracteres* da peça entendemos porém merecer a primasia o do Marquez de Aytona, que é um papel verdadeiramente comico; e em que o Sr. D. Antonio andou com muito esmero e perfeição. O Sr. Palha no papel da Rainha de Hespanha, inda que inferior a outros de mais vulto, que tem desempenhado, apresentou uma naturalidade, e gravidade de maneiras feminis, que admirou aos numerosos espectadores. O Sr. Bentes declamou com muita clareza, e harmonia o papel de Jesuita. Inda que o caracter favorito do Sr. Bentes é o de

centro mais carregado, andou todavia muito bem n'este papel, e mereceu os elogios do publico. Coube ao Sr. Sá a representação do 2.º valido. E quem tão gentilmente se havia estreado no papel de Israel, no Marino, cobriu-se de novos louros n'este papel que desempenhou com toda a força, nobreza, *flexibilidade* de voz, graça e viveza de expressão, e excellente declamação e presença, que constituem um 1.º Galau consuminado. A platêa o victoreou constantemente com numerosos bravos; prevendo n'elle um digno successor do Sr. Bessa em caracteres identicos. Todos estes quatro actores foram mais que uma vez chamados ao procenio, e applaudidos. Os demais papeis secundarios da peça foram desempenhados regularmente notando-se em geral o bom ensaio d'ella.

No desempenho da Certidão de idade houve-se, como sempre, com muito sal, e graça comica o Sr. Theotónio. Todos os demais papeis correram bem. O Sr. Paulo Midosi deu-nos n'esta imitação mais uma prova da sua tendencia para as cousas da scena, introduzindo na comedia uma scena de sua imaginação com muito chiste e graça, cujo papel elle mesmo veio desempenhar com geral e merecido applauso; embelezando o caracter da protagonista, que tornou muito mais comico, e bello que no original, caracter que o Sr. D. Antonio (a velha por excellencia) desempenhou com toda a perfeição; e misturando no dialogo muitos conceitos delicados, e jocosos, em harmonia com os objectos, e *ridiculos* do dia.

O que todavia merece particular menção, e encomio é a pureza da linguagem, que o Sr. Midosi empregou n'estas duas peças, sem mistura de um gallicismo, e com um estylo todo cheio de animação, e verdadeiramente portuguez; objecto este, que deve merecer toda a consideração, mórmente em um Theatro de Academicos.

J. F. de Serpa.

OS JORNAES LITTERARIOS FRANCO
DE PORTE.

Quando uma verdade é arrojada inesperadamente ao meio do turbilhão, em que se agitam os povos, pôde ser desconhecida, estranhada, e até escarnecida por elles: mas quando ella jaz occulta ou adormecida no coração de todos, o primeiro que a despertar tem seguro um triumpho.

Neste caso suppomos a proposta recentemente feita nas Côrtes para a abolição dos portes de *periodicos litterarios e scientificos*. Applaudiu-a o publico, applaudiu-a a imprensa, que não havia ali penna capaz de erguer-se como padrão de ingnomia para a civilização do seculo. O Instituto de Litteratura e Arte dramatica d'esta cidade tomou a sabia, e patriótica deliberação de levar ás Côrtes uma representação a favor da mesma proposta, e nós, bem que pequenos e sem nome, convidados pelo nosso collega da *Revista Universal*, uni-remos ao seu o nosso debil brado, pedindo ao corpo legislativo que quanto antes se occupe de medida tão importante.

A lei dos portes francos é hoje um complemento necessario ás disposições do Conselho Superior tendentes a promover a instrução em todas as classes do estado. Sanccionae embora as mais sabias leis, para que os povos sejam obrigados a instruir-se; se lhe negardes os meios, serão vossas leis inuteis.

E d'estes meios ninguem por certo negará, que o melhor senão unico, é a vulgarisação dos *periodicos litterarios e scientificos*. O nosso povo ainda não contrahi o habito de ler; cumpre crear-lhe, cumpre favorecer, quanto possivel seja, o louvavel empenho dos que se propõem levar a instrução pelo meio da imprensa até a choupana do camponez. Se ainda ha alguem, que julgue abundarem entre nós as publicações litterarias periodicas, lembrar-lhe-hemos, que

só na monarchia da *Prussia* contam-se para cima de 300 jornaes litterarios e scientificos, e na capital da *Gram-Bretanha* 236 semanas afora 34 trimensaes. E todavia o *Edinburgh journal* lá conta 50:000 assignantes, em quanto que em *Portugal* muito faz o empresario, que pôde custear as despesas de uma publicação d'estas.

Não o dizemos só por nós, que faltos d'experiencia e talentos conhecemos o mingnado valor da *Revista Academica*. Ao entrarmos na honrosa cruzada de propagar a instrução popular, apresentámo-nos fortes, não de sciencia mas de esperanças e intenções puras; sabemos o que queremos ser, e o muito que devemos á coadjuvação de nossos mais insignes litteratos; o que temos sido ignoramo-lo, diante do publico nosso juiz aguardamos pela sentença. Mas dizemo-lo por outros jornaes distinctos, onde brilha o saber de seus Redactores a par de uma incontestavel utilidade, e todavia os vemos fazerem a mesma confissão que nós.

Não são nossos votos dictados pelo egoismo, são-no pelo amor da patria, e das letras. Quando virmos a instrução propagada por todas as classes da sociedade, os *periodicos litterarios e scientificos* multiplicados, e cada vez mais lidos e buscados com avidéz, ouviremos então placidamente a voz, que nos clamar:

Claudite jam pueri, sat prata biberunt.

D. SANCHO II.

Estamos auctorizados para annunciar que o Sr. J. F. do Serpa Pimentel, vai imprimir um novo drama, puramente historico, sob o titulo: — *D. Sancho II* — cujo assumpto versa sobre a deposição d'aquelle infeliz Monarcha, e o rapto violento, que de sua mulher, a rainha D. Mensia, se lhe fizera. O A. vai fazer em sua casa a leitura do drama a alguns entendedores e amigos; e para então nós reservamos voltar mais de espaço a este objecto.

(J. D.)

INSTITUTO DE LITTERATURA E ARTE
DRAMATICA.

(Resumo das sessões do corrente anno.)

O Instituto em desempenho da missão a que se propoz tem continuado os seus trabalhos durante o presente anno lectivo.

Nomeou as tres commissões exigidas pelos Estatutos — a de Redacção — a de Litteratura — e a d'Arte Dramatica : e distribuia trabalhos a cada uma d'ellas.

Agradeceu ao Socio Francisco Freire de Carvalho o offerecimento que fez ao Instituto das duas obras suas — *Memo-ria sobre a antiguidade do emprego da artilharia em Hespanha e Portugal*, — e *Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal*. Da 1.^a já a Revista apresentou um juizo. A 2.^a está distribuida á commissão de Litteratura para dar sobre ella o seu parecer.

Discutiu e approvou o seu regulamento, e mandou imprimir aquella parte que diz respeito ás obrigações dos Membros e Socios.

Approvou para poderem ser representados — *Os Dous Vallidos*, imitação do Hespanhol pelo Sr. Paulo Midosi, offerecida generosamente ao Theatro; assim como a farça — *A Certidão de idade*, imitação do Francez pelo mesmo Sr. — Por deliberação unanime se deu um voto de agradecimento ao Sr. Midosi.

Decidiu que se fizesse uma representação ás Cortes pedindo a approvação da proposta já apresentada para abolir o porte dos jornaes litterarios; e que se pedisse igualmente uma lei sobre a propriedade litteraria.

Discutiu e approvou o parecer apresentado pelo Sr. José Freire de Serpa sobre o *Chatterton* d'Alfredo de Vigny, bem como outro apresentado pelo Sr. Cordeiro, como relator da Commissão d'Arte Dramatica; e decidiu que fossem impressos neste jornal.

N.º 22,

Determinou que o seu Presidente por occasião de se ausentar o Sr. Manoel Maria da Silva Bruschy, significasse por carta honrosa a este Sr. o apreço em que o Instituto tivera sempre os serviços relevantissimos que lhe fez durante os seus estudos na Universidade, e a magoa com que vai ser privado d'elles; e decidiu que esta sua deliberação fosse mencionada neste jornal para dar um publico testemunho da consideração em que tem os merecimentos do Sr. Bruschy.

Ultimamente teve lugar a discussão do drama historico — *D. Sancho II*, que o Sr. José Freire de Serpa Pimentel offereceu á approvação do Instituto, e que préviamente havia lido em sua casa aos Membros e Socios d'elle. O drama foi approvedo tal qual está.

PARECER SOBRE O CHATTERTON

De Alfredo de Vigny.

Se o drama é a representação das realidades da vida; se assim como estas são graves ou ligeiras, terriveis ou rissonhas, sisudas ou grutescas, sublimes ou triviaes, assim aquelles são tragicos, melancolicos, chistosos, comicos, sublimes, variados em fim como os diversos epithetos das cousas humanas; — se as leis aristotelicas da escola, que morreu, foram em fim substituidas pela norma unica e dominadora da eschola que nasce — a verdade; — se tudo isto é certo ousaremos affirmar que Chatterton é um drama, e que é sublime, entre os sublimes.

E cabe-nos aqui advertir como prologomenos d'este parecer, que não somos nós do numero d'aquelles que avaliam as peças pelas unidades estupidas do logar e do tempo; pela formula semi-grega e semi-franceza dos 5 actos de rigor; pela separação das duas grandes alas de crispans a rir sem nunca chorar — a comedia; de heróes a chorar, sem nunca rir — a tragedia; pelo estirado altisonante do dialogo, a contar-nos o

que lá vai por dentro, que tanto folgaramos em ver, e que tão insípido é de ouvir, e quejandos artigos infindos da etiqueta do theatro classico. Mas tampouco desejamos ser alistados nas fileiras dos esturrados espadachins e *petit-maitres* da moderna eschola, a fazer gala de quebrar com unidades a torto e direito só porquesão unidades;—a multiplicar as acções por trinta quadros, só para fugirem aos actos;—a substituir o terrível pelo asqueroso, o grotesco pelo baixo comico, e a atirar-nos com tudo de envolta sem fim nem motivo;—a multiplicar na scena o punhal, o veneno, o adulterio, tambem de rigor, e a substituir as velhas sem-sabores imitações de Corneille e Racine, pelos novos ridiculos arremedos de Mrs. Dumas, e Victor-Hugo.

A nossa norma é uma e simples, é a verdade; e por isso affirmamos que Chatterton é um drama.

E certo que caracteres, e feitos mais naturaes e verdadeiros, que assumpto mais sublime? Alfredo de Vigny quiz realisar-nos um grande character, e um pensamento rei — o poeta, e o amor. O poeta, moldado na pessoa de Chatterton apparece a sós com o seu genio, livre de todas as ligações sociaes, superior a todos os prejuizos, forte com a sua poesia, grande com o seu amor, independente com a sua vontade; mas ermo e só, desajudado no meio de uma sociedade que não é a sua, que não pôde ser a sua, que o não comprehende, que o não soccorre, por que não fraternisa com a sublimidade poetica semidivina do seu pensamento. Por isso o poeta sem resistir á lucta dos homens, que seu genio esmagaria, que seu braço despresaria, o poeta verga-se, e ali se fina sem nome, olvidado no turbilhão do mundo.

Para realçar a belleza profunda d'este quadro apparece Kitty Bell, poetisa no amor, anjo dos anjos na virtude, e martyr como elle. Esta porém ligada, presa, amarrada de pés e mãos

às leis, às conveniências do mundo. E o amor sempre a formar o relevo do quadro, a vencer sempre n'estas duas creaturas tão umas no coração, que é do céu, tão outras na vida, que é do mundo.

E já que fallamos no céu e no mundo, mencionaremos aquelle vivo contraste de John, e Kitty: que peor homem e que melhor anjo! E no meio d'elles aquelle Quaker a symbolisar a providencia, a velar por todos, a amparar o anjo para que não caia, o homem para que se não perca! Aquellas palavras do acto 2.º em que elle, ouvindo os escrupulos de Kitty sobre a leve mentira, de que pendia a salvacão do Poeta, diz para ella apertando-lhe, e beijando-lhe, as mãos— «Tua culpa é innocente: para occultar essa misericordiosa mentira, as sanctas do céu tuas irmãs, estenderiam os seus véus de pureza diante dos olhos do creador.»—Estas palavras revelam o meu pensamento.

O suicidio, que alguém talvez ao cabo de tudo isto vitupera, vem alli tão desculpado após a grande verdade, que nos revela, que ninguém ousará ataca-lo de boa fé. Chatterton, que é o genio a sós com sigo, que é a razão sem a revelação, que é o poeta, morre cometendo um suicidio, e cantando esse crime á beira do sepulchro. Kitty, que é o genio, que é a razão pulida pelo christianismo, morre, victima da sua estreita, mas exprobrando aquelle delicto. Esta differença é o maior panegyrico da moralidade da peça.

Aquella oração derradeira do Quaker corrobora esta asserção, quando diz: cahindo de joelhos, e fechando a peça — «No vosso seio, senhor Deus, recebei no vosso seio estes dous martyres.»

O drama é, no nosso entender, portanto, do numero d'aquelles que arrebatam quem pensa, e que os mesmos que não pensam terão vergonha de não applaudir. Um drama tal está moldado para um theatro de academicos.

J. F. de Serpa.

MEMORIA HISTORICA SOBRE A
INSTRUÇÃO PRIMARIA ENTRE NOS.

(Continuado da pag. 327.)

Methodo e objectos do ensino.

O methodo, as lições, e os compendios, tudo no ensino primario deve convergir aos dous pontos:—de inspirar aos meninos as maximas da moral, e os sentimentos da religião;—e de os habilitar pelo meio mais facil com os conhecimentos litterarios indispensaveis para os usos ordinarios da vida, qualquer que seja o destino a que se dirijam. A isto se reduzem todos os regulamentos e providencias sobre este artigo.

Por Alv. de 30 de setembro de 1770 sobre consulta da Mesa censoria tinham sido excluidos dos exercicios de leitura os processos letigiosos e sentenças, com o receio de acostumar os meninos aos enleios do foro; e foi designado para compendio de doutrina e livro classico de leitura, o Catechismo pequeno do bispo de Montpellier mandado traduzir pelo arcebispo de Evora. Ainda neste tempo o estudo da grammatica portugueza se reputava estranho ás eschololas de primeiras letras, e mais proprio das aulas de latim; cujos professores foram neste Alv. mandados ensinar a aos principiantes nos primeiros seis mezes pela arte do Lobato, que para esse fim foi então adoptada.

Depois na lei de 6 de nov. de 1772 §. 5. foram explicitamente fixados os objectos do ensino, mandando-se aos professores que ensinassem a ler e a escrever, não só trabalhando por fazer contrahir aos meninos a boa forma dos caracteres, mas tambem instruindo-os nas regras geraes da orthographia, e o que for necessario da syntaxe; e a contar, ensinando-lhes pelo menos as quatro especies de arithmetica sim-

ples; e além d'isso o *Catechismo e regras da civilidade*.

A Junta da Directoria desde a sua instalação trabalhou por fazer progredir o ensino primario, exigindo dos professores um sufficiente conhecimento de todos os ramos que o compõe: porém só muito depois, em 1824, publicou com o nome de *Instrucções* o regulamento geral para as eschololas, o qual foi confirmado em resolução do governo de 28 de setembro do mesmo anno. Estas instrucções não contêm mais do que o desenvolvimento dos principios indicados nas duas leis citadas, em quanto á forma porque os professores devem proceder no ensino d'elles. Do novo apenas alli se encontram algumas disposições disciplinares; entre outras o espaço das lições diarias, e os dias feriados; e a recommendação generica dos livros da historia de Portugal, e da sagrada, para uso da leitura.

A pesar d'estes esforços a instrucção progredia, mas mui lentamente, porque as providencias não eram acompanhadas dos livros elementares apropriados, os quaes neste ramo de serviço são tudo; e cuja escolha a junta da Directoria deixou ao arbitrio dos mestres. Publicaram-se, é verdade, neste período muitos impressos d'esta natureza, principalmente syllabarios e taboadas, mas sem melhoramento importante. Appareceram igualmente diferentes extractos ou edições do Catechismo de Montpellier; mas todos geralmente, ou mais carregados de theologia do que convem á pequena capacidade dos meninos, ou limitados ás simplicis formulas da doutrina, que podem sobrecarregar a memoria, mas não exercitar a attenção d'elles. Entre todas a obra d'este tempo, que nos parece mais digna de recommendação, é a publicada em Coimbra com o título de *Eschola popular*, vulgarmente attribuida ao nosso distincto litterato e vogal da Junta da Directoria — Jeronimo Soares Barbosa. O compendio de civilidade que nella se contém,

é novo, e bem composto, e o tractado de arithmetica superior a todos os outros de que então se usava.

Estado da Instrucção Primaria depois de 1834.

A propagação dos princípios de liberdade politica trouxe consigo a necessidade da reforma da instrucção principalmente da popular: ninguem duvida de que o systema constitucional não pode subsistir sem a illustração do povo, e por isso todos os governos liberaes têm dado a este objecto especial cuidado.

A regencia, que durante o governo de D. Miguel se conservou na Ilha Terceira, publicou algumas providencias sobre a instrucção, que aqui não expomos por serem especiaes, e accommodadas ás circumstancias do logar e do tempo.

Depois, em 1834, o governo nomeou uma commissão preparatoria dos trabalhos necessarios sobre instrucção, os quaes não chegaram a ser publicados; porque dali a pouco em 1835 o ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães creou para o fim de a dirigir um Conselho supremo de Instrucção publica. Esta providencia era indispensavel, e de alta transcendencia: são tão connexas as relações dos differentes ramos de ensino, que não podem progredir se não forem reciprocamente coadjuvados, e se um só pensamento os não animar a todos. Era necessario pois emendar o systema antigo, pelo qual a Junta da Directoria unicamente superintendia o ensino primario e secundario: entre a Universidade, as Academias chirurgicas, e os outros estabelecimentos de instrucção superior não havia centro que os ligasse, subsistiam isolados, e apenas dependentes do Ministerio do reino. A pezar d'isto aquelle Conselho supremo não pôde continuar, por ser estabelecido em Lisboa, e por tanto indirectamente d'elle excluidos os professores da Universidade—o corpo littera-

rio do paiz, que tem em seu abono o prestigio da antiguidade e da magnificencia dos seus estabelecimentos, o credito incontestavel de grande numero de seus membros, e o conceito geral dos paes de familias.

Por occasião da revolução de setembro de 1836 foi encarregada a reforma de toda a instrucção ao Dr. José Alexandre de Campos, Lente de Direito, e Vice reitor da Universidade, cujos trabalhos foram confirmados, e constam dos 5 Decretos — de 15 e 17 de novembro, de 6 e 29 de dezembro de 1836, e 13 de janeiro de 1837. Foi nesta reforma, que a antiga divisão foi substituida pela moderna de—*Ensino primario — secundario — e superior*. Como o nosso proposito se limita ao primeiro ramo, sómente exporemos as doutrinas do Decreto de 15 de novembro, em que elle se contém.

Decreto de 15 de Novembro de 1836.

Neste Decreto acham-se recopiladas as providencias anteriormente adoptadas por lei, ou pelos estylos da Junta da Directoria, com algumas alterações exigidas pelas circumstancias, de que vamos dar breve noticia.

Para superintender o ensino primario conservou-se a Junta da Directoria com as mesmas attribuições, de que antes gozava, mas com outro nome de *Conselho Geral Director do Ensino Primario e Secundario*, o qual tinha por delegados para o cumprimento das suas ordens, os Administradores geraes, chamados depois Governadores civis, dos Districtos, e os Reitores dos Lycêos que então foram junctamente decretados. Para promover o adiantamento das escholas, vigia-las e dirigi-las pelas Provincias, em logar dos antigos Commissarios, este Decreto recorreu ao zelo e devoção dos Cidadãos, mandando crear em cada concelho uma Commissão inspectora para este fim. Chegaram effectivamente a ser nomeadas algumas, que pouco ou nada fizeram; porque em geral entre

nós ao serviço gratuito do bem publico, quando não está ligado com a religião, e formado por antigos habitos, poucas pessoas, e podemos dizer, ninguem se presta sómente por zelo, e se alguma cousa se faz, é por satisfação e sem cuidado. Nas Provincias ultramarinas foi a direcção dos estudos encarregada a conselhos provinciaes, compostos dos professores da Capital respectiva.

Para occorrer á falta de pretendentes ás cadeiras, que então se sentia, fixou-se-lhes a idade de 21 annos em lugar dos 25 até ali exigidos. Conservaram-se os mesmos ordenados, mas accrescentou-se-lhes a gratificação de 20:000 reis pagos pelas Camaras municipaes.

Decretaram-se tambem as jubilações e aposentações com uma parte do ordenado em proporção dos annos de serviço do professor: vantagem porém que foi illudida, como já o tinha sido em 1826, pela disposição do artigo 120 do Decreto de 29 de dezembro seguinte, que a suspendeu até o anno de 1846.

Outra prerogativa se concedeu no mesmo Decreto aos professores, a qual se inculcou de grande importancia—que era a de não poderem ser demittidos, senão por sentença do poder judicial; ou de um jury de professores, quando a culpa fosse cometida no exercicio da sua profissão.

Esta medida não era outra cousa senão a confirmação por lei da inamovibilidade dos professores, que o governo em todos os tempos reconheceu. Mas para acautelar os abusos que d'ella poderiam nascer era mister formar um só corpo de toda a classe dos professores, de tal maneira organizado que as suas prerogativas communs servissem de meio de emulação e de progresso, como é a Universidade em França; e estabelecer as formalidades necessarias, para que se fizesse justiça contra o empregado indigno ou ocioso, ao que as circumstancias de então, e talvez ainda as actuaes oppõem muitas difficuldades, e

foi esta falta que tornou inexequivel aquella medida. O ministerio do professor não se funda tanto na força do emprego, como no seu credito, e no conceito geral da sua capacidade, o qual não pôde ser sujeito ás formalidades judiciaes. O Juiz depois de muitas delongas sempre fataes para a instrucção absolve o professor por falta de prova. Mas os paes de familias, em cujo tribunal elle nem por isso foi absolvido, retiram-lhe os filhos. Abi temos este empregado oneroso ao estado, e perdido para a instrucção. É necessario pois que elle seja absolvido sim, mas por pessoas prudentes, imparciaes e desapaixonadas, e por taes accreditadas, cuja decisão se não ligue a formulas, e possa penetrar até a consciencia dos paes.

Ao tempo da publicação d'este Decreto era geralmente applaudido o methodo chamado de Lancaster, ou de ensino mutuo, principalmente usado nas eschololas de Inglaterra. As funções de professor reproduzidas e multiplicadas pelos monitores, a passagem alternativa dos meninos de aprender a ensinar os outros, e o exercicio activo e continuado, que por esta fôrma se consegue de todos os discipulos e em todas as classes durante o tempo das lições, tornam este systema mais appropriado para as eschololas numerosas do que o methodo simultaneo; principalmente para o ensino das disciplinas que dependem mais do habito mechanic, e automatico dos meninos; do que d'aquellas que exigem grande variedade e reflexão nas respostas, como a grammatica, a historia, a geographia &c.

Já em 1826 tinha sido aberta em Lisboa uma eschola por este methodo, que foi pouco depois adoptado tambem na casa pia. No Porto abriu-se outra em 1834. Em 1835 foi publicado o Directorio geral para estas eschololas, e confirmado por Decreto de 31 de outubro; e tanto se quiz então generaliza-lo, que foram convidados com partidos alumnos mestres, que o viessem aprender.

O Decreto de 15 de novembro seguiu esta tendencia. Creou uma escola por este methodo em todas as capitães dos districtos: consignou aos professores d'ellas o ordenado de 200\$000 reis, concedeu-lhe um ajudante; e mandou inserir no orçamento uma verba para a conservação de casa, e mais material da escola: prometendo até um augmento de ordenado aos outros professores que o introduzissem.

Effectivamente abrimos-se estas escolas nas cabeças dos districtos do continente, á excepção de Aveiro, Guarda, e Leiria: e, ou seja pela novidade, ou pela excellencia do methodo, todas têm prosperado sensivelmente. Em 1844 apesar de não serem então exactamente assistidas com os subsidios do thesouro, 15 escolas por este methodo foram frequentadas por 2:235 alumnos.

(Continúa.)

••

SYSTEMA PENITENCIARIO.

Srs. Redactores.

Depois de pagar a VV. o tributo da minha sincera gratidão pelas obsequiosas expressões, com que se dignaram de honrar o meu mal ordenado artigo sobre o systema penitenciario; peço licença para apontar duas equivocacões que me parece notar nos reparos que VV. se serviram de fazer ao dicto artigo: e a que provavelmente dei motivo pela pouca clareza do meu estylo demasiadamente conciso.

Observam VV. que tendo as penitenciarías já estabelecidas conseguido que alguns criminosos saiam d'alli completamente emendados, é porque, para esses, os meios adoptados são sufficientes. Donde VV. concluem: que para taes criminosos não haverá necessidade de sujeita-los a todos os tramites por mim propostos.

Todo este raciocinio me faz ver que

VV. inferiram ser minha opinião que todos os criminosos entrados nas casas de correcção devem seguir os mesmos tramites para se tentar a sua emenda: e que o meu systema rejeita alguma das practias usadas nas penitenciarías: e que, sendo alli proficinas, só deixariam de se-lo no meu systema.

Eu persuadia-me que do contexto do meu artigo e dos pormenores dos outros meus escriptos a que me referia, por não entrar em inuteis e prolixas repetições, era manifesto que, bem longo de sujeitar todos os presos a seguirem os mesmos tramites, eu condemnava essa practica actualmente adoptada em todas as penitenciarías; pois em todas se observa uma mesma e invariavel marcha para os mais perversos, como para os menos culpados: e entretanto que no meu systema se offerce a estes a certeza moral de que attenta a sua facil emenda, mais brevemente passarão a gozar da plenitude dos seus direitos nos presidios, aonde têm de ser transferidos; no systema actual obrigam-se a preencherem alli o tempo marcado na sentença.

Talvez é a mente de VV. que esta sorte de criminosos não sejam obrigados a passar aos presidios penaes; mas voltem da prisão para o seio da sociedade.

Eu julgava ter prevenido esta excepção, quando no meu artigo fiz observar que duas mui ponderosas razões se oppunham áquelle immediato regresso: 1.^a não ter a sociedade nenhuma obrigação de acreditar na infallibilidade nem na sinceridade das pessoas que houverem qualificado esses presos de levemente perversos na epocha em que commetteram o crime: e de completamente emendados no momento em que por compaixão, por empenhos ou por outros motivos lhes dão a liberdade.

A segunda razão é que de facto, ninguém pode querer no scio da sua familia, como criado, ou empregar sem uma visivel desconfiança na sua officina um homem apenas sahido de uma casa de

correcção de criminosos, e portanto é forçoso que este infeliz se lance de novo nos braços de quem unicamente o acolhe e convida.

Daqui concluo que o meu systema não obrigando os levemente pervertidos a seguir na casa de correcção os mesmos tramites, que os endurecidos no crime; encontram alli melhor tractamento curativo do que no absurdo mutismo, e na inflexivel regra do trabalho incessante das actuaes penitenciarias: sem desenvolvimento da intelligencia, nem purificação de instincto moral, como o que a todos offerecem os meios apontados no meu systema.

Esses levemente criminosos que VV. referindo-se ás estadisticas das penitenciarias consideram como *emendados* não são, senão sinceramente *contritos e intimidados*. Mas não adquiriram mais luzes, não adquiriram mais elevação de sentimentos; não adquiriram qualidades que os habilitem a entrar em melhores companhias do que as que antes frequentavam: e, por consequente ou hão-de fugir de toda a sociedade, ou hão-de voltar ás mesmas, em que outr'ora succumbiram. Já se vê que a primeira d'estas alternativas raras vezes terá logar, porque o homem é, em regra, sociavel: os misantropos são, felizmente, monstruosas excepções.

Encontram pois nas casas de correcção organisadas segundo o meu systema, não só arrependimento e intimação, como nas penitenciarias actuaes, mas esclarecimento e moralisação, tanto os levemente pervertidos como os mais perversos criminosos. Mas tanto uns, como os outros devem passar pela prova dos presidios penaes, até que a antiga sociedade, recobrada a perdida confiança, lhe abra as portas da patria: para o que ninguém tem auctoridade.

Eu comparei o juiz ao medico que sendo consultado por um enfermo, e conhecendo ser grave a molestia o manda recolher ao hospital. Creio que o paralelo quadra em todos os pontos: e

assim como na doença physica seria incongruente que o medico consultado, governando-se pelo que deprehende do estado actual do enfermo lhe prescrevesse o tractamento que o assistente tem de lhe ordenar durante a sua estada no hospital: igualmente o seria que o juiz prescreva na sentença o regimen a que o réu deve ser sujeito. Pode e deve, como o medico consultado, fornecer ao Director, todos os dados que tiver para elle se governar em todo o decurso do curativo; mas só a marcha d'este é que pôde mostrar o que cumpre fazer, na successão dos tempos.

VV. avaliarão estas explicações, que têm por fim evitar, que no caso de irem avante as annunciadas propostas, se não caia, pelo fatal systema de se imitar o que se pratica n'outros paizes, só porque ali se pratica, se não caia em custosas e erradas construcções, que depois se conservam, apezar de se lhes reconhecerem os inconvenientes, porque fallece coragem para desperdiçar essa despeza: ou faltam os meios de fazer outras de novo.

Taes são os motivos que me obrigam a repizar as mesmas doutrinas: e mesmo a propor como propuz nos Projectos que citei no meu artigo, um plano de casas de correcção, que na realidade estão ainda longe de satisfazer a todas as condições do problema; mas offerecem uma grande approssimação; e não só não tornam impossivel, mas facilitam ultteriores melhoramentos.

De VV. &c.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

Quando dissemos que para alguns criminosos não haveria necessidade de sujeita-los a todos os tramites propostos pelo Sr. Silvestre Pinheiro, referimo-nos não aos criminosos de profissão, mas áquelles que circumstancias especiaes fizeram entrar na carreira do

crime, e da qual nos parece que muitas vezes será possível affastá-los para sempre sem o emprego de todos os meios que no systema do Sr. Silvestre Pinheiro se exigem; não tinhamos então em vista o modo porque esses meios deviam ser empregados, mas sim que algumas vezes se poderia prescindir d'algum d'elles, assim como que para se conhecer a emenda dos presos nem sempre seria necessario recorrer á prova no presidio penal. São estes os pontos em que discordamos da opinião de S. Ex.^a

Reconhecemos os defeitos das casas penitenciarias como se acham estabelecidas, mas não podemos duvidar d'alguns bons resultados que por ellas se tem conseguido. Escriptores fidedignos nos attestam que alguns criminosos voltando d'aquellas casas para a sociedade têm vivido como bons cidadãos; são factos que se não podem negar, é preciso explica-los: o Sr. Silvestre Pinheiro quer que estes que se dizem emendados não sejam mais que sinceramente contritos e intimidados, mas não vemos razão para deixar de admitir a possibilidade de completa emenda em crimes mais leves; e se examinando-se as circumstancias peculiares de certo criminoso, se conhecer que elle poderá emendar-se sem passar pelos meios mais fortes, para que se hão-de empregar? pois assim como ha grãos nos crimes, não os deve tambem haver nos meios de correcção? — Deve; e o Sr. Silvestre Pinheiro concorda nesta verdade condemnando a practica de se observar nas penitenciarias uma *mesma e invariavel marcha para os mais pervertidos como para os menos culpados*; e se isto é exacto em quanto ao modo no emprego dos meios correctivos, parece que tambem o é em quanto á natureza d'esses mesmos meios, isto é, que se não deve exigir uma mesma e invariavel marcha em quanto á escala dos meios empregados; S. Ex.^a quer que a todos os criminosos se dê uma occupação superior á que d'antes exerciam, para

que sáiam da prisão habilitados a entrar em melhores companhias do que as que antes frequentavam; mas não vemos a necessidade de empregar este meio quando o crime commettido nem tiver relação com o emprego do individuo, nem tiver sido o resultado das companhias por elle frequentadas. Foi isto que quizemos significar quando, a pag. 245 nota (4), tratando de explicar o sentido em que diziamos que o juiz prescreveria na sentença o regimen a que o criminoso seria sujeito, dissemos que o juiz determinaria se se devia ou não ensinar ao preso uma arte ou officio differente d'aquelle em que antes se occupava &c; porque estamos persuadidos que se ha-de conseguir a emenda d'alguns criminosos sem a demora no apprendizado d'uma arte, quando a que antes exercia o preso não tenha sido a causa dos seus crimes. Era tambem nossa intenção comprehender alli — que o juiz julgaria se havia ou não motivos sufficientes para se dispensar a prova da emenda nos presídios penaes; por quanto se reconhecemos que a sociedade tem direito a exigir uma prova de emenda da parte d'aquelle que uma vez foi criminoso para que o possa readmitir em seu seio, tambem nos parece que a sociedade não deve exigir de presos de differente criminalidade provas igualmente fortes; e será necessario que todos os criminosos passem pela prova dos presídios penaes? — Entendemos que não: quando o crime proveiu de circumstancias taes que não seja de presumir que se repitam, quando pela vida do accusado e do acto do crime se tiver conhecido que elle não é dotado d'uma perversidade difficil de corrigir, e quando finalmente pelo seu comportamento na penitenciaria se tiver conhecido que elle está emendado, desterra-lo para um presidio penal é já exceder o fim da pena; é uma barbaridade.

Os motivos que o Sr. Silvestre Pinheiro apresenta para que em nenhum

caso devam os presos voltar da penitenciaria immediatamente para a sociedade, não nos convencem, porque se a sociedade, que sem duvida não tem obrigação de acreditar na infalibilidade ou sinceridade de ninguém, mas que deve ser logica no seu raciocinio, a sociedade dizemos, se não quizer dar credito algum a pessoas que devem merecer a sua confiança, tambem não pôde ter a menor certeza nas noticias que receber dos presídios penaes, sendo possível que muitas vezes taes noticias sejam de proposito forjadas para a illudir, e a sociedade abrir os braços a um perverso hypocrita, julgando receber um contrito e emendado. A desconfiança que existe sempre contra um homem que sai d'uma casa de correccão, é a mesma que se dá contra o que vem do presidio penal, se este ultimo foi réu de maior crime que o primeiro: por consequencia o que importa é que o criminoso venha effectivamente emendado, e a necessidade em que elle se vê de pelos seus actos provar a sua emenda, fará com que em pouco tempo desvaneça as suspeitas que contra elle possa haver.

O paralelo do medico *quadra completamente em todos os pontos*, e d'ahi mesmo tiramos as duas consequencias, que temos pretendido provar: é sem duvida que o medico não segue um tractamento para todas as molestias, nem sempre emprega o mesmo tractamento para a mesma doença quando affecta individuos de diversa natureza, ou quando a mesma doença é o resultado de causas differentes: mas igualmente é certo que nenhum medico tem uma escala graduada de differentes ordens de medicamentos, e que não dê por curado doente algum sem ter percorrido toda a escala; tambem nenhum medico emprega as mesmas precauções com o convalescente de uma molestia em que não é de esperar recalhida, como naquella em que deve ser receiada.

Assim entendemos nós que se é possível emendar um criminoso sem em-

pregar o meio mais forte, mais difficil, e mais moroso, de lhe dar uma posição social superior á que antes tinha, se é possível conhecer a sua emenda sem a prova do presidio penal; escusado é empregar estes meios, conservando este homem por mais tempo longe da sua familia, e privando a sociedade dos seus serviços, que já como cidadão probó lh'os podia prestar exercendo a sua antiga profissão.

São estas as razões que nos levam a discrepar, nestes dous pontos, da opinião do Sr. Silvestre Pinheiro, a quem muito respeitamos; e é com toda a submissão que aqui pomos estas observações que nos occorrem a favor da opinião que já emittimos.

R.-L.

A ARTELHARIA EM HESPAHIA E PORTUGAL.

(Leves considerações sobre o artigo publicado a pag. 301 d'este jornal.)

Do excellente artigo, que se lê a pag. 301 na Revista Academica, qualquer leitor, ainda o mais prevenido, ficará desenganado, de que a Artelharia, qual nós hoje a conhecemos, não data certamente do tempo do conde Henrique, ou principios do seculo XII, e, além das provas alli produzidas, lembro-me, que o Camões, escrevendo no seculo XVI, ainda lhe chama:

— Aquellas invenções feras, e novas; — (1) pois que dando-se todo o desconto, que se queira, a alguma exaggeração naquelle epitheto, nunca ella pôde ser tal, que auctorise a antiguidade, que lhe suppõe o Sr. Freire, enlevado, (sem duvida), na boa vontade de nos dar até nisso a primazia sobre outras nações. Entretanto, se o patriotismo é digno de louvor; a verdade ainda

(1) Camões Lusíadas, canto 7.º; estancia 12.

o é mais: e bem haja o Censor, que com tanta urbanidade, como conhecimento de causa, desfez o prestigio, e reduziu ás suas justas dimensões a antiguidade da artelheria em Portugal.

Agora, pelo que respeita á antiguidade da polvora, parecia, que os auctores se copiavam uns aos outros, attribuindo a descoberta da sua composição a Roger Bacon (2), (bem que elle mesmo se não dá por auctor de tal invento); e d'este preconceito não se eximiu o proprio Darwin no seu poema dos Jardins (3), mas é notavel, que, em opposição a uma tal doutrina, vogava uma tradição confusa, e da qual ninguem explorava a origem, fazendo acreditar, que quando os nossos atrevidos navegadores abordaram pela primeira vez á China, já alli encontraram a bussola, a typographia, e a polvora!

Parece-me com tudo, que o digno auctor do artigo da Revista fez demasiada honra ao Dr. Fred. Hoefler; ou que este se illudiu a si proprio, suppondo-se o Colombo, ou Gama da descoberta das copias da obra de *Marcus Græcus*; porque Mr. Dutens já refere em 1776, (e note-se, que é a data da 2.^a edição da sua obra), como tivera na sua mão uma copia do celebre *Liber ignium* de *Marcus Græcus*, a qual lhe fora confiada pelo Dr. Jebb, editor de Roger Bacon, que a extrahiu de um manuscrito pertencente ao Dr. Mead. E aproveitou este incidente para dizer, que comparando os dous respectivos logares da Revista, e de Mr. Dutens, encontro duas differenças, que não será inutil apontar. A primeira é, que Mr. Dutens chama — Mesué — ao medico arabe, ao qual a Revista chama — Misué — (o que pôde provir de erro typographico em qualquer dos dous) (*):

(2) Bacon viveu na segunda metade do seculo XIII. Veja-se Fred. Laup nos seus mappas synchronisticos; mappa 16.

(3) Darwin, poema dos jardins, traducção de Nolasco da Cunha, canto 1.^o; verso 319.

(*) Que foi erro typographico se vê da Errata a pag. 320. (*Da Redacç.*)

e a segunda é, dizer a Revista, que este Mesué viveu no seculo XI; quando Mr. Dutens diz, que elle vivêra no anno de 800; e portanto, nos principios do seculo 9.^o! Mas como a Revista se serviu de letras romanas para designar aquella epocha, e nessas letras a unidade, escripta antes, ou depois do X, pôde significar ou 9, ou 11, é tambem possível, que um compositor confundisse, ou trocasse a verdadeira collocação, situando a unidade depois do X, em vez de a figurar antes.

Vejamus agora, se descortinamos o fundamento d'aquella tradição confusa, de que ha pouco fallei, e na qual todos fomos (por assim o dizer) embalados; mas começo desde já por declarar, que a expressão — *descortinar* — me escapou, em vez da palavra — *justificar* —; visto que o pequeno raciocinio, que vou fazer, está ao alcance de todos os leitores, entre os quaes apenas haverá algum, que o não tenha feito ha muito. A tradição referia, que os primeiros portuguezes, que abordaram á China, já lá encontraram a bussola, a typographia, e a polvora. Os primeiros viajantes entrados na China, e de que a historia da geographia faz menção, são dous musulmanos, que alli chegarant no seculo IX; e dos quaes Walchnaer cita a relação da viagem (4); e Malte-Brun, os proprios nomes dos dous viajantes (5). Por outra parte dando como certo, que *Mesué* viveu nos principios desse seculo IX; e que elle cita na sua obra (6) o *Liber ignium* de *Marcus Græcus*; segue-se que este viveu no seculo VIII: (e o auctor do artigo da Revista, a que alludimos, alli deixa provado, que elle foi posterior ao seculo VII) se pois a composição da polvora data do seculo VIII, e ao seu auctor se refere no seculo IX o medico *Mesué*, se neste mesmo seculo os dous viajantes

(4) Walchnaer, *Cosmologia*, pag. 245.

(5) Malte-Brun, *resumo geograph.* tom. 1.^o, pag. 360.

(6) *Juan. Mesuæ Medica; in fol. Venetæ 1581.*

arabes abordaram á China, justificada está a tradição, de que quando os nossos alli chegaram, já lá encontraram a polvora; visto que Fernão Peres de Andrade chegando alli sómente na primeira metade do seculo XVI; não eram passados menos de septe seculos, que a polvora podia ser conhecida, e usada na China.

Pelo que respeita á bussola, e á typographyia, seria curioso o achar uma igual explicação á tradição; bem que a chronologia citando a invenção da primeira entre os annos de 1200 a 1210, dá-se a mesma razão, para ter sido encontrada na China em 1517. Entretanto Aristoteles no seu livro — *de Lapidibus* — citado por Alberto Magno, falla de um lado do Magnete que da parte do norte atrahê o ferro; e accrescenta — *Et hoc utuntur Nautæ* —. Se é pois verdadeira esta citação, a que distancia não será preciso retroceder, para encontrar a data d'esta invenção! Digamos com Volney — *a antiguidade é tenebrosa*....

A. J. M. C.

O FIDALGO E O POETA.

(Continuado da pag. 286.)

Que confuso tropel, que tumulto de vozes vai agora em casa de Duarte G!..

Tende paciência, leitores benevolos; perdoae-me vós, ó graves e respeitaveis discipulos do grande Aristoteles, se assim desacato os preceitos do vosso mestre; mas não ha remedio... mudamos novamente de scena.

Vamos outra vez até a sala do nosso fidalgo, onde já estivemos no começo d'esta historia, como de certo vos lembra ainda, e alli veremos reunidos todos esses vadios e mal-encaminhados estudantes, que eram a perdição de quantos se mettiam a acompanhar com elles.

Vamos lá.

É á bocca da noite; o céu, que de manhã estivera tão lindo, turvou-se de nuvens cinzentas, um vento frio e agudo assobia pelas figas da mal-segura janella, e faz ondear a luz, que está sobre a banca, em redor da qual, uns em pé, outros sentados, se apinham estes desenfreados mancebos.

O caso é urgente e sério. Cada-qual dá a sua sentença... e nenhuma agrada por fim!

Duarte G. não sabe a qual ha-de achar mais razão. Pasmado, suspenso... com o rosto acceso de cólera intenta desafrontar-se, precisa desafrontar-se da vergonha, que passára na aula, e olha como varado, ora para os seus amigos, ora para Manoel-Braz.

Porém o laçao não falla... não quer fallar: e os estudantes fallam todos á uma. Era como quem estivesse na torre de Babel. Ninguem se entendia. Fallam todos á uma e do tal modo, que o curioso que deixou escriptas *estas memorias*, que como se pôde ver não era *tachigrapho*, descuidou-se de citar os *personagens* para lhes aproveitar os *dictos* sómente.

Ora pois. Diziam elles, os taes senhores:

— Assim me Deus salve a minh'alma, como se isto sôra comigo... havia-me de despiciar, isso havia.

— É como nobre e fidalgo.

— E por modo que lhes ficasse de emenda.

— A elle e mais a todos os...

— Mas a elle, quem?..

— Forte pergunta! ora a quem ha-de ser?

— Ao cabreiro; não sabes?..

— Ah!

— Ao cabreiro, está visto, áquelle maldicto cabeça-baixa...

— E sonso, que parece que nem matava uma mosca sequer...

— Pois olhae que foi o culpado de tudo.

— Foi, foi.

— Oh! se foi!

— Ah! donato, donato, que me havias de cahir nas unhas!..

— Ou a mim, que eu te ensinaria.

— Foi o culpado de tudo, o cão!

— E não vo-lo disse eu logo hontem, á noite?

— É mais eu.

— Ensinou-lhe a lição toda errada!..

— Se ó que elle queria era fazer envergonhar a Duarte.

— Para ficar depois todo inchado com o triumpho.

— É verdade.

— É; que até estava a olhar para o padre-mestre, a olhar como quem diz: chamae-me, chamae-me que então vereis.

— Tal e qual.

— É verdade.

— Nada, nada: isto não ha-de ficar assim.

— Nada; é preciso que se lhe dê agora a sua lição, tambem.

— Vá!

— Vá!

— Vá!

— E como ha-de ser?

Houve aqui um momento de silencio; em quanto que naquellas imaginações ardentes borbulhavam e se figuravam os mais barbaros tormentos, mais crus e requintados talvez do que esses que *Salucio* e *Gallonio* nos referiram.

Até que em fim... um certo fedelho que era tido e havido pelo mais esforçado campeão dos ranchos da academia, bateu as palmas para pedir attenção, impando de enthusiasmo como um

Ganso enlameado

Dos outeiros de Chélas ou Sanct'anna.

Subiu a cima d'um tamborete, e tomou a mão:

— Senhores! este cabreiro se com a lingua fez o mal com a lingua o deve pagar, cortemo-lh'a cêrcea pela gorja e levemo-la ao *Cirilho*, que no-la faça guizada ou de verde.

E desatou a rir como um perdido.

A illustre assemblêa ficou perplexa.

— Pois eu digo... — acudiu outro, depois — digo que antes lh'a pinguemos com tocinho, como se fôra a um escravo.

— Ou então... desafia-lo — sahii d'alli um pivete todo adamado — eu parece-me... desafia-lo era melhor... é como agora se usa na França...

(Note bem: já nesse tempo tinhamos o geito de macaquear os estrangeiros)

— Ora adens, deixae a França e mais as suas modas, deixae, — respondeu com rosto severo um mocetão da borda-d'agua, alentado como o seu gado e gordo como as suas letras — a verdadeira moda é cá a da nossa terra. Arrocho e mais arrocho!

Era nacionalissimo o alvitro.

Romperam todos n'uma exclamação profundamente conscienciosa, que não sei traduzir na moderna linguagem senão pelo tão elegante e parlamentar *APPOIADO!*

Até Duarte G. se erguen a sorrir com um sorriso historico de raiva e impaciencia.

Até o lacaio... oh! esse!...

Ah! Manoel-Braz, Manoel-Braz! bem podes arregaçar as mangas da camisa, e aprumar o teu cajado de lodam, que agora vais tu ser um homem, que agora vais mostrar o que vales!

Já se armam e aparelham todos. É nma alcateia de lobos, que vai combater... com um cordeiro!

Já descem a empinada escada com precipitosos passos, misturando pragas e ameaças com o bramido da tempestade, que se desenfruiu de repente como para dar um colorido mais negro áquella scena de horror, que veiu como essas que os *Hugos* e os *Dumas* evocam em certas situações de angustia dramatica, ou para entalarem o coração da gente sensivel, até lhes arranear lagrimas de sangue, ou para armar aos aplausos da platêa, que, por mais que se diga, gostou, gosta, e ha-de gostar sempre d'isso.

Mas a tormenta rugia, e os estudan-

tes capitaneados por Manoel-Braz des-
cem n'uma longa fileira, semelhantes
aos phantasmas de que falla o *Dante*
nestes bellissimos versos:

E come i gru van cantando lor lai,
Facendo in aer di se lunga riga,
Cosi vid'io venir traendo guai
Ombre portate d'alla detta riga.

Desceram, chegaram á porta de Pe-
dro Mendes... aballaram-na... arrom-
baram-na!....

(Continúa.)

Pereira da Cunha.

AS TREVAS.

(De Byron.)

Tive um sonho, que em tudo não foi sonho.
Não brilhava no céu, tinha apagado
Seu facho luminoso o rei dos astros;
Dondejavam perdidas as estrellas
Cortando sem fulgor, sem rumo o espaço,
Onde a terra gelada negrejava
Sem ter lua que a senda lhe amostrasse;
Despontava a manhã, durava iustantes,
E rompia outra vez sem vir o dia!

Negro manto d'horror cobria o mundo,
Congelando as paixões que os homens nutrem;
Implorava cada um em prece egoista
O regresso da luz que almejam todos;
Apinhavam-se em torno das fogueiras
Onde os paços dos reis, do pobre os colmos,
Accendiam de balde, procurando
Da noite afugentar teimosas sombras.

Mas ardem já por fim villas, cidades
Que o incendio voraz aniquilava;
Ao clarão das chammas dos seus tectos
Os homens reunidos querem ver-se;
Só ditoso se julga o que allumia
Funerea tocha de volcão fremente!

Restava apenas duvidosa esperança
Que adoçava do mundo as agonias:
Aos bosques o incendio vai lançar-se,
As chammas nas florestas já crepitam.
Mas é tudo baldado! dentro em pouco

Tudo em cinza se faz; caíndo os troncos
Com immenso fragor, depois se apagam,
Derramando na queda estranho brilho
Que d'estranha expressão mil rostos córa.
Um chora, esconde a face, outro se prostra,
Qual cruza os braços, qual intenta rir-se;
Correm outros em busca d'alimento
Que as pyras funeraes nutrir lhes possa;
Qual levanta p'ra o céu — vasta mortalha
Em que o espectro do mundo se envolvia —
Os olhos supplicantes, mas de balde
Que só trevas descobrem — qual arrasta
A fronte pelo chão, rangendo os dentes,
De mil imprecações cortando os ares!

As aves pelo espaço doidas giram
Aqui, além batendo inuteis azas;
As feras sanguinosas vagam timidas
Como innocentes, candidos cordeiros;
Das venenosas farpas esquecidas
Entre os homens as viboras sibilam
E servem d'alimento. A guerra surge;
O sustento com sangue só se compra;
Lá devora cada um sósinho a preza!

Fugiu da terra amor; só nella impera
Pensamento fatal de prompta morte;
Não havia no mundo entranhas d'homem
Que o abutre da fome não roesse;
Não tinham sepultura, os que morriam
Eram pasto dos vivos... uns aos outros
Mesmo ás bordas da campa se tragavam.
Os proprios cães seus donos investiam,
Todos, apenas um fiel persiste,
Defendendo seus restos contra as aves
Contra as feras, e homens esfaimados;
Não buscava alimento, só gemidos
Só profundos soluços arrancava;
Morreu beijando a mão que enregelada
Não paga, como outr'ora, os seus carinhos.

Tudo á fome succumbe, apenas restam
D'uma grande cidade, ambos contrarios,
Dous habitantes só; juncto das cinzas
Inda quentes d'uma ara os dous se encontram;
Revolvem-nas co' as dextas já mirradas
E vacillante luz co'um sopro arrancam;
Ao pallido clarão então contemplam
O satânico horror dos rostos d'ambos;

O susto os fulminou, junctos morreram
 Não sabendo nenhum qual fosse o misero
 Que em feio espectro convertera a fome.

Tornou-se desd' então o mundo um ermo;
 As cidades, os campos mais formosos
 Sem verdura, sem vida, eram apenas
 Inerte chaos, do pavor morada.
 As ribeiras, os lagos, o oceano
 Dormiam longo somno, immoveis, mudos!
 Sem nautas divagavam mil navios
 Cujos mastros caíndo não ergulam
 Uma vaga sequer — parecem todas
 Em profundo sepulchro asferrolhadas —
 A lua, que as regia, não alveja;
 Os ventos buliçosos nem respiram;
 As nuvens, de que as trevas não carecem
 Porque trevas é tudo, não existem.

A. Lima.

HISTORIA DE PORTUGAL.

POR

A. Herculano

TOMO I.

Possnidos do sentimento nacional, e incitados pelo credito do Auctor, lemos com avidez e interesse esta primeira amostra da nova Historia de Portugal que o Sr. Herculano nos tem prometido. A nossa expectação não ficou illudida. O distincto litterato, senhor do gosto do seculo actual, com a mesma facilidade com que antes tomava o pincel de Walter-Scott para nos descrever os costumes antigos em quadro romanesco e dramatico, o qual (quem sabe) talvez para o futuro passará por historia exacta; com a mesma lança agora mão da penna de Thiers para no-los narrar, sem poesia, mas com critica e magestade.

A primeira parte d'este volume contém uma succinta introduccão sobre o estado do paiz ao tempo da fundação da Monarchia. O novo Historiador abandonando a practica e opinião corrente, não quiz nesta indagação remontar além da

invasão dos Arabes: não consente que a nossa arvore de geração suba acima do seculo VIII: no seu entender os Lusitanos não são nossos avós. Offenderiamos de certo o Sr. Herculano se o applaudissemos por ter ridiculisado os sonhos de Fr. Bernardo de Brito: não sustentamos mesmo que a ascendencia dos vencedores de Manilio e Scipião não seja um resto de vaidade da nação; e que a historia dos Lusitanos não forme uma excrescencia inutil na historia de Portugal; *nec gemino bellum Trojanum orditur ab ovo.*

Mas se podessemos, não deixariamos correr á revelia a causa de Andre de Resende. Esses povos que com certeza habitavam antigamente uma parte ao menos do paiz em que vivemos, seriam de tal maneira exterminados, que d'elles não ficasse descendencia? Não será antes crível, que apesar das repetidas invasões de estrangeiros, sempre os indigenas, livres ou escravos, escapassem pelas serras e lugarejos para transmittirem aos seculos futuros o seu sangue, e talvez os seus costumes, muito embora mesclados? Não se encontram em muitas inscrições as tribus indigenas mencionadas em separado das gnarnições romanas? Isto em quanto á verdade; e pelo que pertence ao interesse historico, acreditamos que o filho de Evora lerá com mais gosto as nobrezas da sua terra natal no tempo de Sertorio, do que as sanguinarias intrigas da corte de Cordova, ou as dissensões dos Ommyades, e dos Edrisitas.

Na segunda parte segue-se a historia desde o casamento do conde D. Henrique até a morte de D. Affonso Henriques, limitada aos acontecimentos militares e politica externa; porque o estado interno da nação fica, segundo o methodo do Auctor, reservado para outro livro. Acham-se aqui os factos d'esta época postos em toda a sua luz, mas sacudidos do ouropel, que a credulidade e o mal entendido zelo da patria por

muito tempo nelles admirou. O leitor descobre os personagens em todas as suas proporções, e encontra seguido o fio dos acontecimentos sem interrupção, e sempre com interesse e gloria da Gente Portuguesa. Acresce uma locução classica, mas sem affectação, e um modo de dizer facil, elegante, e ás vezes florido.

Oxalá que o Sr. Herculano possa levar ao cabo esta obra: não teremos neste objecto que invejar aos estrangeiros.

NOÇÕES DE PHILOSOPHIA.

Depois do termos recebido a carta, que acima deixamos transcripta do Sr. Silvestre Pinheiro, recebemos outra em que referindo-se á nota da pag. 318 nos diz o seguinte:

Tenho de rogar a VV. o obsequio de fazerem declarar: — Que as minhas *Noções* são, no meu entender, um compendio de Logica e Metaphysica, comprehendendo a Theologia natural, cujas doutrinas se acham disseminadas pelas tres partes: Ontologia, Psychologia, e Ideologia; compendio sem duvida muito imperfeito, e em que muito haverá que emendar, mas *completo* porque encerra todos os pontos elementares d'aquellas sciencias. Quanto a não se ter julgado conveniente adopta-lo para uso das aulas, tão longe estou de o estranhar que até o havia previsto na Advertencia ás *Noções*: bem como tinha achado muito natural que na escolha de um compendio de Direito Publico, se preferisse ao que eu publicára em 1831 o de Macarel ou qualquer outro. No acto de publicar esses differentes escriptos, que ha quinze annos a esta parte tenho dado á luz, repeti muitas vezes aos meus amigos aquellas memoraveis palavras de Kepler: *J'écris mon livre: il sera lu par l'âge présent ou par la postérité* — Que m'importe?

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

CADÊA ACADEMICA.

Se exceptuarmos as cadêas de Lisboa e Porto, podemos dizer que as de mais jazem para ahí ao desamparo, e em tal hediondez e insalubridade que quem as visitar não deve esquecer-se do frasco de vinagre do inglez *John Howard*!

É magoa que, assim neste como em outros objectos de interesse publico, se pense que Portugal se compõe sómente das suas duas principaes cidades; parece que os outros pontos do reino estão fóra da communhão portugueza; parece que aquellas duas filhas mimosas, consumindo tudo nas sua joias e arrebiques, cuidam que o patrimonio commum só a ellas pertence!

Pois se vissem como suas irmãs padecem a muitos respeitos, talvez se envergonhassem das suas ruas à *Mac-Adam*, dos seus passeios de gradarias, dos seus theatros soberbos!

Nas Provicias o aspecto do paiz é inteiramente diverso do que devia e podia ser, se não fóra tão minguido o circulo dos melhoramentos physicos e moraes; nas cadens, sobre tudo, o desleixo tem sido completo: — ha logares, onde a prisão é impossivel por falta de casa; ha outros, em que essa casa é uma morte lenta, excedendo assim o fim da pena; em quasi todos, os presos são empilhados como fardos sem a menor classificação de moralidades; em todos, as casas de detenção são outras tantas escolas de vicios, e a fonte, e o centro dos crimes que cá fóra se praticam!

Mas não nos propuzemos, por agora, a examinar, e comprovar estes factos, a obrigação que hoje nos impuzemos foi a de chamar a attenção da auctoridade competente sobre a cadêa do Aljube, como cadea de academicos; — falseariamos uma parte essencial da nossa missão se o não fizessemos, desmentiríamos o titulo e om que tanto nos honramos, e que tim bramos de trazer puro, e imparcial na nossa bandeira.

A casa, que na cadeia do Aljube está destinada para os estudantes, não seria propria nem para criminosos de maior gravidade, nem para homens de mui diversa educação; — duas janellas de grades senistras, que deixam passar á vontade pelas portas crivadas de fendas as injurias do tempo, quatro paredes immundas, um tecto alumado, e de barrotes descarnuados, um solho carcomido, a vizinhança d'uma latrina, eisahi a cadeia dos estudantes!

E todavia não é isto o que a lei quer; o decreto de vinte e cinco de novembro de 1839, que é ainda hoje o regulamento de policia academica, diz assim no Titulo 5.º art. 23 — «Haverá dentro da Universidade uma casa destinada pelo Reitor para detenção das pessoas academicas, que forem presas.

— Em quanto não estiver prompta servirá para o mesmo effeito uma casa decente na cadeia do Aljube, posta á disposição do Reitor, cujas ordens serão exactamente cumpridas pelo respectivo carcereiro.

Rogamos que se vá ver aquella casa, que se mande, ao menos, examinar por olhos que vejam, e, se nos disserem depois que é *decente*, declarámos desde já que não sabemos o que é uma casa *indecentissima*.

Se os academicos são um corpo excepcional, se muitas das garantias que cabem aos de mais cidadãos estão para elles interrompidas durante o tempo dos estudos, esta mesma posição desfavoravel deve dar-lhes alguns privilegios em compensação; a lei que os tornou excetricos não podia esquecer que era preciso crear-lhes em tudo uma esphera sua, e differente da esphera commum; é o que bem se vê no citado decreto de 1839 quando quer que *dentro da Universidade* haja uma casa destinada para a detenção das pessoas academicas; — a casa, que supprir esta, em quanto ella não existe, deve de ser afe-rida pela mesma exclusão legal, e de-

cente, em todo o caso, porque é uma disposição expressa.

Além d'isto, a educação moral tambem entra no numero dos beneficios que o estudante carece de colher na Universidade, e a educação moral corrompe-se dentro d'uma casa como a cadeia do Aljube; o estudante alli dentro sente-se degradado da sua nobre posição, desapparende se já apprendeu, e não apprende nenhuma moral.

Se porém a tudo isto juntarmos o erro de os encerrar promiscuamente com presos politicos, e até com acusados de roubo que havemos de dizer? Não ha muito ainda que este erro se commettiu, não só contra todos os principios criminaes, não só contra o privilegio que a lei lhes concede, não só contra a educação que sempre se suppõe em academicos, não só contra a dignidade que se lhes deve conservar, mas sobre tudo contra a obrigação implicita de os não expor á corrupção, de lhes formar, dirigir, e conservar os costumes.

Encurralaram-se mais de dez estudantes em um quarto já occupado por outro preso não academico, e d'ahi resultou que alguns de lá sahiram com a saúde deteriorada, e ainda hoje padecem as consequencias d'este tractamento que não pudera deixar de maguar-nos como a homens, quando não como a irmãos e companheiros de estudos.

Não ousamos crêr que a auctoridade academica seja sabedora do estado dos perigos da cadeia do Aljube, é de certo contra a sua vontade, é de certo porque o não sabe que tudo isto acontece; mas nós aqui vimos delatar-lhe os factos como nos cumpre, moralisa-los como é proprio da missão de escriptores, vimos lembrar que são passados septé annos desde que o Aljube servy como casa provisoria de detenção para os academicos; e esperamos que, uma vez levados estes factos ao seu conhecimento, desapparecerão para sempre estas nodças que deslustram a Universidade portugueza.

INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO SOBRE A LEGISLAÇÃO.

(Continuado da pag. 166.)

Quia audisti vocem uxoris tuae, et comedi-
disti de ligno, ex quo praeceperam tibi,
ne comederes, maledicta terra in opere
tuo: in laboribus comedes ex ea cunctis
diebus vitae tuae.

Genes. cap. 3. v. 17.

Dignus est operari mercede sua.
S. P. ad Tim.

O trabalho é meio indispensavel para a existencia do homem; e portanto sem elle não pôde haver sociedade.

Este principio de simples intuição, e por consequente de verdade eterna, foi conhecido e sancionado em todos os codigos antigos e modernos, e não é por esse lado que nós achamos que o Christianismo veio influir na legislação: mas sim em quanto que, elevando-se mais alto, pairando nas regiões puras do Direito (sua fonte); aonde não sobem os vapores infectos dos factos humanos, e com a força emanada da synthese eterna, lhe assignou historicamente a origem, descortinou a sua natureza verdadeira, e marcou-lhe fins humanitarios e moraes.

Estes caracteres do trabalho, considerado christãmente, vieram influir prodigiosamente no Direito publico e privado das nações allumiadas pelo pharol acceso no Sinai, desassombrado dos symbolos e figuras na Golgatha e dado a conhecer em todos os pontos do Globo

—A REVELAÇÃO.

E com effeito se em o artigo antecedente vimos como os philosophos e legisladores destituídos da luz revelada consideravam a escravidão; e no entanto não podiam negar ao escravo a natureza de homem! Qual seria pois o fundamento das suas falsas idéas? Nenhum outro senão a falta de conhecimento da verdadeira natureza do trabalho.

Espiritualistas, como são todos os que se tornam reflexos do senso intimo das

nações, não podiam deixar os philosophos e legisladores de menosprezar o que a sociedade civil e politica apresenta de material nas suas relações; como facto puramente material se lhes apresentava o trabalho, e por consequente indigno do cidadão; mas como este não podia viver sem o resultado do trabalho, ali temos que aquelles que perpetuamente a elle se dedicavam deviam ser considerados como instrumentos. Dado este passo logico era consequencia necessaria o aviltar o homem a quem a desgraça havia obrigado a ser instrumento, e d'aqui seguiu-se a assimilação do homem escravo com os irracionais.

Assim pensaram Platão, Aristoteles, Cícero, e os Legisladores romanos.

Pelo contrario Moyses, declarando-se orgão da Divindade, e provando a sua missão, talvez taoto pela bondade da sua doutrina como pelos milagres, havia, na historia do genero humano, consignado um facto, e com elle dado ao trabalho uma origem natureza e fim moraes, e por consequente elevou-o a outra ordem de idéas, nunca comprehendida dos que ignoravam a historia do Genesis.

O primeiro homem peccára, e com elle todo o genero humano — *Comerás do teu trabalho, e o teu pão quotidiano será amassado com o suor do teu rosto.* Eis a pena expiatoria que foi imposta a todo o genero humano na pessoa do seu primeiro pae.

Examinemos os corollarios contidos neste facto.

Todos os homens peccaram em Adão, logo a todos os homens foi imposto o trabalho: a ociosidade é um crime, porque (além de outras considerações) a parte do trabalho imposta ao ocioso tem de ser executada por outrem; sendo o ocioso um ladrão.

O fructo do trabalho é propriedade de quem trabalha, porque foi d'elle que o homem deveu alimentar-se, logo que, como pena, teve de arrancar do seio da terra o seu alimento.

O trabalho deve ser compensado em

razão dos sacrificios de quem trabalha, e não da utilidade de quem d'elle se aproveita; aliás a pena seria toda em proveito d'este, e damno d'aquelle, e a pena foi igualmente imposta a todos.

O fim do trabalho é altamente moral e religioso, e portanto não pôde nem deve ser dirigido a fins immoraes, porque seria dar-lhe uma direcção oposta á que lhe foi marcada.

Assim concebida seria christã a legislação; mas força é confessarmos que é isto um desejo, diremos antes, uma esperança viva fundada na fé profunda de que a caridade ha-de um dia dictar os artigos dos codigos, quando estes legislarem acerca do trabalho.

Não somos utopistas, não somos niveladores, mas envergonhamo-nos como juriconsultos quando vemos a propriedade material rodeada de tantas salvaguardas legislativas, ao passo que a sua causa productora (o trabalho) é abandonada ás disputas das escolas; correndo as nações com a velocidade do raio, do feudalismo da gleba para o feudalismo mil vezes mais horrivel e deshumano da industria.

São os ricos e os poderosos os que sempre fizeram, e farão as leis, e por conseguinte em quanto a verdade do Christianismo com o seu bafo animador não abrandar os corações enregelados pelo principio utilitario, não será a legislação outra cousa senão o escudo com que se acobertem a avidez e a soberba dos que têm e não trabalham contra os que não têm e trabalham.

Quando se chega a ver milhares de homens succumbir em lucta desesperada bradando — *Viver trabalhando, ou morrer combatendo* (*), é forçoso reconhecer que as leis reguladoras do trabalho não estão concebidas no espirito do Evangelho.

Oeconomistas, em quanto que seguiram a escola de Smith, vieram augmentar os embaraços para que fossem escutadas as vozes da caridade (**).

Liberdade de trabalho — livre concorrência — São os principios que mandam inscrever nas leis os apostolos da escola economica, que dominou a concepção das legislações modernas. Mas o que exprime estas ócas palavras quando se traduzem em factos? — miseria, opressão para uns; monopolio, opulencia para outros. Como ha-de luctar o simples operario com o capitalista? Como ha-de concorrer na barateza dos productos? — De nenhum modo.

Logo as legislações actuaes em quanto que seguem taes principios, fogem da vereda do Christianismo, á qual sómente as pôde conduzir a convicção da verdadeira noção do trabalho dada pela revelação (***)

Tudo quanto não fôr isto é responder aos brados da consciencia com os sophismas do egoismo; é atirar aos sedentos de justiça com o escárneo de phrases riboubantes, mas vazias de força; emfim é matar a fome com ferro e fogo (****).

S. B.

(*) Veja-se Luiz Blanc — Hist. dos Dez Ann. L. 2. cap. 36, e L. 1. cap. 24.

(**) Veja-se o art.º Adam Smith na *Encyclopedie Nouvelle*, e á vista da rigorosa e imparcial analyse ali feita ao systema industrial, não tememos ser taxados de impudentes quando *desacatamos* as cinzas dos economistas.

(***) Não somos Sansimonianos, nem Fourierianos, nem mesmo inimigos da Economia politica; mas temos a franqueza de dizer, que em quanto se occupa da riqueza como *facto material*, a julgamos muito longe de dever aparentar-se com a Jurisprudencia. — Bem haja a escola franceza, que a quer ennobrecer.

(****) Depois de escripto o que fica dicto depa-ramos com o artigo de um Periodico (Le National de 25 de Março) no qual se encontra um facto de

alta transcendencia, qual é o monopolio mais ou menos ostensivo de todos os caminhos de ferro da França por Mr. Rothschild. A par d'este facto nota-se (e com razão) a tendencia geral de todas as pequenas associações industriaes a esta centralisação, morrendo, pela fatal lei da concorrência illimitada, da mesma morte que ellas haviam dado ás industriaes individuaes. Mui sérias são as reflexões com que vêem acompanhadas estas novas. E se nós não approvamos, como remedio para este feudalismo, uma revolução como a de 1789 (único que lhe encontra o periodiqueiro), todavia julgamos que a lembrança de um tal remedio é prova evidente da gravidade dos factos, e do futuro que aguarda as sociedades regidas por leis que não consideram o trabalho á luz da philo-sophia christã.

MEMORIA HISTORICA SOBRE A
INSTRUCCÃO PRIMARIA ENTRE NOS.

(Continuado da pag. 342.)

Reforma de 20 de setembro de 1844.

A mudança politica em janeiro de 1842 trouxe consigo a reforma de todos, ou quasi todos os regulamentos publicados durante o predomínio do partido da revolução de setembro. Em materias de instrucção bastariam algumas emendas em poucos artigos, porem quiz-se publicar um codigo grande e pomposo: o que se effectuou no decreto de 20 de setembro de 1844, confirmado depois por lei das côrtes de 29 de novembro do mesmo anno. Nesta reforma lançaram-se muitas disposições da anterior legislação sem outra differença senão de redacção, confirmaram-se outras por meio de simples remissões, e misturaram-se outras novas de uma maneira confusa e difficil. O executor não pôde prescindir de consultar continuamente as anteriores, e tem além d'isso o trabalho de as combinar, e pôr em accordo e harmonia, o que nem sempre é facil.

A principal e mais importante reforma que se contém neste decreto, é a execução da idéa de 1835 — a creação do Conselho Superior de Instrucção Publica, indispensavel como deixamos dicto, para dar um só pensamento e unidade á instrucção em todos os seus grãos, e para formar o centro do corpo ensinante. Este Conselho foi estabelecido em Coimbra, e compõe-se de oito vogaes ordinarios, divididos em tres secções e presididos pelo Ministro do Reino, e na sua falta pelo Reitor da Universidade. Para coadjuvar os vogaes ordinarios no expediente do serviço litterario foram-lhe mandados rennir com o caracter de vogaes extraordinarios os Doutores aspirantes ao magisterio das faculdades.

Para a inspecção da instrucção primaria, e secundaria foram creados commissarios do Conselho em todos os Districtos. Receamos porém que a tenuidade do ordenado, e o serviço do reitores dos Lycéos, a que são chamados os commissarios, obste ao bom serviço, que d'elles se espera.

Nos artigos 173 e 174 estabelecem-se a garantia das aposentações e jubilações para todos os professores qualquer que seja a sua graduação, mas por forma tão confusa, e podemos dizer tão mal calculada, que ainda receamos que ella se não possa levar a execução como se promette. Tomou-se para base da jubilação de todos unicamente o serviço de 30 annos. O professor de ensino primario, que obtem o seu diploma na idade de 21 annos sem outra habilitação senão a frequencia de uma boa escola de primeiras letras, pôde jubilar na idade de 51 annos, e de certo na idade de 60; o o Lente da Universidade que segundo o estado regular não pôde ser despachado senão de idade muito adiantada, que se preparou com um tirocinio não só laborioso, senão tambem de muitas despesas, depois das chamadas *provas de longa opposição* por muitos annos, provavelmente não poderá jubilar senão na sepultura. Eis aqui as consequencias necessarias d'aquella medida.

O Governo pôde demittir os professores, mas nunca sem preceder proposta do Conselho Superior sobre processo regular, em que aquelles sejam ouvidos.

Como meio de promover a instrucção primaria permite-se no art. 32 a imposição de multas aos paes de famílias que não mandarem seus filhos á escola.

Por este decreto conservam-se no mesmo pé as eschololas pelo methodo de ensino mutuo, ainda que por elle não ache no decreto nem uma só palavra de predilecção.

Mas em quanto ao ensino primario as duas innovações principaes, que caracterizam esta reforma, são a graduação das eschololas em 1.º e 2.º grão, e a crea-

ção de escolas normaes, das quaes vamos occupar-nos.

Entre as escolas do 1.º e as do 2.º gráu não ha outra differença, senão que nas primeiras ensina-se unicamente o que é indispensavel saber a todo o cidadão — ler, escrever, contar, doutrina, civildade, e alguns rudimentos da historia do paiz: são as escolas ruraes, e dos pobres. Nas segundas, além d'estas disciplinas, ensinam-se outros conhecimentos appropriados para os meninos das familias abastadas, que lhes querem dar uma educação mais desenvolvida sem os passarem ao ensino secundario — a grammatica, a geographia, a historia &c. Esta divisão adoptada na Allemanha e na França tinha sido approvada na Camara dos Deputados no projecto sobre instrucção discutido na sessão de 1844, e d'ahi passou para este decreto.

A criação das escolas do 2.º gráu, é vantajosa, mas não pôde entre nós executar-se sem outro desenvolvimento, que aqui falta, e no qual obstem as leis do thesouro. Nas nações estrangeiras estas escolas constituem grandes estabelecimentos, onde são empregados muitos professores: em quanto uns ensinam as disciplinas do 1.º gráu, outros occupam-se com as do 2.º. Mas entre nós um professor só como ha-de supprir a tanto serviço? Dividi como quizerdes o tempo, retalhae as classes, alternae as lições, fazei as combinações que quizerdes; em ultimo resultado ou o professor não ha-de ensinar tudo, ou tudo mal.

Esta idéa pois não se pôde levar a effeito senão nas cidades, onde ha muitos professores, fazendo-os concorrer no mesmo estabelecimento, se as povoações se quizessem encarregar da manutenção d'elle: no que não pomos grandes esperanças porque os nossos paes de familias todos folgam de accelerar a instrucção primaria dos filhos, e acreditam facilmente em adiantamentos que elles não tem para os fazerem pas-

sar ainda infantes ás classes do ensino secundario, e superior.

Em quanto ás escolas normaes: a sua utilidade é incontestavel. O ministerio dos professores de ensino primario é um sacerdocio, que precisa de uma iniciação practica assim no exercicio das virtudes moraes, como no ensino. A difficuldade consiste no seu estabelecimento. No decreto de 15 de novembro de 1836 tinha-se apenas expressado um signal de respeito a esta idéa, declarando *normaes* todas as escolas de ensino mutuo. Depois o decreto de 20 de setembro mandou crear duas — uma em Lisboa, e outra no Porto; consignou para esse fim uma dotação, mas não applanou todas as difficuldades.

Para formar o bom professor não basta instrui-lo, é necessario inspirar-lhe um sentimento de moralidade a toda a prova, que elle possa communicar aos meninos; e além d'isto fazer-lhe contrahir o habito da modestia e abnegação, porque o homem, que se lembra de entrar na carreira da ambição ou das riquezas, nunca pôde resignar-se ao ministerio do ensino primario. Não se hão-de conseguir estes fins collocando as escolas normaes nas grandes capitães, e chamando para estes logares de vicios, de corrupção, e das grandes paixões mancebos de 18 annos das aldéas, como quer o decreto.

Este meio em lugar de os melhorar, ha-de perverte-los: se adoptardes o externato, isto é, se deixardes viver os alumnos onde quizerem, quasi certa é a perversão: se adoptardes o internato, isto é, se fizerdes do estabelecimento um seminario, tendes de luctar com o excesso da despeza, e difficuldades da administração; nunca haveis de subjeitar moços de 18 annos ao rigor da disciplina de taes casas, e haveis de impregnalos dos vicios ordinarios d'estes estabelecimentos. As melhores casas para este effeito na Allemanha são as estabelecidas nas aldéas; e por esta occasião nos está lembrando o seminario de Seruache do

Bom Jardim, e o de Riafoles. Em França, onde são collocadas nas cidades, não têm exactamente correspondido ao seu fim; e homens sabios e perspicazes receiam, que d'ellas não saiam os modestos professores que se esperam, se não forem reformadas.

Não ignoramos que o Governo já publicou o regulamento para a eschola normal de Lisboa, que deve ser annexada á Casa Pia em Belem, onde se vai principiar o edificio respectivo. Todos sabemos o que significa deitar-se ainda agora a primeira pedra para esta obra.

Se fosse da nossa competencia, lembraríamos um meio de formar os professores, menos pomposo, sim, mas mais prompto, e mais accommodado ás nossas actuaes circumstancias. Escolham-se dentre os alumnos da Casa Pia, e dos Seminarios de pobres, e orphãos das outras cidades, aquelles que ao sahir da instrução primaria mostrarem melhor indole e aptidão para o ensino. Fiquem detidos nas mesmas casas até a idade competente, onde em classe separada sejam instruidos por um director habil nomeado para esse fim, que lhes ensine theoreticamente as disciplinas proprias, e os acompanhe na practica do ensino. O Governo não faria outras despesas se não os ordenados dos directores, e poderia dar aos alumnos, para os convidar e animar, os partidos prometidos no decreto aos pensionistas. Estamos, que se os directores forem habéis e zelosos, se tirariam d'esto methodo as mesmas ou melhores vantagens do que se esperam de estabelecimentos tardios e incertos.

Ultimo estado da Instrução primaria

Por lei de 31 de julho de 1839 foram mandadas crear mais com escholas do Governo; de forma que em 1844 para 45, o numero d'estas no continente era de 1:116 frequentadas por 45:723 alumnos; as escholas particulares, de que havia conhecimento officia!, eram 1:044,

frequentadas por 18:776: total dos alumnos 64:499. Ora sendo a população de 3:412:500 almas, vem os alumnos das escholas a estar na proporção de 1 para 52. Em muitos paizes da Europa que passam por cultos, esta proporção não é maior; entretanto estamos bem longe de acreditar, que o nosso povo seja instruido, e a observação nullo attesta. Qual é então o motivo? É porque grande parte dos alumnos das nossas escholas sómente figura na cifra da matricula, mas nada aproveita na instrução.

As principaes causas d'esta falta de aproveitamento são: 1.^a a incuria e desmaselo dos paes, que não promovem a assiduidade, e adiantamento dos filhos. Esta falta só com o tempo, e desenvolvimento progressivo da industria se pópe desvanecer.

2.^a A pouca capacidade litteraria dos professores, principalmente nas Provincias do sul, e a falta de zelo no cumprimento dos seus deveres. Este mal póde atenuar-se com as habilitações normaes, com as frequentes vizitas, e vigilancia dos commissarios e autoridades administrativas, com os premios aos professores zelosos, e severidade com os remissos ou negligentes.

3.^a A falta de bons livros elementares para o uso das escholas: esta falta é mui sensivel, e não póde remediar-se senão com attentões e premios áquellas pessoas benemeritas, que os compuzerem accommodados á capacidade dos meninos.

O livro, que para uso das escholas tem ultimamente tido mais extracção, é o *Manual Encyclopedico* do Sr. Emilio Achilles Monteverde. Reconhecendo o importante serviço do auctor, e seu animo de diminuir o mercimento d'esta obra, seja-nos permittido dizer, que nella achamos defeitos, pelos quaes a julgamos menos apropriada para servir de exercicios até os meninos lerem correntemente, que é o de que principalmente precisamos. O Sr. Monteverde

quíz fazer um livro grande mas que o não parecesse: reuniu todos os objectos que achou dispersos por differentes tractados; empregou typo miúdo, e evitou as prefeições typographicas para encurtar a obra, o que embarça os principiantes. Espraou-se na Mythologia, e esqueceu-se de pôr á testa do livro os rudimentos da doutrina christã, o que entre nós senão pôde dispensar. Quasi todos os artigos, inclusive o da moral, logo no principio são expostos com um apparatus scientifico, e rigor de methodo, que para os meninos é perdido. De que serve obrigar-los a ler definições, etymologias difficultosas, divisões e subdivisões que elles não podem entender? O quadro das sciencias tem o mesmo defeito. O resumo da historia de Portugal é extractado no gosto dos nossos antigos historiadores. Todos os nossos reis até D. João III são heroes. Não queremos que á vista dos meninos os Monarchas appareçam desconceituados; mas basta que se lhes inculquem como *Grandes* os reis que realmente o foram; para que os meninos quando depois estudarem a historia com critica, se não achem enganados.

As crianças nas cousas naturaes não encontram senão phenomenos: cumpre fazer-lh'os notar, excitar-lhes a curiosidade, e explicar-lh'os por uma forma accommodada á sua capacidade, sobre tudo fazendo-lh'os ver pelo lado que elles servem para as necessidades da vida. Nas cousas moraes é necessario narrar-lhes os acontecimentos principaes, e moralisar-lh'os sem desenvolver miudamente as causas historicas, que estão ainda fóra do seu alcance; ensinar-lhes sentenças, e máximas de virtude e religião, e offerrecer-lhes exemplos, apologos e contos escolhidos com critica, e escriptos com singoleza. Um livro redigido segundo estas regras, e com extensão sufficiente, que os meninos cheguem ao fim desembaraçados na leitura, eis aqui o livro de que se necessita.

Escolas de meninas

A instrucção das meninas em escolas do Governo tem sido entre nós quasi abandonada; e por isso contentar-nos-hemos com dar d'ella aqui um succinto esboço.

Já desde 1801 estavam creadas em Lisboa 18 escolas de meninas, uma em cada freguezia. Em 1821 foram creadas no Porto seis, e em 1823 uma em Lagos. Depois em virtude do disposto no artigo 6 do decreto de 15 de novembro de 1836 creon-se uma em todas as outras capitães de Districtos.

São igualmente que as dos meninos, providas em concurso; e as concorrentes, além da habilitação litteraria, são examinadas em fiar á roca, e á roda, em fazer meia, bordar, e talhar de branco e de côr. Nisto mesmo se resume o que ellas devem ensinar. Segundo o artigo 42 do decreto de 20 de setembro, não podem ser providas sem terem trinta annos. Os seus ordenados actualmente pelo art. 43 do mesmo decreto são de 100:000 reis em Lisboa, Porto, e Funchal, e de 90:000 reis nas outras terras do reino.

No ultimo anno exestiam 41 escolas para este sexo, frequentadas por 1:835 meninas.

♦♦

A QUADRATURA DO CIRCULO.

Em Geometria chama-se *quadratura* a transformação de uma figura plana em um quadrado que lhe seja equivalente.

Para achar a quadratura de qualquer figura faz mister que se conheça a relação entre a área d'essa figura e um quadrado qualquer tomado por unidade.

Achar a quadratura de qualquer poligono rectilineo facil cousa é, tanto para o analysta, como para o geometra

synthetico: mas a de uma curva é na verdade problema, cuja difficuldade mesmo as pessoas estranhas á sciencia poderão até certo ponto conceber.

Archimedes, o velho genio da Mathematica, que nas aperturas da patria velando pela salvação d'ella fez cûrvar ante si as aguias romanas, foi o primeiro, que considerando o circulo como um polygono regular de infinito numero de lados, demonstrou ser a sua área igual a um parallelogrammo, cuja base fosse metade da circumferencia, e altura o raio. Faltava achar essa linha recta igual a metade da circumferencia, e eis ahí a difficuldade, que o espirito humano sempre insoffrido em vão tem procurado resolver. « Nenhum problema de Geometria, diz *Mr. de Montferrier*, é tão celebre, nem tão popular, como a *quadratura do circulo*: as tentativas innumeraveis, de que elle tem sido objecto, os *desatinos a que tem dado logar*, a importancia excessiva que lhe tem sido attribuida, tudo concorre para fazer interessantissima a sua historia.»

Alguns Geometras que se seguiram a *Archimedes*, partindo do falso principio — que é sempre possível achar uma linha recta igual a uma curva — tentaram determinar a relação entre o diametro e a circumferencia; e bem que não conseguissem fazê-lo completamente, puderam com tudo achar uma relação tão proxima, que se pôde tomar como sensivelmente exacta.

Um manuscrito da bibliotheca de *Ratclif* em *Oxford* traz feito um calculo, em que a razão do diametro para a circumferencia se acha aproximada até 455 decimaes, no que não se fez mais que acrescentar 27 letras ás que já achára o infatigavel *Lagny*: podemos pois, neste sentido, dizer que se conhece o valor da circumferencia do circulo, tomado o raio para unidade.

Mas achar essa relação exacta em numeros definidos, ou construir uma linha que a represente, está hoje demonstrado ser cousa impossível, porque

sendo a expressão numerica do valor de $\frac{1}{2} \pi$ deduzida por *Wronski*, da forma

$$\frac{1}{2} \pi = \frac{\infty}{\sqrt{-1}} \left\{ (1 + \sqrt{-1})^{\frac{1}{2}} (1 - \sqrt{-1})^{\frac{1}{2}} \right\}$$

ve-se que π é de uma ordem infinita, e por consequencia impossível de exprimir, e tambem de construir debaixo de uma forma finita. *Vid. Montf. Dicc. de Mathem.*

Todavia ainda ha quem se cance em procurar a construcção de um linha recta igual á circumferencia, e temos pezar de ver nesse numero o doctor *D. Joaquim Caceres y Arias*; que só para os menos conhecedores do estado actual da sciencia julgavamos reservada semelhante lucubração.

O Sr. *Caceres*, em um folheto publicado o anno passado, e offerecido á joven Rainha de Hespanha, suppõe ter achado uma linha recta, que representa a razão do diametro para a circumferencia, e que elle exprime por $\pi = \frac{x}{y}$, sendo x o raio mais o coseno de certo arco, e y o seno do mesmo arco.

A construcção é esta: tendo collocado em linha recta o perimetro de um polygono regular de n lados, levanta n'uma extremidade uma perpendicular igual ao que elle individamente chama diagonal do polygono; digo indevidamente, porque da demonstração se colige que elle queria fallar do dobro da perpendicular abaixada do centro do polygono sobre os lados do mesmo, á qual Hespanhoes mesmo (*Vallejo*) chamam *raio recto*.

Tira depois uma terceira recta que seja hypotenusa de um triangulo rectangulo cujos lados cathetos são aquellas duas linhas mencionadas, e no angulo opposto ao perimetro do polygono tira uma perpendicular á hypotenusa, a qual perpendicular irá cortar aquelle perimetro depois de prolongado. Sobre este assim prolongado, e tomado como diametro descreve uma semicircunferencia, que passará pela extremidade